



Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução (Ramo Profissionalizante)

Trabalho de Projeto

Recriar na tradução – *Simone Veil: Destin*

Simone – «Peau de pêche / Peau de vache»

Diamantina Maria Alfacinha Lagartixa Evaristo

Orientadora:

Prof. Doutora Margarida Gouveia Esperança Pina Saraiva Reffóios

Março de 2012

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução (Ramo Profissionalizante)

Trabalho de Projeto

Recriar na tradução – *Simone Veil: Destin*

Simone – «Peau de pêche / Peau de vache»

Diamantina Maria Alfacinha Lagartixa Evaristo

Orientadora:

Prof. Doutora Margarida Gouveia Esperança Pina Saraiva Reffóios

AGRADECIMENTOS

- . Agradeço, em primeiro lugar, à Orientadora deste trabalho de projeto, Professora Doutora Margarida Gouveia Esperança Pina Saraiva Reffóios, por todos os seus ensinamentos, por toda a sua disponibilidade e pelo apoio e incentivo, nesta árdua tarefa;
- . à Professora Doutora Ana Clara Birrento, por todas as informações culturais que me abriram novos horizontes;
- . à Júlia e à Madalena, pela sua paciência, pelo seu incentivo, pela sua colaboração e, sobretudo, pela sua amizade;
- . ao Zé Maria, por, tão prontamente, ter lido a primeira versão da tradução;
- . ao Gil, pela disponibilidade para, rapidamente, resolver as minhas dúvidas informáticas;
- . aos meus netos que, apesar de não perceberem como é que sou professora e aluna, são a fonte da minha alegria.

Traduire, [...], c'est servir deux maîtres: l'étranger dans son œuvre, le lecteur dans son désir d'appropriation.

Paul Ricoeur

A biografia é um antigo género da literatura que tem por proposta narrar a história de uma vida [...]. O discurso biográfico é híbrido e, como um subgénero do jornalismo literário, funde os recursos do jornalismo e da literatura [...].

Lindjane dos Santos Pereira

Comment Simone s'est-elle aperçue qu'ils n'étaient pas les bienvenus ? Qu'ils dérangeaient dans le tableau univoque d'une France toute entière glorieuse, résistante, gaulliste [...]. De quelle façon a-t-elle découvert, [...] ce que Jean-Paul Sartre confie à Raymond Aron dès la Libération : «Va-t-on parler des Juifs ? [...]. Pendant quatre ans, la société française a vécu sans eux, il convient de ne pas trop signaler leur réapparition.»

Maurice Szafran

Título: Recriar na tradução – Simone Veil: Destin

Sub-título: Simone – «Peau de pêche / Peau de vache»

RESUMO

As citações transcritas na página anterior servirão de orientação ao desenvolvimento deste trabalho de projeto, cuja finalidade principal consiste em apresentar a tradução da segunda parte da obra *Simone Veil: Destin*.

Após uma breve contextualização, onde serão enumerados alguns dados biográficos do autor, Maurice Szafran, procurarei justificar o epíteto *peau de pêche / peau de vache* atribuído a Simone. Posteriormente, exposta a metodologia adotada para a elaboração deste trabalho, tecerei algumas reflexões sobre este tipo de texto (texto biográfico) e abordarei a figura da biografada. Acrescentarei, então, a tradução da segunda parte da obra e, finalmente, as dificuldades encontradas, bem como as decisões tomadas.

Ao longo de todo o trabalho, tentarei justificar e defender o título e subtítulo do mesmo e apresentarei também algumas considerações sobre o perfil do tradutor e o ato de traduzir – ação inacabada que impõe um trabalho sistemático que não pode ser encarado de ânimo leve para não trair a confiança, nem do autor nem do leitor da obra traduzida.

Palavras-chave: biografia, tradução, sentidos, interpretação, cultura, língua, (re)criação.

Title: Recreating through translation – *Simone Veil: Destin*

Subtitle: Simone Veil – «Peau de pêche / Peau de vache»

ABSTRACT

The transcribed quotes on the previous page will serve as a guide of the development of this project, whose main goal is translating the second part of *Simone Veil: Destin*.

After a brief contextualization, where some of the author's biographical data will be presented, I will then try to justify why the epithet *peau de pêche/ peau de vache* is applied to Simone. As the chosen methodology for the creation of this project is presented, I will introduce some considerations about this type of text and I'll approach the biographee's personality, followed by the translation of the second half of the book and, lastly, I will showcase the faced difficulties as well as the decisions taken.

Throughout this paper, I will try to justify and defend its title and also present some thoughts on the translator's profile and the act of translating – an unfinished action, requiring continuous work, that cannot be faced lightly as to make sure both the author and the reader of the translation are not betrayed.

Key-words: biography, translation, senses, interpretation, culture, language, (re)creation.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
1. Metodologia	12
2. Temática	16
3. Tradução do <i>Corpus</i>	21
3.1. Tradução de <i>Simone Veil : Destin</i> (Cap. 8-13).....	21
3.2. Dificuldades específicas da tradução a nível lexical, linguístico, cultural	85
3.3. Glossário	115
CONCLUSÃO.....	120
BIBLIOGRAFIA	123

ANEXO: *Simone Veil: Destin* (cópia do texto original)

INTRODUÇÃO

Após uma longa reflexão sobre o ato translatório, julguei ser pertinente a atribuição a este trabalho de projeto do título **Recriar na tradução – Simone Veil: Destin**. De facto, toda a tradução implica, obrigatoriamente, a recriação do texto de partida: recriação ao transpor de uma língua para a outra; recriação ao procurar equivalentes axiomáticos; recriação ao ser forçada a alterar estruturas sintagmáticas. Em suma, um outro texto sendo o mesmo, porque «[a] tradução [...] corresponde a uma forma de leitura que, não podendo deixar de resultar numa escrita segunda do texto, não pode [...] fugir à razão despótica do chamado “original”» (Barrento, 2002: 84).

É neste movimento de uma “escrita segunda” que se levantam problemas de vária ordem, ocasionalmente geradores de ambiguidades ou de fuga ao sentido do texto de partida, exigindo a recriação de um outro texto. No ato de traduzir é necessário, por vezes, ocultar o que resulta estranho e não assimilável mas, citando João Barrento (2002: 81), é este mesmo silêncio/ocultação que «obriga aos saltos mais ousados, gera novas falas e é nestes interstícios que as línguas frequentemente se tornam mais criativas e originais [...]».

Antes de iniciar esta nova etapa da minha vida, “traduzi” alguns textos, artigos de revistas, excertos de romances... Vejo, agora, o quanto era *naïve*, pois ignorei ingenuamente a responsabilidade que é transportar para outra cultura «textos de autores variados, com sentidos construídos dentro de um contexto determinado, em definidos cenários, com o cuidado de, ao traduzir a língua, não mudar os seus sentidos.» (Agra, 2008: 1).

Assim, desperta para estes aspetos, reconheço que só a sua interligação pode levar à compreensão da visão do mundo, e logo à cosmovisão daquele que tem a tarefa de traduzir. Ora, é precisamente no encontro destes dois universos, na compreensão do que pertence ao outro, que emerge a dualidade autor/tradutor – autor/criador e tradutor/recriador. Houve, efetivamente, um sujeito enunciador que escreveu (autor) a obra. Mas, a partir do momento em que o seu texto é traduzido e transferido para outra língua, esse sujeito poderá ganhar o simples estatuto de enunciador. É evidente que o tradutor não vai apropriar-se do estatuto do autor, mas passa a ser o «contrabandista» (Wecksteen, 2008: 113), o «mediador» (Lima, 2010: 40), o «polígrafo» (Barrento, 2002: 17), aquele que trabalha com «uma ferramenta própria de fronteiras, de lugares ou espaços instáveis, aqueles em que há passagem entre culturas, travessias de identidade, desestabilização de referências culturais [...]» (Nercolini, 2008: 2), apropriando-se de tudo o que se lhe oferece.

Aliás, na referida dualidade, o tradutor é, na maior parte das vezes, ignorado e esquecido, apesar de «a tradução de um texto literário [ser] sempre uma reescrita, uma “re-visão” criativa do texto original» (Lima, 2010: 22).

A este propósito parece-me que, apesar de a profissão de tradutor ser tão difícil quanto delicada, ela é muito pouco reconhecida. Embora quase nunca se pense nele, o tradutor é quase tão importante quanto o autor porque um texto mal traduzido é um texto que morre à nascença. Uma má tradução torna impossível – ou, pelo menos, desgastante – a leitura de uma obra, ainda que tenha sido escrita por um dos maiores génios da literatura. Mesmo sem termos a noção do texto de partida, tropeçamos nas frases, chocamos com incongruências, sentimos que alguma coisa “não está bem”. Ao contrário, uma boa tradução faz-nos aderir ao universo do autor, deixa-nos subentender as nuances duma língua que não dominamos totalmente, permitindo-nos entrar noutros

mundos, noutras culturas... Mas, segundo Conceição Lima (2010: 64), «antes de sermos tradutores, todos nós somos [...] leitores. Consequentemente, o modo como o texto é trazido à consciência, isto é, a interpretação que é feita desse texto, é [...] única.» e o que vai suceder é que diferentes sujeitos, cada um estabelecendo uma relação interpretativa com o mesmo texto, transportam, naturalmente, essas mesmas diferenças para as suas traduções.

Debruço-me, agora, sobre a obra propriamente dita – *Simone Veil: Destin* (segunda parte, capítulos 8 a 13), começando por me referir ao autor da mesma: Maurice Szafran. É um facto que não foi este que nos levou a traduzir esta biografia porque nos era completamente desconhecido. O que nos induziu a escolhê-lo e à sua obra foi, precisamente, a biografia que ele escreveu sobre Simone Veil. Utilizo aqui a primeira pessoa do plural porque englobo, nesta decisão, as outras duas mestrandas que traduziram a primeira e a terceira partes de *Simone Veil: Destin*. Sempre que ocorram situações semelhantes, em que houve um trabalho conjunto, será utilizada essa mesma pessoa.

Do autor, Maurice Szafran, sabe-se que nasceu a 10 de setembro de 1954, em Paris. É jornalista, escritor, P-DG do semanário *Marianne*. Jornalista na secção *Culture* do semanário *Le Point*, tornou-se, mais tarde, diretor de *L'Événement du Jeudi*, dirigido por Jean-François Kahn, com quem veio a fundar o já citado *Marianne*, do qual vem a ser o Diretor de Redação. Depois da demissão de Jean-François Kahn do posto de Presidente do Conselho de Administração, Szafran foi eleito por unanimidade, no dia 1 de julho de 2008, para esse cargo.

Maurice Szafran escreveu ainda outras obras, só ou em colaboração, relacionadas com figuras políticas, das quais enunciarei algumas: *Chirac ou Les Passions du Pouvoir*, em 1986, *Les Juifs dans la politique française*, em 1992, *Simone Veil: Destin*,

em 1994.

Antes de referir alguns traços biográficos de Simone Veil, gostaria, em primeiro lugar, de justificar o aparecimento, no subtítulo do trabalho, da expressão *Peau de pêche / Peau de vache* que lhe é aplicada. Li-a num artigo de *Le Nouvel Observateur*, publicado no momento em que surgiu a sua autobiografia *Une Vie*. Entrevistada, Simone passa em revista todos os principais políticos com quem se cruzou na sua longa carreira, desde De Gaulle a Sarkozy, passando por Mitterrand, Giscard, Barre e mesmo Bayrou. Nesta entrevista ela é, segundo o autor, «*une jeune fille de 80 ans qui n'a rien à perdre à tout dire. Les bonheurs et les horreurs, les chagrins jamais enfouis comme les tendresses à fleur de larmes [...]*», deixando transparecer a sua faceta apaixonante e feroz, **ainda** *Peau de pêche / Peau de vache*...

Ao longo de *Simone Veil: Destin*, podemos encontrar várias frases que ilustram este epíteto, nomeadamente, *C'est une femme violente, d'une grande générosité*, dito por um amigo próximo (Szafran, 1994: 152); *Dans l'exercice de ses fonctions, malgré sa rigidité, elle ne réussit pas toujours à dissimuler une émotivité à fleur de peau* (p. 150); *Dans ces instants-là, Simone pouvait piquer des colères terribles en public, homériques. Puis elle les réprimait sans difficultés apparentes* (p. 130), testemunha Françoise de Boissieu; *Simone, à sa manière énergique et douce, prend la direction du couple* (p. 122); *Au cours de la visite d'un musée, elle n'y tient plus: "Tu veux peut-être me mettre une corde autour du cou?"* (p. 124); *Elle aura donc servi de magistrate-pompier, pendant cette guerre d'Algérie. Disponible. Attentive. D'une humanité rare.* (p. 162) Em suma, reconhece-se que *Le personnage Veil est décidément complexe, humaniste et rigoureux, tout en restant férocement réformiste et délicieusement conservateur, au sens de son attachement aux structures traditionnelles* (p. 177). As expressões transcritas demonstram bem o seu forte temperamento, a sua

rigidez, substituídos de imediato pela compreensão e ternura, pelo que, enquanto a metáfora *Peau de pêche* dá conta do seu lado maternal, doce e compreensivo, a outra, *Peau de vache*, remete antes para o seu mau génio e as suas «fúrias homéricas». Metáforas bem expressivas... De reparar, ainda, como as construções antitéticas põem em relevo a intenção do autor.

Mas porquê Simone Veil?

No que me concerne, a figura de Simone Veil sempre me fascinou. É uma mulher com um percurso de vida rico, mas também muito sofredor e que, há alguns anos atrás, deixou a sua marca bem vincada não só na política mas também na cultura francesas, sendo reconhecidos, nacional e internacionalmente, o seu valor e empenho na resolução de problemas que apoucavam a condição da mulher, em geral.

Mãe de família mas também magistrada, ministra da saúde e promotora da lei sobre a IVG, acérrima defensora e reformadora das condições prisionais em França, deputada europeia e presidente do Parlamento Europeu, membro do Conselho Constitucional e da Academia Francesa, foi, ainda, presidente da Fundação para a Memória da *Shoah* e, sobretudo, grande defensora dos Direitos do Homem e da Mulher, ou seja, dos Direitos Humanos.

1. Metodologia

A biografia é um antigo gênero da literatura que tem por proposta narrar a história de uma vida [...]. O discurso biográfico é híbrido e, como um subgênero do jornalismo literário, funde os recursos do jornalismo e da literatura [...].

Lindjane dos Santos Pereira

A escolha de uma biografia trouxe-me, por si só, a necessidade de tecer, após variadas leituras, algumas considerações sobre este tipo de texto.

Tendo em conta o que escreve Lindjane dos Santos Pereira (2008: 1), na citação acima transcrita, parece-me que a redação de qualquer biografia põe sempre alguns problemas, nomeadamente, a imparcialidade do biógrafo. É natural que este tenha um ponto de vista bem marcado sobre a pessoa à qual a sua obra é consagrada. Deve, porém, resguardar alguma objetividade e é aqui que me parece que Szafran nem sempre consegue ser totalmente isento, pois é notória a simpatia que deixa transparecer pela entrevistada e pela situação vivida, talvez por a sua mãe ter passado pela mesma experiência que Simone...

Por exemplo, em *L'aide aux rescapés de l'enfer?* (Szafran: 108), a metáfora *enfer* e o adjetivo *rescapés*, ou a comparação em *Milou regardée **comme** une miraculée* (p. 106), ou a intensidade do advérbio ou a força do adjetivo [...] *si décharnée que les gens se retournaient sur son passage* (p. 106), ou a repetição anafórica em *Et **Jean**?... **Jean** si frêle, si rêveur, **Jean** qui affirmait une farouche volonté [...]* (p. 106) e tantas outras construções são, apenas, alguns exemplos dessa subjetividade.

Quanto ao trabalho de escrita, muitas vezes é tentação do biógrafo embelezar a sua narrativa e completar os dados factuais caindo no que se pode chamar “biografia romanceada”.

Não é o caso desta, já que Szafran apresenta um discurso fluido, respeitando a cronologia dos acontecimentos, recorrendo, muitas vezes, a frases nominalizadas como, por exemplo, *alors chacun à sa place: les résistants sur les tréteaux, les déportés «raciaux» – ignoble vocabulaire dans leur trou. Trou psychologique et politique.* (p. 109) ou *impossible, aujourd’hui encore, de l’interroger à ce sujet. Trop de souffrance* (p. 107); a bastantes catáforas em passagens repentinas de testemunho para testemunho, desvendando, só no final, quem é o seu interlocutor ou intercalando, até, a sua própria voz o que, por vezes, pode dificultar a compreensão imediata do seu referente.

Outra marca do seu estilo é a utilização das aspas como introdução aos depoimentos diretos de Simone Veil ou dos outros entrevistados. Parafraseando Umberto Eco (2006: 77), toda a narrativa tem uma voz que relata os acontecimentos e uma parte dialógica onde aparecem as personagens em diálogo. Neste caso, as aspas pressupõem o início e o final desses diálogos.

Neste texto, dada a sua tipologia, não há diálogos mas testemunhos diretos. E é, precisamente, nestes que encontramos bruscas paragens na narração cronológica dos acontecimentos, ruturas no discurso, o que, como já referi, obriga o leitor a estar mais atento para não ser atingido pelas ambiguidades que o uso das aspas possa originar no meio da narração.

Ora, citando João Barrento (2002: 50), este trabalho de análise terá sido, em parte, o que me ajudou a «encontrar traços de carácter que definissem a natureza, o temperamento [...] do texto. [Isto] significa que, antes de começar a traduzir, é preciso tomar o pulso ao texto, sentir-lhe a passada (o ritmo), ouvir-lhe a respiração,

descobrir-lhe o humor [...]». Foi precisamente este tipo de escrita que me atraiu nesta biografia porque não se trata apenas de um relato cronológico, um texto “seco” sobre os acontecimentos, antes pelo contrário, Szafran fá-lo de um modo que torna a sua leitura bem apetecível. Há nela o tal “discurso híbrido” pois reúne os recursos do jornalismo e os da literatura, como ficou demonstrado nos curtos exemplos acima transcritos, assumindo, no entanto, um compromisso com a verdade dos factos e utilizando aquilo que Vilas Boas, citado por Lindjane Pereira (2008: 4), classifica de «fontes secundárias», ou seja, «entrevistas feitas no momento do processo de captação de alimentar informação», pois toda a narrativa assenta em testemunhos quer da própria Simone, quer de outras pessoas, suas contemporâneas.

Consultadas várias obras sobre tradução, selecionei as que considerei como base deste trabalho: *Dire presque la même chose* de Umberto Eco, *Sur la traduction* de Paul Ricoeur, *Manual de Teoria da tradução* de Conceição Lima e *O Poço de Babel* de João Barrento.

Para além destas, procurámos também outras obras relacionadas com a biografada, nomeadamente, a própria autobiografia *Uma Vida* (tradução de Sara Canelhas); pesquisámos sobre a participação ativa de Simone na luta pela legalização da IVG, em *Simone Veil: “Non aux avortements clandestins”*; lemos alguns discursos seus compilados em *Discours 2002-2007* e, finalmente, *La Shoah – La Mémoire Nécessaire*, testemunhos sobre o holocausto.

Iniciámos a tradução da obra com a divisão do primeiro capítulo em três partes e cada uma de nós traduziu essa parte. Findo este primeiro desafio, reunimo-nos, discutimos e procedemos a imensas correções. A intenção desta metodologia era aferirmos critérios a partir das dificuldades encontradas e tentarmos uma tradução mais ou menos uniformizada. Apercebemo-nos, logo nesse primeiro momento, que três vozes

podem levar a três traduções diferentes ou, pelo menos, a algumas divergências. Concluímos, então, que a tradução é um universo de possibilidades e quem diz possibilidades, diz dificuldades que fomos tentando ultrapassar.

Uma vez que este procedimento se revelou bastante positivo, optámos por utilizar a mesma estratégia para o primeiro capítulo das duas partes restantes. Foi, pois, uma primeira etapa reveladora de várias interpretações, carregada de dúvidas e incertezas...

Passando à tradução individual dos outros capítulos de cada uma das três partes, continuámos a desenvolver um trabalho conjunto de revisão à medida que os capítulos iam sendo concluídos. É que, como diz Umberto Eco (2003: 20), apesar de não haver «[des] règles pour établir qu'une traduction est meilleure qu'une autre», o facto de discutirmos as diferentes opções levava-nos, por vezes, a detetar erros flagrantes ou expressões menos acertadas.

Gostaria, ainda, de assinalar duas curiosidades relacionadas com o nosso trabalho de tradução. Constatámos que o primeiro capítulo foi aquele em que se verificou o mais elevado número de dúvidas mas, à medida que a tradução ia avançando, a insegurança ia-se esbatendo, talvez porque nos fomos dando conta que, às vezes, «il faut donc renoncer à certaines des propriétés [...] et ne sauver que celles qui sont importantes pour le contexte» (Eco, 2003: 104). É evidente que continuaram as dificuldades, as dúvidas, as incertezas mas a confiança foi-se instalando paulatinamente.

Os recursos utilizados para ultrapassar as tais dificuldades foram vários: dicionários (unilingue, bilingue, de expressões e do Tradutor); Internet; consulta a colegas de História, nomeadamente, para a diferença entre “Judeu / Judaico”; carta escrita ao próprio autor do livro (sem resposta) e à Comunidade Judaica Portuguesa (resposta pouco esclarecedora).

Terminada a tradução individual de cada uma das partes e feita uma revisão

conjunta, solicitámos a colaboração de uma pessoa para a leitura da mesma, sem contudo, ter tido acesso ao texto de partida para que não fosse influenciada. O objetivo deste pedido era certificarmo-nos de que este primeiro produto final seria perceptível a um leitor comum. Foi uma ajuda valiosa pois permitiu-nos rever algumas partes que continuavam demasiado coladas ao original, dificultando a compreensão pois, em todo o ato translatório, como refere Conceição Lima (2010: 89), «existe um termo na língua de chegada para uma determinada característica do mundo da língua de partida» o qual, por vezes, não nos tinha ocorrido.

2. Temática

Comment Simone s'est-elle aperçue qu'ils n'étaient pas les bienvenus? Qu'ils dérangeaient dans le tableau univoque d'une France toute entière glorieuse, résistante, gaulliste [...]. De quelle façon a-t-elle découvert, [...] ce que Jean-Paul Sartre confie à Raymond Aron dès la Libération: «Va-t-on parler des Juifs? [...]». Pendant quatre ans, la société française a vécu sans eux, il convient de ne pas trop signaler leur réapparition.

Maurice Szafran

Elza Pais, Presidente da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, prefaciou a autobiografia *Uma Vida*, dizendo que «[há] vidas que se confundem com o processo histórico. A maior parte delas fica no quase anonimato das crónicas familiares, mas algumas rompem o silêncio e revelam-se, pela sua integridade, intensidade e coerência, verdadeiras crónicas de uma época. É seguramente o caso da vida de Simone Veil, que ela reescreveu para nós neste livro que se lê como uma história ilustrada da França e da Europa do século XX.» (Veil, 2008: 9)

Ora, o que fez a diferença em Simone Veil foi, precisamente, a sua origem judaica. Foi esta que, não lhe pesando até à adolescência, a marcou para o resto da vida! Foi por causa desta que ela foi deportada e viveu os horrores do holocausto. Mas... dado que o meu *corpus* se reporta à época do seu regresso a França, vou tentar analisar os efeitos que isso terá tido em Simone e o modo como enfrentou os revezes com que se deparou, bem como a coragem e força interior necessárias para criar uma família e uma carreira de sucesso.

Foi-lhe difícil, muito difícil, retomar uma vida “normal”, mesmo nos aspetos materiais. Por exemplo, tinha-se de tal modo desabitado de dormir numa cama que, durante um mês só conseguia dormir no chão. Do mesmo modo, também lhe foi difícil estabelecer relações com as outras pessoas e, no entanto, sempre que é interpelada sobre o que reteve da experiência da deportação, ela responde que é «le goût de la vie, mais aussi le sens de l’essentiel, de ce qui est important et de ce qui ne l’est pas» (Lamontagne, 2005: 10).

Também a atitude do seu país em relação aos sobreviventes judeus foi uma decepção difícil de ultrapassar. Sentiu-se segregada, incompreendida e objeto de desconfianças e suspeitas:

Sentiment, sentimentale... Que veulent dire ces mots après une réception à ce point glaciale ? «Dans les premiers défilés, les Français ont pu découvrir les pyjamas rayés des déportés, apparition fugace qui disparaît vite des commémorations officielles. Le retour des victimes représente sans doute l’événement le plus vite refoulé.» Simone Jacob n’est pas prête à accepter ce tri entre «bons» et «mauvais» ; «[...]C’est vrai, chacun d’entre nous a fait “quelque chose” pour revenir. Chacun d’entre nous porte en soi le souvenir d’un visage qui nous reproche une attitude, et cela au milieu d’incroyables solidarités»; Les choses sont dites : la déportation des femmes ramenée à la sexualité, la survie aux charmes dispensés. (Szafran: 110-111).

Por isto, sente-se vazia, sem emoção... apesar da beleza que atraía tantos jovens. É para escapar à negatividade destes sentimentos que ela se refugia nos estudos (Direito e Ciências Políticas). É também na faculdade que ela conhece aquele que, dentro de

poucos meses, virá a ser seu marido. Era o começo de uma família..., era o começo de uma vida em que, em nome da harmonia, faz algumas concessões, tais como voltar à Alemanha para que o marido pudesse singrar na sua carreira, incitando-o mesmo a aceitar a função de Comissário Geral Francês para os Assuntos Alemães e Austríacos.

Parece-me que esta atitude é já o reflexo da tolerância que mais tarde vai revelando em diversas situações, aliás, em todos os cargos que vai exercendo na administração penitenciária, como Secretária Geral do Conselho Superior de Magistratura ou como Ministra da Saúde em que elaborou a controversa lei sobre a IVG... É essa tolerância, sede de justiça e convicções fortes que a sustentam. É, igualmente, a luta pela defesa da liberdade e da igualdade das mulheres que a tornam, se não uma das primeiras feministas, pelo menos um símbolo da verdadeira mulher moderna. Não desdenha revelar o oportunismo político de alguns dos seus pares, o que justifica o depoimento de «Philippe Sollers [em] *Le Nouvel Observateur*: “Ce qui me frappe le plus, chez Simone Veil, c’est la cohérence métapolitique de sa démarche. L’Europe, les droits de l’homme, le libéralisme fondamental, la politique étrangère, tout se tient, sans hésitation, sans peur. Son regard vient de loin, on sait de quelle épreuve sans nom, et va plus loin que la scène présente. À la lettre, elle infantilise les hommes politiques qui s’agitent en même temps qu’elle: elle révèle, par son seul rayonnement physique, leur opportunisme.”» (Lamontagne, 2005: 13).

Ainda de acordo com este artigo (p. 14), Simone tinha fé na força do diálogo e, talvez por essa razão, em 1975, encontra-se com Golda Meir, na tentativa de acalmar as relações franco-israelitas, o que ela faz afirmando a sua convicção de que os Palestínianos, também eles, têm direito a uma Pátria. A sua grande preocupação, sobretudo a partir do momento em que é presidente do grupo liberal, democrático e republicano do Parlamento Europeu, é a Europa, uma Europa da cultura e dos valores

democráticos, a que conseguiu ultrapassar «la haine et la barbarie pour s’engager dans la voie de la démocratie et de la solidarité entre les peuples qui la composent», ideias transmitidas numa entrevista dada a Szafran (Lamontagne, 2005: 14).

Na mesma linha de pensamento, dirigindo-se ao diário *Libération*, a 2 de maio de 2005, considera que «[dans] un monde globalisé où rivalisent de grands ensembles, [...] si nous, Européens, ne nous unissons pas, nous ne serons plus rien» (Lamontagne, 2005: 13).

Acreditando que, tanto à direita como à esquerda, houve muita gente que fez recair na Europa a responsabilidade das suas insuficiências ou das suas dificuldades, não ousando tomar decisões impopulares, os governantes deixam (ou têm deixado) em Bruxelas, o cuidado de tomar as medidas que a situação impõe e que eles têm o poder de recusar. Esta era a situação que, na época de 2005, preocupava Simone e que, qual premonição, se veio a verificar hoje. Ora isto demonstra, claramente, a acuidade da sua visão a longo prazo e de como era importante que tudo tivesse sido conduzido de outro modo. Em suma, todo o comportamento público, político ou privado de Simone pode resumir-se a isto: em diversos momentos e em diferentes instituições, enquanto mãe, esposa, magistrada, mulher política e mulher – inteiramente mulher – ela terá querido enriquecer a vida que palpita por detrás de cada nome, de cada pessoa. Isto é também uma arte... da qual é grande mestre e que aprendeu a partir de todo um sofrimento que, em vez de a acabrunhar, a fez levantar-se.

3. Tradução do *Corpus*

*Traduire, [...], c'est servir deux maîtres:
l'étranger dans son œuvre, le lecteur dans son désir
d'appropriation.*

Paul Ricœur

3.1. Tradução de *Simone Veil : Destin* (Cap. 8-13)

SEGUNDA PARTE

A MENSAGEIRA

101 A dez de setembro de 1945, menos de quatro meses depois do seu regresso de Auschwitz e de Bergen-Belsen, Milou Jacob escreve a Tola Glowinski, a amiga do campo de concentração.

«Da nossa parte, o regresso foi feito com tristeza [...]. Nenhuma notícia do meu pai nem do meu irmão, não sei se temos ainda o direito de esperar [...].

Apesar de tudo, retomámos a vida e a nossa casa não é triste, como se poderia crer. Não é o que os ausentes desejariam. Vamos, então, viver para Paris [...]. Afinal de contas era para lá que nós desejávamos ir com a nossa mãe [...]. Podes imaginar o quanto ela está presente, o quanto nós falamos dela [...].

Decidiste esquecer o campo, ou ainda pensas muito nisso?

Quanto a mim, eu penso e falo disso, naturalmente, muitas vezes. Agora faz parte de mim. E além disso, é preciso impedir que os homens esqueçam um certo número de coisas.»

Regressar

103 Ela regressa. Mas ela também está morta. Uma parte essencial de si própria foi aniquilada. No sótão do hotel Excelsior em Nice; sob a vigilância dos guardas franceses em Drancy; no inferno de Auschwitz e de Bergen-Belsen. Ela volta de um outro mundo, de um buraco negro e nada, doravante, a trará para o nosso. Aliás, regressar terá ainda algum sentido? Regressar sem Yvonne que as filhas deixaram no cheiro pestilento de Bergen-Belsen? Regressar sem Yvonne pela qual Simone tanto tinha lutado contra o sistema destruidor, as suas engrenagens, as suas ratoeiras armadas para matar, eliminar. Testemunho de Suzanne Weissmann, a irmã de Yvonne Jacob: «Nunca esquecerei as primeiras palavras de Milou, depois do regresso delas, Milou doente, tão doente e tão impaciente por desabafar: “Simone salvou-nos; sem ela, não teríamos sobrevivido. Roubava nas cozinhas para nos alimentar um pouco melhor, à mãe e a mim. Ela arriscava a sua vida sem precauções de maior”» Era, sobretudo, o que Milou fazia questão de realçar. Evocando os primeiros momentos do «regresso», Simone murmura algumas palavras: «Cada dia era um fardo, sentia-me estrangeira. Não sabia fazer mais nada, precisava de me ocupar a todo o custo para não ter de pensar; deitar-me numa cama “normal” era um problema...» Há tão pouco tempo ainda, Simone Jacob partilhava, com mais oito mulheres, uma tábua roída pelo bicho. Sem se

104 aperceber, a sua confiança desliza do passado para o presente, ontem e hoje confundidos numa mesma angústia: «Já nada é igual, já nada tem sentido porque deixei lá a pessoa mais importante da minha vida: a minha mãe. Desde então, sinto-me estrangeira.» Ser feliz? É uma questão que ela se coloca. Simone, inconsolável, que carrega um desgosto capaz de preencher uma vida inteira.

Elas regressam só as duas e é um «malogro» – palavra cruel, terrível, sobretudo injusta – que Simone nunca mais ultrapassará. A ausência de Yvonne. A ausência irreparável. Será que ela pensa às vezes que a sorte foi injusta, por Yvonne não ter regressado e outras, poucas, terem escapado? Porquê insistir tanto neste desaparecimento? Porque o destino de Simone Jacob vai tecer-se à volta dessa morte. Poderia existir agonia mais simbólica? Precisaram de esperar mais de um mês na lama e nos cheiros fétidos de Bergen-Belsen antes que os

libertadores organizassem um comboio para Paris. A desorganização, evidentemente, o pânico dos Aliados ao descobrirem Auschwitz, Maidanek, Treblinka, as câmaras de gás, os fornos crematórios e esses montes de cadáveres. Isto deveria bastar para explicar essa interminável demora. Os deportados, ditos «políticos», já tinham sido repatriados há algumas semanas e, de entre eles, os de maior prestígio, de avião. Há, por isso, uns que prevalecem sobre outros. Simone, deportada dita «racial», descobre este tratamento a duas velocidades quando o comboio para, a 23 de maio de 1945, na gare du Nord. «Tivemos o sentimento que as nossas vidas não valiam nada quando, no entanto, havia já tão poucos sobreviventes.¹» Elas são imediatamente conduzidas ao hotel Lutétia, local de reunião dos sobreviventes. As hospedeiras que os recebem, os médicos que os examinam rapidamente se enervam. Como tomar a seu cargo estes *zombies* – pesam em média 35 quilos – que «esqueceram» as regras usuais do bom funcionamento da «sociedade civilizada»: dar informações, preencher um documento, explicar a sua situação, exprimir-se em voz alta e inteligível. «Tentei lembrar-me dos gestos que se devem fazer para retomar a forma de um ser vivo na vida. Andar, falar, responder, dizer onde se quer ir e ir. Eu tinha-os esquecido. Não sabia como fazer nem por onde começar. Isso estava para além das minhas forças.²» Simone e Milou têm poucas forças, não mais que os outros 592 sobreviventes a quem é servida uma primeira «verdadeira» refeição nos salões do velho hotel. Também isso, eles tinham esquecido.

«Recebi uma chamada do hotel Lutétia. Pediram-me que fosse buscá-las e foi tudo.» Já há alguns dias que Suzanne Weissmann não ouve, na rádio, todas as noites, a lista dos sobreviventes. Pode, assim, evitar essa procissão frente ao Lutétia onde cada um «ia de um sobrevivente a outro, erguendo as fotografias de um filho, de uma filha, de um irmão, de uma irmã, de um pai, de uma mãe, de um tio, de uma tia, de um sobrinho, de uma sobrinha, julgando reconhecer um rosto³.» Sabe que Simone e Milou escaparam ao massacre; sabe que o cadáver de Yvonne foi posto numa das fogueiras de Bergen-Belsen. Denise Jacob disse-lho. Resistente, presa e depois deportada para Ravensbrück, Denise tinha sido das primeiras a serem libertadas. No *maquis*, tinha sabido da prisão de toda a família. Desde o dia 1 de maio de 1945, Denise, a combatente, estava de regresso a Paris, depois de uma breve passagem por Annecy, praça forte da Resistência, onde foi

festejada como heroína. «Na altura da libertação do campo, cruzei-me com uma jovem que vinha de Auschwitz. Mal me atrevia a interrogá-la. Receava demasiado a resposta. Primeiro perguntei-lhe se se tinha cruzado no campo com pessoas de Nice. Disse-me que sim e eu ... fugi. Depois de uma noite de hesitação, voltei a procurá-la, perguntei-lhe se conhecia Simone Jacob... Conhecia-as, às três...»

É a uma casa consternada, desolada, na rue Jean-Baptiste-Dumas, nesse XVII^e [*arrondissement*], tão antiquadamente burguês, que chegam Simone e Milou. O destino de uma família que, só por si, resume o drama, o desespero judaico. Houve a deportação, a exterminação de Yvonne, de André, de Jean, e depois esse golpe do destino: a 9 de abril de 1945, André Weissmann é morto na frente alemã, em Mulaken. Um dos últimos soldados franceses a ser ceifado. Vinte anos e aluno de uma Escola Politécnica, apaixonado por Denise, segundo a lenda familiar. «Queria absolutamente lutar, conta a mãe. Na Escola, já tinha
106 tentado entrar para as redes de resistência. Aproveitou as férias da Páscoa para se alistar, durante oito dias, na frente. Quarenta e oito horas antes do seu regresso, uns militares vieram buscar-nos: “Têm que vir reconhecê-lo.” Impossível dissuadi-lo, ele fazia tanta questão de se alistar...»

É tempo agora de nos interessarmos pelos vivos. Milou está sem forças, consumida pelo tifo, com a cabeça rapada e cheia de furúnculos. O tio, médico, pensa hospitalizá-la num serviço especializado. Suzanne opõe-se: «Estava convencida que ela morreria lá. Tínhamos uma casa de campo, a alguns quilómetros de Paris, na região de Oise, e tinha conseguido que um agricultor vizinho lhe levasse leite e ovos todos os dias.» Milou é olhada como um milagre: «As primeiras vezes que saiu à rua, estava tão magra, tão esquelética que as pessoas se voltavam, ao passar por ela.»

Simone também carrega o seu fardo. Sofre as sequelas do tifo, uma icterícia – e outros males. Mas o seu sofrimento é acima de tudo psicológico. «É tão difícil ajudá-la a recompor-se, confia Milou a Marie-Jo Conruyt, aquando de uma visita ao convento de Nice. Há nela um tal desgaste moral!» É a ausência de Yvonne, claro, mas também a recordação de Jean, o irmão, que a atormenta. Milou conserva alguma esperança que André e Jean cheguem um dia, em breve, ao Lutétia – uma carta sua para Tola é a prova irrefutável. Não aceitar a morte deles é para Milou «o único meio de acreditar, ainda e sempre, que eles acabarão

por regressar⁴.»

«Um luto» impossível e, no entanto, «só o luto [...] permite aceitar a morte e, desse modo, deixar de ter esperança⁵». Será que Milou tenciona passar horas, como tantos outros, em frente da porta giratória do Lutétia, mostrando aos sobreviventes fotografias de André e Jean?

Simone, essa, fecha-se assim que se evoca a sorte deles. Ela sabe. Sabe que a morte é certa, inelutável. Como poderia ele ter sobrevivido, André, tão cheio de esperança na França redentora, ele que não compreendeu nada do furor nazi continuado pela ignomínia de Vichy? E Jean?... Jean, tão frágil, tão sonhador, Jean que afirmava uma vontade feroz de se proletarizar para viver a revolução, 107 irmão tão amado de cujo destino ela, desde pequena, parecia disposta a encarregar-se. Como teriam eles sido capazes de se esgueirar pelos raros interstícios daquela máquina trituradora? Ama-os demasiado para não estar convencida disso. Simone imagina que eles desapareceram mesmo junto delas, do outro lado do arame farpado, em Auschwitz, no campo dos homens.

Que importa, para o caso, a realidade dos factos, o aniquilamento numa fortaleza ou em Auschwitz? Não se enganou e não se recompõe dessa intolerável lucidez, desse «desgaste moral» que tanto inquieta a irmã. Será que uma parte de culpa a atormenta, sabendo que a sua prisão provocou – muito indiretamente – a de Jean? Impossível, hoje ainda, interrogá-la a este respeito. Demasiado sofrimento. «Eu dizia às pessoas, de forma brutal, que não reencontrariam a família, que não havia esperança, que a maior parte tinha sido gaseada logo à chegada. Irritava-me por eles não quererem compreender. Para os jovens, para os velhos, para toda a gente, era a mesma coisa: não há esperança. Durante meses, anos, alguns preferiram não acreditar em mim.»

Simone Jacob fala da deportação, de Auschwitz, da morte, com certeza e precisão. Sem floreios nem *pathos*. «As suas narrativas são autênticas, duma rara veracidade, confirma a psicanalista Anne-Lise Stern. Os outros, num ou noutro momento, afastam-se da realidade. Simone, não; nunca se deixa cair na invenção. Manifesta, mesmo no estilo, uma obsessão pela verdade.»

A «verdade», na altura da Libertação, mostra-se cruel para Simone, Milou e todos os outros. A «verdade», a verdade deles, define-se em três palavras: segregação, suspeita, incompreensão. Os três males de um imenso – e novo –

traumatismo. «Que nos tenha sido necessária uma vontade sobre-humana para aguentar e regressar, isso toda a gente compreende. Mas a vontade que nos foi necessária no regresso, disso ninguém faz ideia [...]. Voltar para casa, afinal, seria fácil. O que eram as dificuldades da vida ao pé do que nós tínhamos suportado e vencido? E foi precisamente aí que nos enganámos. E foi aí que fomos apanhadas desprevenidas⁶.»

108 Como é que Simone se apercebeu de que não eram bem-vindos? Que incomodavam no quadro unívoco de uma França inteiramente gloriosa, resistente, gaullista, de uma França capaz de todos os *volte-face*, que tinha atirado Pétain, Drancy, Laval e a Milícia para o limbo das suas recordações atrofiadas? De que maneira descobriu, com um discernimento perfeito, um faro quase animalesco, o que Jean-Paul Sartre confia a Raymond Aron logo a seguir à Libertação: «Alguém falará dos Judeus? Alguém saudará o regresso dos sobreviventes, alguém dedicará um pensamento aos que morreram nas câmaras de gás? Nem uma palavra, nem uma linha. Durante quatro anos, a sociedade francesa viveu sem eles, convém não dar demasiado destaque ao seu reaparecimento⁷.»

A ajuda aos sobreviventes do inferno? Mas que ajuda? Nem moral, menos ainda material. «Uma vizinha deu-me umas cuecas, um vestido. Não havia nada. Era uma vida sem nada», dirá Simone Jacob. Juntas, ela e Milou, sofrem este novo isolamento. Para melhor compreender a amplitude desta realidade, basta deslocarem-se com...Denise, a irmã deportada e resistente, deportada mas resistente. Tão jovem e tão bela heroína do grupo francoatiradores, «a mascote», acrescenta, recebida em todo o lado, festejada em todo o lado. A primeira viagem das três irmãs a Nice, aos locais de infância, aviva as feridas. «Denise era convidada frequentemente, falava da resistência, do campo. Milou e eu, nunca! Nós éramos apenas vítimas, não é?, não umas combatentes apanhadas de armas na mão. Pouco importavam a nossa experiência, as nossas dores. Aliás, nunca deixavam de no-lo lembrar, com brutalidade.»

Tudo magoa. Apresentar-se numa repartição para conseguir documentos, a sensação penosa de pedinchar; as filas de espera intermináveis de um gabinete para o outro, os incómodos, o espírito miudinho dos pequenos burocratas que perguntam sem parar – «Donde vêm? Porquê? Como?» – para obter uma certidão de nascimento, uma banal ficha de estado civil. «E onde estão os vossos pais?»

No fumo de Auschwitz. Traços do passado, exigem os funcionários. Quais traços? Famílias inteiras foram dizimadas. Nenhuma compreensão, nenhuma compaixão.

109 No mesmo instante, nos mesmos lugares, os resistentes, esses, beneficiam de todos os favores, são tratados – merecidamente – com toda a deferência. «Convidavam-me para sair, admite Denise, eu tinha direito às honras votadas a uma pequena vedeta. As vítimas, é preciso reconhecê-lo, não eram consideradas.» Estes dissabores, Milou suporta-os com a sua serenidade habitual, o seu desprendimento de sempre. Ela não se melindra, viu tanto, sofreu tanto. Ao contrário, Simone aceita mal essa situação. Vive com aflição esta interminável litania das falhas, dos vexames fúteis; transforma-os em insuportáveis atentados à sua integridade, à sua honra de sobrevivente. Tem a alma machucada. A França, que esta jovem de dezoito anos, à semelhança do seu pai, tanto ama, esta França, a «sua» França dececiona-a. Como diz Paul Schaffer, companheiro de deportação em Bobreck: «Ela tinha esperado, nós tínhamos esperado um acolhimento mais caloroso. Nós merecíamos-lo. Simone enganou-se, eu também.»

E se a França não os ajudar, eles que não têm nem pais, nem passado, nem dinheiro e tão poucas relações e tantas dificuldades para viver, quem os ajudará então? Simone já não tem ilusões; os sobreviventes são abandonados, entregues à sua sorte. Porque eles incomodam demasiado os «poderosos», de Gaulle e os comunistas, reunidos na vontade partilhada de reconstruir uma França de opereta, uma França de um só bloco, combatente e antinazi. Então cada um no seu lugar: os resistentes nos palcos, os deportados «raciais» – ignóbil vocabulário – no seu buraco. Buraco psicológico e político. «O antissemitismo resistencialista existia de forma implícita, admite Denise. Os resistentes tinham tendência a ridicularizar as pessoas parecidas com as minhas irmãs: “Eles deixaram-se apanhar, não combateram”, era o que eu podia ouvir.» Simone já se tinha apercebido desta ladainha imbecil em Auschwitz quando, com Marceline Loridan, se tinha perdido num barracão «comunista» e as militantes, furiosas, tinham expulsado as «pequenas judias.»

Na hora da Libertação, a força ideológica e cultural é “comunista”. O partido dos «75000 fuzilados» dita a conduta a seguir. Testemunho pungente, irrefutável,

110 da socióloga Annie Kriegel, na altura responsável pelos Estudantes Comunistas: “Os comunistas encorajaram os jovens de origem judaica a alimentar um

sentimento de vergonha e de desprezo relativamente aos milhões de deportados raciais “passivamente gaseados” para distinguir e honrar apenas os políticos, os que tinham tido a oportunidade de cair de armas na mão⁸.» A encenação dos comícios do Partido Comunista Francês é imutável: quando os deportados são convidados a subir ao palco para serem aplaudidos, quase venerados, é sabido que somente os “resistentes” são convidados para a celebração, os «raciais», a esses, é-lhes pedido que continuem na sua rotina. A *Amicale d’Auschwitz* está sujeita aos interesses do partido. Simone assiste a algumas reuniões, depois afasta-se: «Os comunistas deram da vida do campo a imagem que lhes convinha, com segundas intenções políticas – os deportados judeus foram despojados.» Deste modo se completa o anti-comunismo de Simone-Jacob: torna-se refletido, articulado, já não fortuito mas enraizado.

E de Gaulle, a outra «força» histórica do momento, a prestar-se também a este jogo perverso, com toda a consciência, com um raro cinismo. A unidade do país, ainda que fictícia, o orgulho nacional, tudo isso, segundo ele, justifica a amnésia coletiva, o desvio de sentido, a mentira histórica. Em poucas palavras, a revisão. Confissão do barão Guy de Rothschild, gaullista de primeira hora e libertador de Paris: «O General nunca fez um gesto para reconhecer no martirologio francês o lugar não maior mas particular dos Judeus⁹.» Desta atitude nasce uma pequena parte do desdém entristecido de Simone Jacob pelo gaullismo. Nunca virá a ter melhores sentimentos.

Sentimento, sentimental...Que querem dizer estas palavras depois de uma receção tão fria? «Nos primeiros desfiles, os Franceses puderam descobrir os pijamas às riscas dos deportados, aparição fugaz que depressa desaparece das comemorações oficiais. O regresso das vítimas representa, sem dúvida, o acontecimento mais rapidamente recalcado¹⁰.» Simone Jacob não está preparada para aceitar esta triagem entre «bons» e «maus» deportados. Basta-lhe evocar o assunto para sucumbir à emoção. Então, prefere agredir. Gritar. Os que não querem compreender criticam o seu «mau feitio». É indiferente. Um único reparo basta para esclarecer a trama das infelicidades: «Vivi tudo isto como uma humilhação permanente.»

É certo que sobreviveu. Mas como, uma vez que, no campo, ninguém devia escapar à morte e muito menos uma adolescente? Com o instinto tão apurado por

Auschwitz, ela presente, sem ter refletido, que a «desconfiança» em breve pesará sobre os sobreviventes. «Já estávamos à espera de ser postos em causa, confirma Marceline Loridan: “Porque é que tu voltaste, enquanto os outros morreram? O que é que terás feito para conseguir isso?” Claro, cada um teve a sua quota-parte de sorte ou de força. É verdade, cada um de nós fez “alguma coisa” para regressar. Cada um de nós traz consigo a recordação de um rosto que nos censura uma certa atitude, e isso no meio de incríveis manifestações de solidariedade.» Ela regressou, enquanto tantos outros, maiores, mais fortes, mais inteligentes, pereceram. Porquê? Simone Jacob, segundo a opinião geral, era tão «bela»! Não vale a pena dizer mais nada, quem se interroga insiste, simplesmente, com um sorriso nos lábios, no «tão bela»... As coisas são ditas: a deportação das mulheres reduzida à sexualidade, a sobrevivência aos favores dispensados. «Não estou aqui por me ter prostituído com os SS», chega ao ponto de sublinhar¹¹. Foi esta, na verdade, a suspeita permanente, sabiamente sustentada em relação a Simone e a todas as outras: apenas mulheres diabólicas tinham a capacidade de superar a prova. Insuportável acusação, face à qual elas ficaram consternadas, desamparadas. Simone atreveu-se a retorquir, já tarde, depois de tantas vezes se ter contido. «Na Suíça, depois de 1945, recorda ela, uma senhora, boa pessoa, perguntou-me se era verdade que os SS nos obrigavam a ficar grávidas de cães.» Oh! Ela não pensava aquilo por mal, a “gentil senhora”. Mostrava até que estava comovida com a «sorte» de Simone. A crueldade das boas pessoas. Anne-Lise Stern testemunha: «Em junho de 1945, numa carruagem de terceira classe, que estava para sair de Lyon, eu estou a dormir no banco, um pouco restabelecida depois de oito dias no centro de acolhimento [...]. O olhar importuno do senhor

112 sentado em frente acorda-me. Finalmente decide-se e, muito emocionado, pergunta: “Desculpe, isso aconteceu-lhe, *lá*, naquele sítio?... Muitas vezes? Sabe o que quero dizer.” Claro, eu “sabia”, mas respondi tolamente: “Eh... não, não sei”, demasiado cansada para rir, demasiado alheada para me indignar¹².» A obscenidade ingénua que, insidiosamente, projeta as sobreviventes para o interrogatório – pesadelo: o que é que elas fizeram, essas, para resistir? Marceline Loridan: «Há em cada uma de nós a culpa de ter regressado.» Tola Glowinski: «Estava em Paris há alguns dias quando me cruzei com uma senhora, uma judia, que conhecia de antes da guerra. Ela beijou-me e depois, sem agressividade,

interrogou-me: “Porque é que regressaste e a minha sogra não?” Fiquei para morrer.» A estratégia da suspeita na sua perfeita crueldade.

Simone fica esmagada por esta dúvida. Ouve aquele indivíduo que, apercebendo-se de que ela regressava da deportação, se espanta, com pena que não os tenham matado a todos; ela está a tomar uma chávena de chá com um amigo e não reage quando ele lhe pergunta «se, por acaso, ela teria sido violada em Auschwitz»; ao regressar da Suíça, tem de suportar, quase nua, uma inspeção corporal, por parte de um funcionário da alfândega. «É evidente que ele tinha examinado os meus documentos, nomeadamente o meu cartão de deportada...» E Milou, embaraçada por a sua irmãzinha, habitualmente tão «resistente», se sentir tão mal.

«Oh! E, ainda por cima, a Simone! Essa sabe-a toda... Mas ela voltou de lá, não? E goza de boa saúde. Bem, então, quando me falam de genocídio, eu digo, seja como for, não apanharam a comadre Simone¹³.» Discursos «insensatos» de um «senil» ... Mas não é apenas isso. É também a transposição empolada de um arquétipo recorrente desde 1945: estas sobreviventes são suspeitas, Simone Jacob também, talvez mesmo mais. Por causa da sua beleza, sem dúvida...

Ela está esgotada. «Tinha sonhado com a liberdade durante todo o tempo da deportação. E era isto a liberdade, esta solidão intolerável, este cansaço¹⁴.» De tal modo esgotada que Denise lhe consegue, no verão de 1945, um mês de convalescência na Suíça, a alguns quilómetros de Nyon. Repouso útil, não há
113 tempo a perder porque é necessário reintegrar o mundo: «Éramos forçadas a tirar cursos de datilografia e de inglês.» Já há muito tempo que perdeu o gosto pela leveza, pelo prazer de um instante de frivolidade. Acha que tem direito a isso, aqui, onde, uma vez mais, é a mais nova. «Uma noite, fui dançar e voltámos depois das 10 horas. As suíças estavam à nossa espera: “Depois de tudo o que viveram, ainda pensam em dançar, não têm vergonha!” Simone já não tolera nenhum tipo de opressão e, a seguir a Auschwitz, não consegue submeter-se à ordem mesquinha de um pensionato suíço para meninas de boas famílias. «Durante um passeio a Lausanne, reparei numa advogada comunista célebre, Odette Moreau, porque ela usava uma mala vermelha. Eu corri para a primeira loja que vi para comprar uma da mesma cor. Mais uma vez, as carcereiras suíças me censuraram: “Já tem uma mala, porque vai comprar outra?” Elas queriam

proibir-nos o prazer para melhor nos imbuir de uma atmosfera bíblica”. Fui-me embora antes do fim do mês, já não aguentava mais.»

Voltar a viver ou estiolar. «No momento de pagar, eu ainda não tinha esboçado um gesto para procurar dinheiro no bolso. Nem tinha pensado nisso. Um gesto esquecido.» Reencontrar o gosto, ainda que alterado, pelas coisas da vida: o quotidiano, as pequenas contrariedades, os pequenos projetos, as paixões efémeras, rir, troçar, cuidar da aparência, escolher um vestido... Ou deixar-se ir, nunca superar Auschwitz, nunca mais, e perecer. Essa é a alternativa. «A minha vida anterior? Teria eu tido uma vida anterior? A minha vida futura? Estaria eu viva, para ter um futuro, para saber o que isso é, o futuro¹⁵?» Simone Jacob, lúcida, não demorou muito a aperceber-se disso, a tomar uma decisão: sim à vida, apesar de tudo...

«Lembras-te da última noite em Bobreck, das nossas intermináveis discussões? Tudo isso teve um fim, pensemos no futuro¹⁶.» Simone faz por isso. Projetos, apenas alguns meses depois das últimas confidências sobre o campo nos braços reconfortantes de Tola... «Pouco a pouco, recuperava a vista, a audição. Pouco a pouco, reconhecia as cores, os sons, os odores. Os sabores, muito mais tarde¹⁷.» Viver. Voltar a viver. «Precisava de estar hiperativa, de tal modo a minha vida era moralmente difícil¹⁸.»

Regressa repousada da Suíça. E deprimida: o Ministério de Educação Nacional anuncia que ela «passou» no *baccalauréat*, provas realizadas no dia 28 de março de 1944, dois dias antes de ser presa. Corre de imediato para a rue Saint-Guillaume, inscrever-se em *Sciences-Po*. Um desafio, mais um: «Já não sabia nem ler nem pensar, eu tinha que reaprender, tudo.» Tudo, porque «ela decidiu crescer depressa depois do campo», como diz Marceline Loridan. Simone, Milou e Denise escolhem uma profissão. Denise será enfermeira, Milou psicóloga – não foi uma surpresa – e Simone prometida a uma carreira de advogada. «Sonhava com isso desde os meus treze-catorze anos», explica. Denise evoca «um pós-guerra louco, com muitas saídas e com algumas dificuldades em retomar os estudos.» Simone e Milou não conhecem essa libertação, alegre e pândega. Laurence Hirsch-Reinach, a amiga de infância, a miúda da vivenda Kerylos, depara-se com uma Simone «séria, sem fantasias», uma rapariga a quem já não ousava contar [as suas] tolices», uma Simone que ela tinha escrúpulos em atrair

para conversas banais.» Como imaginar esses momentos de depressão, de abatimento, de tormento... Só Milou é capaz de os antecipar, de os acompanhar. Simone, novamente menina, procurando a proteção da irmã, a doce, a carinhosa Milou. Nos corredores, nas escadas e nos anfiteatros antigos de *Sciences-Po*, não deixa nunca transparecer a mínima emoção. «Eles», os «outros», são incapazes de compreender, ela é, então, perfeita, impávida. Ela anda de cabeça erguida. Apesar de tudo. Ela controla-se com uma tal mestria...

Alto funcionário, mestre de conferências em *Sciences-Po*, Michel de Boissieu repara nela logo nos primeiros trabalhos dirigidos: «Os estudantes levantaram-se quando entrei e, passando pelas filas, parei junto dela, impressionado pela sua insolente beleza e pelo número tatuado no braço. Estava estupefacto: como é que esta rapariga podia ter atravessado aquele sofrimento e conservar este belo rosto claro; de Auschwitz, não tinha nenhuma outra marca exterior senão esses números
115 incrustados na carne.» A beleza sumptuosa de Simone. Tantos testemunhos, todos idênticos. Estudantes e professores hesitam, no entanto, em aproximar-se dela, ela é tão distante, sempre reservada, bem vestida porque a isso é obrigada para sobreviver ao seu pesadelo. «Cruzei-me com ela em bailes, em festas, recorda René Thomas, futuro P-DG do BNP. Ela era esplêndida, majestosa, de um grande classicismo.» «Aquando da Libertação, Chapsal, o diretor de *Sciences-Po*, convocou-me, conta Boissieu: «Esteja pronto para outubro de 1945, disse-me ele, confio-lhe a conferência inaugural.» Em suma, todos tinham de “recuperar” o tempo, a vida: Judeus, resistentes, militares. Tentei adaptar-me a eles.» Depois de Auschwitz, retomar um ritmo escolar, trabalhos de casa, relatórios, revisões... Depois de Auschwitz, não se regressa aos bancos da escola. Simone Jacob, no entanto, decide-se. «Uma forma de se tranquilizar», avança Marcelline Loridan. «Ela não queria perder mais tempo, confirma Michel de Boissieu, nem estragar este novo começo. Possuía um sentido inato do direito, o raciocínio jurídico era-lhe praticamente natural, escrevia de modo estruturado, profissional, magistrada já, antes de o ser.»

Este alto funcionário-professor não é uma personagem comum. É um herói de romances no seu género: antes de mergulhar na Resistência, Michel Boissieu casou, no dia 1 de outubro de 1940 em Montpellier, com uma menina Cahen. Uma judia... Dia 1 de outubro de 1940, no mesmo dia da promulgação do estatuto

dos Judeus. Um ato de amor, um desafio à infâmia e um gesto de combatente. Um jornal colaboracionista denuncia o casamento «contra natura» Boissieu-Cahen. O artigo delator atrai a atenção de Pierre-Henri Teitgen, chefe de uma rede de Resistência na região de Hérault e futuro «grande» ministro da IVª República: «Disse para comigo: eis um aristocrata que é um herói ou um aristocrata arruinado que procura alargar as suas relações.» Teitgen entra em contacto com o jovem casal e leva-o para a clandestinidade. É esta a personagem que descobre Simone Jacob. Rapidamente, ele lhe pede para se tornar sua assistente, para seguir os
116 trabalhos dos alunos do ano preparatório. «Recebíamos-la em nossa casa, em Boulogne. Na primeira vez, usava um vestido bastante simples de veludo preto com uma pequena gola branca. Não podíamos deixar de ter vontade de lhe pegar ao colo para a consolar. No entanto, Simone não era uma sentimental, eu sentia despontar a autoridade. Mas, por momentos, ela era tão comovente, de partir o coração», lembra-se Françoise de Boissieu. Os Boissieu apresentam a Simone um dos seus melhores amigos, que assegurava também algumas aulas em *Sciences-Po*, um *normalien* (aluno da Escola Normal Superior) de alto gabarito a quem o ensino aborrece: o destino de Georges Pompidou ainda não cruzou o caminho do general de Gaulle. Irrepreensível e cortejada pelos jovens da alta sociedade, a estudante Jacob, prometida ao êxito, evolui nessa França em reconstrução que tanto necessita de «jovens talentos».

Ela aplica-se a aceitar as regras. Ainda que, por vezes, faça alguma batota: «Já não consigo partilhar nada emocionalmente... apenas fúrias... Estou revoltada e tenho medo, por vezes, da violência que sinto¹⁹.» Os amigos de antes, aqueles que adoravam a miúda vivaça de Nice, ficam espantados com a diferença. Agora, ela é capaz de ser «dura, muito dura, um verdadeiro bloco de gelo», assegura Marianne Gluge, uma amiga de infância. Antes? O que significa essa referência permanente a «antes». «Uma forma, para nós, de afastar esse sentimento terrível de que nunca mais poderíamos aceder ao seu mundo», responde Laurence Hirsch-Reinach, porque, será que ela continua a fazer parte do mundo deles, esta Simone Jacob? Presente e ausente, de uma humanidade eloquente e contudo, por vezes, tão rude. Compreender? Não. Simplesmente ouvir Marceline Loridan, a amiga do campo, e calar-se: «Quando se regressa de Auschwitz, perguntamo-nos de que lado devemos estar. Podemos ser duros ao sair de Auschwitz. Podemos ter

percebido que era necessário ser duros.»

1. Simone Veil à historiadora Annette Vieworka.
2. Charlotte Delbo, *Mesure de nos jours*, Éd. de Minuit, 1971.
3. Claudine Vegh, *Je ne lui ai pas dit au revoir*, Gallimard, 1979.
4. Bruno Bettelheim, Posfácio a Claudine Vegh, *ibid.*
5. *Ibid.*
6. Charlotte Delbo, *ibid.*
7. Raymond Aron, *Mémoires*, Julliard, 1983.
8. Annie Kriegel, *Les Communistes français et leurs Juifs*, L'Arche, fevereiro de 1975.
9. Maurice Szafran, *Les Juifs dans la politique française*, Flammarion, 1990.
10. Henry Rousso, *Le Syndrome de Vichy*, Éd. du Seuil, 1987.
11. Colóquio internacional sobre o nazismo, Sorbonne, 11-13 de dezembro de 1987.
12. Anne-Lise Stern, «Leur cinéma», *Les temps modernes*, 501, abril de 1981.
13. Declaração do cineasta Claude Autant-Lara, *Globe*, setembro de 1989.
14. Charlotte Delbo, *ibid.*
15. *Ibid.*
16. Carta de Milou Jacob a Tola Glowinski de 1 de janeiro 1946, confiada ao autor.
17. Charlotte Delbo, *ibid.*
18. *L'Expansion*, julho de 1977.
19. Claudine Vegh, *ibid.*

ANTOINE

119 Ele repara nos olhos, no seu brilho, mas também «na imensa vulnerabilidade presente no olhar dos deportados». Aproveita um fim de semana de esqui para a seduzir. Ela que, outrora, tanto detestava a montanha, esses dias intermináveis em que o frio a trespassava, essas horas de marcha forçada. Simone, depois de muitas hesitações, acaba por aceitar o convite feito por um colega de *Sciences-Po*, Michel Goldet. Sem dúvida, ele está apaixonado por ela, como os outros. «Nós divertíamos-nos um pouco, frequentávamos Saint-Germain-des-Prés, as *boîtes* de jazz, a Rose Rouge. Simone não. Era mais razoável que nós. Pensava pouco em se divertir. Tudo isso, contudo, não a impedia de se tornar, num tempo recorde, uma verdadeira Parisiense, mais parisiense que as Parisienses», assegura Laurence Hirsch-Reinach. Simone Jacob tirando partido, a sério, das suas múltiplas facetas, Simone Jacob desconcertando as pessoas «normais», esforçando-se por as apanhar desprevenidas. Eis que ela escolhe Antoine Veil, um ano mais velho que ela, com quem se cruzou nas escadas de *Sciences-Po*. Diz ela, quase trocista. «Não estava previsto que entre nós isto fosse a esta velocidade.» Encontro em fevereiro de 1946, casamento em outubro, oito meses mais tarde, nascimento de um primeiro filho, Jean. «Simone quis refazer uma família, depressa; fazer filhos, depressa; recriar um universo social, depressa», declara Marceline Loridan. Que ela tenha escolhido aquele homem, aquela família, não deve nada ao acaso. Os

120 Jacob e os Veil parecem-se de uma maneira assombrosa. As mesmas raízes, a mesma História, as mesmas histórias.

André Jacob gabava-se de ser um «patrioteiro laico»; o pai de Antoine também, conselheiro municipal radical de Blâmont, essa pequena cidade de Meurth-et-Moselle onde dirige a fábrica familiar de têxteis. André Jacob tinha-se distinguido durante a guerra de 14-18; André Veil, alferes de artilharia no início dos combates, capitão à hora do armistício, oficial à frente de alguns soldados, «percorreu», com tantos outros, o “*Chemin des Dames*” até à ofensiva vitoriosa dos Alemães em maio de 1918. André Jacob ficara «consternado» com a atitude de Pétain em junho de 1940; André Veil também não esperava a traição do Marechal. André Jacob nunca frequentava a sinagoga; André Veil proibia-se de

transpor a porta do Templo e ficava extremamente desconfiado com a religião. Um dia, Simone far-lhe-á esta observação: «Se não tivesse havido a guerra, eu nunca teria sabido nada do meu judaísmo.» Ele também não. Os Jacob viveram muito tempo em Nice uma ocupação tranquila sob a autoridade dos Italianos; retirados em Grenoble, os Veil, também eles, aproveitaram a brandura dos mussolinistas. E depois vieram as detenções em massa da Gestapo, os Jacob presos, deportados, martirizados; Mylène, uma irmã de Antoine, sofreu a mesma sorte. Ela também regressou d'Auschwitz.

As duas famílias exibem a sua austeridade, marca de fábrica dos Judeus franceses servidores do Estado. André Jacob e André Veil partilham o mesmo sentido do dever, o mesmo amor pela França. Transmitiram estes valores aos filhos. Inculcaram-lhes que o interesse geral deve sobrepor-se a todos os interesses particulares. Os Jacob e os Veil têm uma moral, mostram-na, sem qualquer orgulho. Antoine reivindica a todo o momento esta herança. Ele é simultaneamente sereno, esclarecido e conservador, déspota à sua maneira. Escolher Antoine, é – também – um último grito de amor lançado a André. «Encontrei nele, ao mesmo tempo, uma grande serenidade e um carácter íntegro. Era encantador, espontâneo, sereno, mas também rígido e intransigente. Gostei do Antoine lutador apaixonado, convencido de que podíamos interferir no decurso das coisas.» Belo retrato.

121 O jovem apresentou-se a Suzanne Weissmann de luvas brancas. Um pedido de casamento à maneira dos distintos burgueses, e o esboço de um casal que tem sede de respeitabilidade. «Simone ergueu deste modo uma parede de tijolo à sua volta», constata com pena Marceline Loridan. Ela, a atrevida de Auschwitz, tem dificuldade em compreender como é que a sua amiga pôde «continuar a viver, trabalhar bem na escola, passar nos exames, abraçar uma profissão, e mais tarde, casar-se, ter filhos, procurar satisfazer as obrigações familiares: para ser capaz, foi preciso recalcar sentimentos, e tão profundamente¹». Deportada? Auschwitz? E depois...E então...Ela torna-se ainda mais séria, assídua como ninguém em *Sciences-Po*, em breve, esposa deste Antoine perfeito – futuro tecnocrata, futuro inspetor das Finanças –, em breve, mãe de família, duas vezes em dois anos, dois filhos, Jean e Nicolas, e, acima de tudo, decidida a ter êxito. Porque André, esse, não tinha «tido êxito», porque Yvonne tinha sido infeliz e porque ela procura

superar todos as desgraças, as suas, as da mãe, Auschwitz e todos os mortos. Não há aí nenhuma vingança, apenas um instinto de sobrevivência. Registou que a frequência da alta sociedade parisiense a obriga a disfarçar uma parte de si própria, a mascarar esta insatisfação permanente que a consome, a conter este espírito radical que tanto assusta os conformistas. «Tem, evidentemente, menos tabus que estes burgueses com quem ela se encontra, reconhece Marceline Loridan. Libertou-se de alguns preconceitos.» Mas Simone é capaz de discernimento e de ponderação apesar do seu furor visceral. «Tínhamos pressa de viver, de regressar à vida. Há as que se lançaram na ação militante, as que se casaram e se despacharam a ter filhos. Como se quisessem recuperar o tempo perdido².» Simone oferece a si própria os meios de saciar esta aspiração. «Foi recuperada por um meio que, depressa, lhe foi de grande utilidade», salienta Marceline.

122 Antoine Veil casa com Simone Jacob a 16 de outubro de 1946. Cerimónia civil, na Câmara do *XVII^e arrondissement*. Nem por um instante se pôs a questão da bênção de um rabino numa sinagoga. «Simone evocava, por vezes, a possibilidade de batizar os filhos na igreja, afirma uma pessoa próxima de Milou. Para os proteger, se por acaso...» Ela desmente, categórica. A receção tem lugar no pequeno jardim dos Weissmann.

De madrugada, com uma mala na mão, Antoine saiu à procura de alguns víveres para dar de comer aos convidados. Alguns meses depois do fim da guerra, as restrições continuam extremamente rigorosas, as senhas de racionamento estão ainda na ordem do dia: 125 gramas de chocolate e meio quilo de açúcar por mês, 160 gramas de carne por semana e algumas fatias de má charcutaria. Suprimida durante algumas semanas, a senha de racionamento do pão foi restabelecida. Eram condições de vida tão penosas que o editorialista de *Le Monde*, o diário de referência de Antoine e Simone, protesta: «Abaixo de um certo limiar, a alimentação da população, e em particular dos jovens, deixa de ser um problema puramente civil: de que vale ganhar a guerra se, dentro de vinte e cinco anos, já não há jovens franceses para estarem de guarda no Reno?» As lojas de alimentos? Desesperadamente vazias. Antoine é, pois, obrigado a abastecer o buffet do seu casamento graças ao mercado negro. Paciência, só desta vez, só uma vez.

Levam uma existência austera de um casal sério. Estudam juntos com

assiduidade, recusando, tanto quanto podem, a ajuda material dos Veil. Simone, ao seu modo enérgico e doce, assume a direção do casal. O seu círculo finge não se aperceber, à exceção de André, o sogro. «Ele ouvia-a, sempre muito atento às suas observações. A todo o momento, lhe pedia a sua opinião. “O que pensa a Simone?” Era uma das suas frases preferidas. A sua sinceridade, a sua autenticidade, este misto de paixão e de razão, tudo isso o impressionava. Ela tinha um ascendente natural sobre a família do marido. Como todos nós, o papá receava as suas cóleras», recorda Lise Mansion, a irmã mais nova de Antoine. «Era maravilhoso ser amigo ou filho de Simone, resume Françoise de Boissieu; em contrapartida, era difícil ser seu marido.» Preocupada em não pôr o casamento em perigo, Simone multiplica os esforços, faz concessões, numa atitude, contudo, 123 estranha à sua natureza. «Sempre tive vontade de conhecer pessoas mais marginais do que Antoine, reconhece ela. Isso enervava-o. Eu gostava de chegar inesperadamente a casa com alguns amigos, abrir o frigorífico com eles e falar toda a noite. Ele não suportava isso.» Então, ela renuncia. Sem lamentações. Ama este «homem metódico que não é, contudo, um conformista». Ela ama-o, mas será que gosta do que ele gosta? Ama-o a ponto de ser, por vezes, de uma «assombrosa obediência», nota Françoise de Boissieu. Ama-o tanto que se apaga em público, sem dificuldade nem sofrimento. «Na época, era claro que era a esposa de Antoine, o número dois do casal. Aliás, ela participava pouco nas nossas eternas conversas políticas», afirma Jean François-Poncet, colega de *Sciences-Po*, futuro ministro dos Negócios Estrangeiros de Valéry Giscard d’Estaing. Simone desempenha, então, com talento, o seu papel de esposa perfeita. Antoine não é parvo, Françoise de Boissieu também não: «Simone queria ter êxito. Ter êxito na sua vida, ter êxito na vida. “Para vingar a mamã que tinha sido infeliz”, dizia ela. Não desdenhava a boa sociedade parisiense para a qual Antoine a arrastava. Enviavam-lhe sinais de reconhecimento e ela ficava satisfeita. Mas era bastante inteligente para permanecer independente, para exigir e obter um lugar à parte. Uma pessoa comedida que reivindica poder ser excessiva. Na realidade, Simone é uma conformista capaz de explosões, apoiada em valores essenciais sobre os quais nunca cede.» Devemos acreditar em Françoise de Boissieu, dar crédito à sua percepção de uma Simone «excessiva na sua expressão, moderada por natureza»? Devemos ouvir esta grande dama, esta burguesa culta a dizer, no meio de uma

brilhante demonstração, que «as formas, as conveniências são, na realidade, de uma extrema importância para Simone»? Estará enganada, Françoise de Boissieu? Não, se observarmos a rapidez com que uma adolescente saída de Auschwitz se refugiou na normalidade. Sim, desde que nos dêmos ao trabalho de ouvir Simone: «Antoine gostava de sair, estava à vontade nos salões. Eu, eu estava acanhada, não era o meu lugar. Mal vestida. Mal penteada. Não como “il faut”. Também não
124 dizendo o adequado.» Não faz mal: ela prossegue. Ela segue-o. Antoine, tão orgulhoso da sua mulher. Tão possessivo. De uma possessividade que, com toda a evidência, lembra a que André Jacob exercia sobre Yvonne. Em público, Antoine segura-a sempre pelo braço, com uma mão firme, a ponto de recaírem sobre ela, por vezes, alguns dichotes: «Ele tem assim tanto medo de a perder?» No decurso de uma visita a um museu, ela já não aguenta: «Queres, antes, pôr-me uma corda à volta do pescoço?» Ele afrouxa o abraço. Precisão de Denise: «Antoine não apreciava muito os meus encontros com a minha irmã. Tínhamos o hábito de nos encontrarmos todos os domingos de manhã na Rhumerie, no boulevard Saint-Germain e ele não gostava.» Antoine suporta, ainda menos, a comunhão, a quase fusão, entre Simone e Milou. Resmungo, protesta, exasperado que «a sua» mulher lhe escape. Lembra-lhe que elas atravessaram Auschwitz, lado a lado. Então, consente. Tudo isso não passaria de um pormenor se Antoine não tivesse metido na cabeça impedir Simone de trabalhar. Retrospectiva: André, condenando Yvonne com a mesma proibição, sob a reprovação veemente da filha. «Para mim, confessa ela, era extremamente importante ter uma carreira, sonhava ser advogada. Ora Antoine não compreendia nada desta exigência de realização profissional. Ele via nisso uma tentativa de afastamento da vida de casal. Um verdadeiro conflito no nosso lar. Lutei, foi aliás o único combate que travei contra ele. Quanto ao resto, tudo o resto, renunciei.» Ao seu modo, Antoine é um adepto da fórmula proustiana: «A posse do que se ama é uma alegria ainda maior do que o próprio amor.»

É numa dependência, sobretudo intelectual, que Antoine procura segurar Simone. É para o terreno da política que vai procurar arrastá-la, seguro da sua própria superioridade. Mas, uma vez mais...

1. Bruno Bettelheim, posfácio a *Je ne lui ai pas dit au revoir*, Claudine Vegh, Gallimard, 1979.
2. Charlotte Delbo, *Mesure de nos jours*, Éd. de Minuit, 1971.

O poder e o silêncio

125 Em janeiro de 1947, Michel de Boissieu é o chefe de gabinete de Pierre-Henri Teitgen, vice-presidente do Conselho, número dois do governo dirigido por Paul Ramadier, e alter ego de Maurice Thorez, o chefe do todo poderoso Partido Comunista, tendo este herdado também o mesmo título. Quando Boissieu propõe ao estudante Antoine Veil que integre a equipa Teitgen com posição, função e salário de adido parlamentar, ele aceita com entusiasmo. Antoine ainda não tem vinte e um anos – a maioria –, 6000 francos da época, por mês, não são para negligenciar e aquela família política, o MRP, a democracia cristã, agrada-lhe completamente. Como consegue ele, o Judeu Veil, juntar-se às personagens emblemáticas deste Movimento Republicano Popular (MRP), estes cristãos sociais democratas que foram dos primeiros a juntar-se à Resistência? Parece-se com eles, muito simplesmente. «Têm a preocupação da renovação, nota a historiadora Georgette Elgey, repudiam o capitalismo liberal e o coletivismo totalitário, condenam a ditadura do dinheiro e a do Estado, rejeitam o clericalismo e o anticomunismo puramente negativo¹.» Esta cantilena ideológica assenta-lhe bem, em particular essa aversão pelo dinheiro. «Para eles, o dinheiro é sujo, ignóbil mesmo. Ganhá-lo é uma fraqueza. E exercer o poder, um pecado se não se limitar a prestar um serviço a uma maioria².» Com um passo animado, Antoine percorre os corredores do Conselho da República, ao serviço de Teitgen, a alma

126 da ala esquerda do MRP, segundo partido em França desde as eleições de outubro de 1945. Está orgulhoso de os assessorar, a eles «que combateram durante a Ocupação por patriotismo, por horror ao nazismo, essa nova identificação do mal³.» Não importa se a França reacionária também vota MRP. Não dispõe de nenhuma outra alternativa pois as suas «elites» comprometeram-se, na sua maior parte, com a colaboração. Não importa a influência dos católicos no «seu» partido. Aqueles católicos seduzem-no: o terrorismo do pensamento, a uniformidade das origens são-lhes estranhos. «Recusam-se a fundar um “partido católico”. Na denominação, como nos estatutos do MRP, não há nenhuma referência à Igreja nem aos seus ensinamentos. O objetivo do MRP: reconstruir a sociedade sobre as forças morais e espirituais que têm a sua fonte no

cristianismo⁴.» O judeo-cristianismo, poder-se-ia precisar, este quadro de vida rígido no qual Antoine e Simone foram modelados. André Jacob e André Veil eram, ao seu modo, judeus-católicos; Antoine escolhe permanecer fiel a esta nova e pobre categoria rimbaldiana levada pelo furor hitleriano. A «família» democrata-cristã lembra-lhe a sua: o orgulho até à rigidez, a recusa de se vergar ao menor estalido de dedos do General de Gaulle. «Demasiado autoritário, demasiado nacionalista, o General», afirma Teitgen ao seu jovem assessor parlamentar, estupefacto com tanta coragem face ao ídolo. Aquelas pessoas não têm alma de vassallos; a honra, para elas, é mais forte do que o gosto pelo poder. Antoine partilha esta visão idílica, romântica, da política. Foram feitos, portanto, para se entenderem. E Simone? Existem entre ela e Antoine muitos pontos comuns, e algumas divergências que, primeiramente, ela decide apagar. Partilham, antes de tudo, apesar de tudo, uma inextinguível paixão pela França. Esta França que traiu, ao entregar «os seus» Judeus aos nazis. A França dos delatores. A França milicianista, degolando os mártires de Vercors. A França de Brasillach apelando para que se livre dos Judeus «sem esquecer os pequenos, as crianças». Eles não desconhecem nada destes factos e, no entanto, a França continua a ser «a sua» França. Mais do que nunca. «Eu estava de regresso a casa, ao meu país. Em mim, tudo estava claro: Pétain tinha sido apenas um acidente», afirma Simone Veil. A palavra-chave: acidente. Amar, outra vez, a França. Ou enlouquecer. Ela toma como sua a fórmula de Raymond Aron: «Se não perdoarem à França, ela deixa de ser a vossa pátria.» Medita sobre o – belo? – preceito de André Frossard: «Não julgamos o nosso povo.» Sorri, enfim, com o lendário sentido da resposta pronta do General de Gaulle: «A República nunca deixou de o ser. A França livre, a França combatente, o Comité da Libertação têm-no assimilado, sucessivamente. Vichy foi sempre e continua a ser inexistente.» É o que eles sentem, Simone e Antoine, é o que querem sentir. «Quando regresssei da deportação, confessa ela, disseram-me que tinha sido denunciada. Nem procurei saber. No fundo, não me interessava. O que eu teria querido saber é porquê e como tínhamos sido arrastados para este clima de denúncia.» A França que Simone ama encarna-se em César Boletti, César, o magnífico, que em Nice tudo tinha feito para esconder os Jacob, César, o generoso, que, até ao dia da Libertação, manteve junto dele a mãe de Yvonne Jacob – «e era de feitio difícil, a avó»... É a pensar em César que

Simone recusa esta descrição dos Franceses mergulhados num pétainismo cego: «Muitas pessoas correram riscos, abriram a sua casa sem pedir nada em troca. Elas tinham o sentimento de que era preciso fazê-lo, e era tudo.» A França de César Boletti, a França de Pierre-Henri Teitgen, a França de Michel de Boissieu. A França eterna, generosa. «A sua» França. «Eu não era nem nacionalista nem chauvinista, esclarece ela. Francesa e apenas francesa.»

A criação de um Estado judaico na Palestina provoca algumas reações neles? Muito poucas. «Israel, confessa Simone, eu mal sabia onde isso ficava. Era talvez um lar para os outros Judeus. Não para nós.» A França, somente a França que, com outros, eles querem levantar, reconstruir. Uma França da moderação e não da violência. «Tinha-me enganado, constata Robert Badinter, filho de deportado.

128 Tinha imaginado que a Libertação daria o sinal da mudança radical: a aurora radiosa, o castigo dos maus, a justiça triunfante.» Simone e Antoine não entendem nada dessas coisas. Eles, eles escolheram a política da razão. Estão um e outro enraizados na comunidade nacional, tiveram descendência no território francês; ao sonho cosmopolita, Simone e Antoine preferem a singularidade de uma cultura nacional azul branca e vermelha. «Tinham muita pressa de ter responsabilidades, não temiam viver com pessoas da nossa laia, mais velhas do que eles», sublinha Pierre-Henri Teitgen. A brincadeira não é admitida. Por vezes, Simone aborrece-se com estas pessoas do centro. «Ela era intransigente, violenta, e Antoine obrigava-a a conviver com moderados», afirma Françoise de Boissieu. Mas Simone contém-se, apesar da insolência que sente crescer dentro de si. Sobretudo para não irritar Antoine. Contudo, a esquerda social-democrata atrai-a, a atitude de Mendès France sedu-la, mesmo que o comunismo a revolte mais do que nunca. Quando Denise lhe diz que pensa inscrever-se no Partido Comunista, Simone implora-lhe «que nunca faça isso». «Eu refletia muito na questão do comunismo, diz ela. Não suportava a influência intelectual do marxismo. Os comunistas queriam apropriar-se de tudo, até de Auschwitz, e isso ocupava o meu espaço de reflexão; esforçava-me por descodificar o comunismo no momento em que a minha geração o proibia.» Ela vai contra a corrente e não se preocupa com isso, a «*rive gauche*» não a tenta. Será que este anticomunismo solidamente enraizado a induz a atitudes, a «mesquinhezes» de uma criatura de direita, essa direita em que o intelectual, o pensador, é sempre suspeito porque põe em causa as autoridades

estabelecidas, as hierarquias? Defende-se com vigor, lembrando que, por vezes, vota «socialista», dizendo ao sogro, arquétipo do radical moderado, que o radicalismo lhe é insuportável porque «conservador»; está desfasada, forçosamente, quando se vê confrontada com as benfeitoras do MRP a darem palpites sobre a família e os seus valores com curiosas reminiscências pétainistas. Por exemplo, Germaine Peyroles, uma das figuras do MRP, propõe emendar um dos artigos da Constituição. Este estipula que «a nação garante à família as condições necessárias ao seu livre desenvolvimento»; a senhora sugere tornar claro: «A família fundada no casamento...» Na Assembleia, a esquerda rejeita a fórmula e Simone suspira de alívio. Os «bons costumes», decididamente, desgostam-na. Nestes momentos, Antoine observa-a com uma curiosidade de entomologista: já não compreende aquele inseto. Os democratas-cristãos irritam ainda Simone quando, para agradar ao seu eleitorado, caem nas armadilhas da moralidade hipócrita. «São profundamente humanos, profundamente católicos... E acabam por votar contra o pagamento de um subsídio familiar a uma mãe solteira.» A frase, escrita sob a pena feroz do romancista Roger Nimier, teria podido alegrá-la. «Estou tão pouco à vontade com a direita moralista como com a esquerda sectária», diz ela a Antoine.

Auschwitz quebrou-lhe não a generosidade, mas a crença numa generosidade partilhada, alardeada. Contudo, ela parece feita para a revolução, para gritar contra a injustiça! Para bater nos poderosos! Apesar da sua perfeita integração no seio da ordem estabelecida. «Na realidade, sou uma social-democrata visceral», corrige ela. Escolheu o seu campo, há muito tempo, desde sempre, desde o momento em que, ainda menina, reclamou a liberdade para Yvonne.

«Logo de seguida, aceitou ser prisioneira do seu meio, censura-lhe Marceline Loridan. Adotou uma aparência conveniente, o chignon apertado; ela, que ficava tão bela com os cabelos soltos. Durante anos, não tive vontade de me cruzar com essa Simone.» Essa Simone incapaz, segundo Marceline, de «desabafar». Simone moldada numa atitude e num meio. Mas esta segurança, esta posição social, esta integração, no fundo, não são senão uma operação de camuflagem conduzida com um sangue frio desconcertante... Em alguns momentos, contudo, a carapaça desfaz-se. «Simone atravessava momentos inevitáveis de depressão. Só Milou estava autorizada a partilhar estes períodos de abatimento. A Antoine estavam

vedados, ficava excluído desta tormenta. Nessas alturas, Simone podia apanhar
130 cóleras terríveis em público, homéricas. Em seguida, reprimia-as sem dificuldades
aparentes», assegura Françoise de Boissieu. Antoine não fica zangado com a
mulher. Atribui esses instantes de depressão à «cortina de ferro da deportação,
essa mutilação». «Sentia-se simultaneamente perturbado e assustado na minha
frente porque eu tinha voltado de Auschwitz⁵» Aliás, ninguém ousa «zangar-se»
com Simone; dizemos que basta «deixar passar».

Calar-se e escutá-la. Mas que poderão ouvir, os ingénuos jovens de
Sciences-Po, concentrados nos seus trabalhos, nas suas apresentações e nas suas
notas? São tão inteligentes. E tão insensíveis...

Calar-se e compreender Simone. Mas estarão os senhores empertigados do
MRP em condições de compreender seja o que for? «Eu nunca lhe falei da sua
deportação porque sabia que ela não gostava», afirma Pierre-Henri Teitgen. Mas
no fundo o que é que eles sabem dela? Boa estudante, boa esposa, boa mãe... E
que ela não os incomode com «isso», a bela Simone, integrada na «boa»
sociedade. Ela, contudo, recusa-se a perder a memória de Auschwitz. «Falas
demasiado», censuram-na.

Simone engole e passa a outro assunto: o MRP, de Gaulle, Mendès France, o
perigo comunista, as primícias da guerra da Indochina. Debita, com um sorriso tão
radiante como forçado, algumas observações pertinentes sobre todos estes
assuntos. Mas o seu sangue fica gelado. Todos os domingos, se encontra à mesa
dos pais de Antoine. Esta tradição do almoço familiar não lhe custa. Comem
frango assado, evocam os grandes assuntos do momento, inquietam-se com o
estado de saúde das crianças. Nada mais banal até ao momento em que Simone se
aproxima de Mylène. «Bastava que recordássemos o campo para que,
rapidamente, alguém, à volta da mesa, nos cortasse a palavra e prosseguisse com
um assunto brincalhão. Não podia ser casual de tal modo era sistemático.»
Sistemático e insuportável. Sistemático e traumatizante. «No espírito dos meus
pais, tratava-se de não reavivar a sua dor, era preciso elas esquecerem, então
131 afirmavam que tudo isto era indizível», dirá Lise Mansion, a outra cunhada de
Simone. Esquecer... Mas esquecer é trair. Trair Yvonne, trair os mortos. Estar
viva no meio de um mundo de mortos não é, em si, uma deslealdade? Todas elas
pensam assim: Simone, Tola, Marceline, Milou, Anne-Lise. É uma obsessão. A

sua última fidelidade é a palavra. Dizer. Palavra interdita, proibida porque é incómoda, insuportável. «Cada vez que antigos deportados se encontram, não podem deixar de falar indefinidamente do campo, e todas as recordações vêm à superfície, confessa Simone. Nós temos a nossa abordagem específica para o fazer, com sentimentos em que se misturam a alegria dos encontros, o espanto de ter sobrevivido e a angústia deste mesmo milagre que carregamos em nós. É no riso e numa forma de humor negro, que muitas vezes chocam as outras pessoas, que nós escapamos à emoção que nos oprime.»

Ainda hoje, o silêncio é admissível. Quando perguntamos a Denise se, durante a Libertação, elas falaram, em conjunto, do campo, ela responde: «De modo nenhum, tínhamos vivido experiências diferentes. Eu não podia falar com ela da sua própria vida. Hoje, nós evocamos a deportação, aos poucos. Mas não verdadeiramente... Proibido testemunhar. «E eu que queria tanto voltar para... contar...» As palavras de Simone, simples e contudo inaudíveis aos outros, aos seus... «Por que razão teríamos consentido em tantos esforços para voltar se isso não serve para nada, se ficamos mudas, se não dizemos o que foi...» Um encerramento no silêncio, a ponto de enlouquecer.

«Quando se massacraram, em nome dos princípios, 6 milhões de seres humanos, espera-se, evidentemente, que os sobreviventes falem desse assunto durante um certo tempo, mesmo que se tornem aborrecidos ou cansativos⁶.» A cólera do filósofo Vladimir Jankélévitch junta-se à de Simone. Mas de que serve vituperar na indiferença embaraçada, nesta anorexia de sentimentos? Entre eles e nós, constata Marceline, permanece um muro e arames farpados que nunca se poderão cortar.»

132 Portanto, ela é perfeita: boa aluna, boa esposa, boa mãe. Simone, mulher-modelo no contacto quotidiano com alguns atores – e algumas pessoas de rendimentos – da República. No entanto, assim que pode, foge. Junta-se a Milou e às amigas, as do campo. Depois, regressa a casa, ocupa-se dos filhos, prepara o jantar; ou corre para *Sciences-Po* onde se preparam o futuro do país e a carreira da sua burguesia de elite. «Tem sorte, o Antoine», murmura-se. Será que estes cumprimentos lhe dão prazer? Ou deixam-na indiferente?

Ela ri, pouco.

Ela enfurece-se também.

Ela não tem necessidade de proclamar a vida, a razão, o amor.

Ela traz em si tudo isto, comunica-o. Mas transmitir, nem que fosse apenas uma suspeita do que *lá* tinha acontecido, ela não consegue.

Numa conversa com o psicanalista Ferdinando Camon, Primo Levi conta: «No campo, eu tinha muitas vezes um sonho: sonhava que estava de volta, regressava para a minha família, contava e não me ouviam. O que está na minha frente não me ouve, volta-se e vai-se embora⁷.»

Algum tempo depois desta conversa, ele “escolheu” o suicídio. Simone Veil, ela, decidiu viver. «Sonhei tanto com a morte que ela não conseguiu tirar-me a vida. Para se vingar, tirou-me a vontade de a encontrar.»

-
1. Georgette Elgey, *La République des illusions*, 1ª parte, «1945-1951», Fayard, 1965, 1993.
 2. Jean-Louis Bourlanges, encontro com Nicolas Domenach de *L'Événement du Jeudi*.
 3. Georgette Elgey, *ibid.*
 4. *Histoire des droites en France. Sensibilités*, sob a direção de Jean-François Sirinelli, Gallimard, 1992.
 5. Charlotte Delbo, *Mesure de nos jours*, Éd. de Minuit, 1971.
 6. Vladimir Jankélévitch, *L'Imprescriptible*, Ed. du Seuil, 1986.
 7. Ferdinando Camon, *Conversations avec Primo Levi*, Gallimard, 1991.

135 Ah! os brilhantes jovens, licenciados em Direito, diplomados pelo Instituto de Ciências Políticas! Simone e Antoine não perderam tempo. Estudos – conseguidos –, filhos – encantadores – e até um início de carreira para um dos dois. Quando Teitgen deixa o governo em setembro de 1948, Antoine passa a fazer parte do gabinete de um outro barão do MRP, Alain Poher, secretário de Estado do Orçamento. Alguns meses mais tarde, Poher é nomeado comissário geral para os Assuntos Alemães e Austríacos. Antoine segue-o e instala-se na *avenue* Hoche, nas salas da ex-embaixada do Japão, requisitada depois da capitulação das potências do Eixo. «Poher tinha simpatizado comigo. Queria a todo o custo que eu preparasse, “séria e convenientemente”, dizia ele, a Escola Nacional de Administração, a ENA, que Michel Debré acabava de criar. Em Paris, eu não conseguia, entre o trabalho, os filhos, os amigos, as nossas saídas. Poher insistia e acabou por me propor uma “pausa” em que eu teria todo o tempo livre para preparar o concurso de entrada: um posto de funcionário contratado num consulado...» Um consulado... na Alemanha, em Wiesbaden, mais precisamente, na zona de ocupação americana. A oferta seduz Antoine, que gostaria tanto de aceder a esta ENA quase mítica, esta escola em que se «pensa» a modernidade. Um lugar feito para ele, a quinta-essência das suas esperanças. Mas duvida que Simone aceite. Voltar à Alemanha, tão pouco tempo depois... Essa Alemanha de que falaram tão pouco desde que se encontraram, essa Alemanha odiada para toda
136 a eternidade pelos Veil, essa Alemanha que André, o pai de Simone, também abominava, como orgulhoso soldado de 14-18. Neste momento, é a Alemanha de Auschwitz e a do pós-Auschwitz que é preciso encarar.

«Um povo inteiro esteve, de perto ou de longe, associado ao trabalho da gigantesca exterminação; um povo unanimemente agrupado à volta do seu chefe que ele, muitas vezes, tinha plebiscitado com entusiasmo, a quem ele confirmou, tantas vezes, a sua adesão entusiástica, em quem ele se reconhecia. Temos ainda no ouvido os medonhos berros dos congressos de Nuremberga. Que um povo indulgente tenha podido tornar-se este povo de cães enraivecidos, eis um assunto inesgotável de perplexidade e de estupefação. Censurar-nos-ão comparar estes

malfeitores a cães? Confesso-o, com efeito. A comparação é injuriosa para os cães. Cães não teriam inventado os fornos crematórios, nem pensado em dar injeções de fenol no coração das crianças¹.» Vladimir Jankélévitch tinha aprendido a refletir a partir dos textos de Nietzsche, Kant, Hegel. Depois de Auschwitz, ainda que poupado pela deportação, ele proibiu-se para sempre de abrir um livro de filosofia alemã. Musicólogo, pianista, Jankélévitch, desde a infância, decifrava com deleite as partituras de Bach, Beethoven, Mozart. Depois de Auschwitz, ficaram fechadas, para sempre. Uma educação alemã apagada, sem nenhum escrúpulo, sem os mínimos remorsos. «Que devemos fazer? Interrogava-se ele. Gestos impotentes, simbólicos e até mesmo absurdos como, por exemplo, não ir nunca mais à Alemanha.»

A reação de Simone é diferente, surpreendente. Encoraja Antoine a aceitar a oferta de Poher. Viver em Wiesbaden – «em zona de ocupação americana, não é verdadeiramente a Alemanha», faz ela questão de precisar – não a choca. À sua volta todos estão pasmados. «Pensei: mas que ideia! Eu tinha escolhido viver em Inglaterra», reconhece Denise, a irmã resistente. «Eu continuo sem perceber que ela pudesse suportar a ideia de viver na terra alemã, era uma escolha cínica e, para outra que não a Simone, inconcebível», sublinha Anne-Lise Stern, a companheira dos anos negros, mais tarde psicanalista. Para outras, como Françoise de Boissieu. «Esta partida para a Alemanha pareceu bizarra. Vi na atitude de Simone, a expressão afirmada do seu lado “superior”, a afirmação de que era capaz de ultrapassar tudo, até Auschwitz.» Anne Gournay, a amiga de infância, vê nesta decisão um elemento essencial para compreender Simone: «Há meio século que temos sempre as duas o mesmo pesadelo: os nazis voltam! Para o ultrapassar, ela achou que era preciso passar lá um certo tempo.»

Nesta escolha, as vantagens materiais também não são para negligenciar. Vivenda, motorista, criados, nenhuma dificuldade de provisões, disponibilidade para aperfeiçoar os estudos e ocuparem-se dos dois rapazes. O estilo de vida opulento dos diplomatas expatriados. «Pela primeira vez, os meus pais viveram como burgueses abastados, recorda Jean, o filho mais velho. Depois do escritório, o papá preparava o ENA e a mamã, de tesoura na mão, organizava-lhe os dossiers. Eu ia às aulas das irmãs, as “Schweitzers”, e falava perfeitamente o alemão, acenando com a cabeça quando dizia “ja”, como um bom pequeno alemão.»

Contudo, a atitude que Simone Veil toma, no 1º de janeiro de 1950, ao atravessar a fronteira, não pode ser reduzida apenas a estes acordos. Mesmo que a questão alemã se ponha dolorosamente, a sobrevivente não quer acreditar na maldição de um povo inteiro. «No campo, diz ela, quando imaginava o regresso – o que eu não fazia muitas vezes –, refletia sobre o modo como lidaríamos com os Alemães. Lembrava-me que o meu pai dizia os “boches”, acrescentando que “deveríamos tê-los matado a todos na guerra de 14”. Eu pensava que se se não encontrasse um meio de reconciliação, os nossos filhos seriam, por sua vez, arrastados por este ódio.»

Apesar disso, ela não imagina o perdão possível. «O perdão morreu nos campos de morte», berra Jankélévitch. «Não, eu nunca perdoei a nenhum dos culpados, e nunca, nem agora, lhes perdoarei².» Recusa absoluta, sagrada. Mas nem por isso ela deixa de aceitar o contacto quotidiano, o da vida das pessoas simples, o diálogo com o Alemão “culpado”, com o Alemão «imperdoável». «Não desculpa nada, mas reconhece o lado humano no outro, inclusive no Alemão», avança Anne-Lise Stern. Em relação a este, ela não experimenta nenhum desejo de morte. De vez em quando, quando sente o ódio a chegar, ela evita-o.

À sua volta, a sua escolha suscita, por vezes, incompreensão, provoca incidentes. «Então, diz irritada, o que aconteceu com os nazis poderia ter acontecido noutro lado qualquer.» Esta nova confrontação na Alemanha é um acontecimento essencial no destino de Simone. Se se sujeita a esta prova, forçosamente dolorosa, arranja forças para isso. Tudo é possível já que, apesar de ter sofrido o horror em estado bruto, a coexistência com os Alemães já não tem nada a ver com o insuperável. Tudo é possível, apesar de algumas palavras descobertas num livro, escritas com mão infantil e trémula:

«Temos saudades tuas, querido papá.
Os Boches arrancaram-te de nós
E deportaram-te,
As bestas hitlerianas deportaram-te para Auschwitz
E mataram-te com a idade de trinta e cinco anos,
Nunca te esqueceremos, querido papá.
Ficarás para sempre gravado na nossa memória.
Deixaste filhos
Que, quando forem grandes, te vingarão
E saberão odiar estes cobardes bandidos hitlerianos³.»

Este ódio que traz em si, porque não se sai de Auschwitz sem este ódio que

perfura as entranhas, ela escolheu acabar com ele. Verdadeiro desafio para Simone, a quezilenta. Mas já que preferiu a vida, a Alemanha, mesmo a Alemanha maldita, não deve constituir um obstáculo. Simone escolhe desafiar a Alemanha. No terreno. Frente a frente.

Afinal de contas, deixar Paris por alguns anos não seria assim tão difícil, se não implicasse a separação de Milou. «Desde Auschwitz, tinham tecido entre elas um laço indestrutível, estavam profundamente ligadas», assegura a Madre Marie Isabelle, a amiga de infância de Milou Jacob.

139 Todos os testemunhos o atestam: Simone não pode empreender nada sem ter recebido, previamente, a aprovação da irmã – Simone e Milou, tão diferentes mas incapazes de passar uma sem a outra. Uma é conhecida pelas suas fúrias que deixam os familiares desamparados e os filhos inquietos; a outra, com um humor sempre igual, perdendo-se por vezes na meditação, doce a ponto de fazer lembrar Yvonne, a mãe, sempre preocupada em proteger Simone, a «pequena», Simone «a minha menina», dizia ela. Milou menos graciosa também, o passo incerto. Uma está atenta à ascensão social do casal – desde a infância, angustiava-a ter falta de dinheiro; a outra está-se nas tintas para estas futilidades. «Se, à sexta-feira, Milou tivesse possibilidade de comprar um disco, ela não hesitava. E, até segunda, contentava-se com uma única verdadeira refeição, indica Michel de Boissieu. Uma move-se na direita conveniente, na burguesia respeitável; a outra mergulha na intelectualidade de simpatias comunistas, «companheira de luta», segundo a fórmula então consagrada, de um partido que a irmã abomina. Uma aplica a sua lógica, a sua coerência, a sua maturidade precoce na lei, no direito, na análise política. A outra submerge no espaço penoso, delicado, atormentado da neuropsicologia.

Quando Simone lhe pede opinião a propósito deste «exílio» alemão, Milou encoraja-a. Elas corresponder-se-ão, não todos os dias como o fizeram, outrora, Yvonne e a sua irmã Suzanne, mas uma vez por semana. Contarão «tudo» uma à outra, evidentemente. «Milou estava muito orgulhosa da ascensão social da sua “maninha”», confia Pierre Jampolsky que, em 1950, casa com Milou.

Em Wiesbaden, «elegante estação termal» especializada no tratamento dos reumatismos e das afeções cardíacas, os males de coração não estão no programa. Em Wiesbaden, os Americanos distintos dão o tom. Os Veil também não são

desprovidos da despreocupada distinção que é própria dos diplomatas em missão. Número três do consulado francês, Antoine trabalha com a sua seriedade habitual, alguns «papéis» para redigir, algumas reuniões para seguir, sem negligenciar as revisões antes do ENA. Faz muitos convites; e Simone recebe, «magnificamente bem», precisa uma testemunha da época. As excelências americanas não tardaram
140 em reparar no casal dos «pequenos» Franceses. Antoine é engraçado, inteligente; Simone sai do habitual das embaixadas. Sabe-o e brinca com isso – maneira de passar o tempo... Está ocupada também, com os dois filhos, visita a Hesse, os seus museus, os seus castelos, e volta a descobrir o gosto pela leitura, o da sua infância: Romain Rolland, Roger Martin du Gard, a «grande» literatura francesa. Depois de alguns meses na Alemanha, ela expressa o desejo de calcorrear o chão de Bergen-Belsen. Sozinha. Uma peregrinação? A palavra, com a sua conotação redentora, causa-lhe horror. Quer apenas perscrutar o céu, observar os sulcos da terra, sentir a proximidade de Yvonne. Yvonne que tanta falta lhe faz, Yvonne, a ausente de quem ela fala apenas com Milou. Milou de quem ela espera o correio, as palavras semanais que acalmam os tormentos, enquanto oferece aos outros, todos esses visitantes dos belos serões, a imagem de uma Simone radiante e genial; vinte e cinco anos somente e já tão parecida ao que é hoje.

No verão de 51, uma boa notícia – Milou vem passar alguns dias de férias em Wiesbaden – e um mau resultado: Antoine “chumbou” no concurso de entrada na ENA. Tornou a inscrever-se, depois de uma mudança de Wiesbaden para Estugarda. É aí, em Estugarda, que Simone inicia o que poderia conduzi-la ao apaziguamento interior. Sensível à beleza das coisas, instala-se numa bela casa de Sonnenberg, uma das colinas da cidade. Antoine dispõe de um carro de serviço e os filhos, Jean e Nicolas, são colocados sob a vigilância de uma jovem ama. Finalmente desanuviada, Simone vê o seu pequeno mundo organizar-se numa calma felicidade. Antoine – ela tem essa convicção – em breve integrará a ENA. Milou, por sua vez, acaba de dar à luz um filho, Luc. Tudo, ou quase, está no seu lugar. Simone retomará, em breve, ela sabe, a batalha para convencer Antoine a deixá-la trabalhar. Está certa de o conseguir.

Agosto 1952. Sol. Férias. A casa está cheia, as visitas são numerosas. O bem-estar. O repouso do corpo e do espírito; Auschwitz afasta-se. Milou, o seu marido e Luc chegam inesperadamente para passarem quinze dias. «Foram férias

maravilhosas, recorda Pierre Jampolsky. Antoine e eu limpávamos o seu carro de
141 serviço, brincalhões, como velhos adolescentes. Partimos todos juntos à
descoberta de Rottenberg, uma cidade fortificada intacta desde a Idade Média.
Fomos até Ludwigsburg, lugar reputado pelo seu castelo. Cruzámo-nos com o
grande chefe de orquestra Karl Böhm que, com uma orquestra de câmara,
ensaiava um concerto para violino. Antoine adorava música; eu também.
Tocávamos piano. Böhm impressionou-nos e assustou-nos com os seus berros.»
Durante este tempo, Simone e Milou «deixam andar» os seus homens. Nada mais
conta verdadeiramente senão os seus encontros, as palavras e os olhares que
trocam, os intermináveis debates sobre a educação dos rapazes, a admiração
recíproca por Luc, objeto de todas as atenções de Simone, o seu terceiro filho, de
alguma forma.

A catorze de agosto de 1952, Milou, Pierre e Luc retomam a estrada. Na
véspera, Simone fez uma cena a Antoine. Ele aceitou um jantar em casa dos
amigos; ela exige ficar em casa, com Milou. Regresso a Paris, pelo menos em
duas etapas. «Eu tinha acabado de comprar uma Renault 4-CV, conta Pierre
Jampolsky. Nada de comparável com o carro de Antoine, mas eu estava tão
orgulhoso com ela. Inaugurava-a.» Depois de uma estadia tão idílica, a separação
é dolorosa. Simone tranquiliza Milou: «Estaremos de regresso no início do
próximo ano pois Antoine entrará na ENA.»

O pequeno carro está atulhado a rebentar, um carrinho e um parque para bebé
presos no tejadilho. Simone, em roupão, observa a 4-CV a afastar-se. Antoine tem
um gesto insólito, como um reflexo, uma forma indireta de pressentimento:
fotografa o carro que se desloca na poeira.

Próximo de Meaux, dezasseis horas mais tarde, numa reta, a 4-CV embate
contra uma árvore. Milou morreu logo; Luc sucumbirá dois dias mais tarde; Pierre
Jampolsky ficará «ligeiramente» ferido, indica o relatório da polícia. «Conservei
em mim, com uma clareza e uma precisão perfeitas, uma última recordação de
Milou antes do acidente, diz ele. Uma folha de papel pousada nos joelhos, ela
escrevia a Simone. Com uma grande aplicação nestas condições desconfortáveis.
142 Mal tinha acabado de a deixar e já tinha necessidade de comunicar com a irmã...»
Milou morta. A carta, a última, as palavras, as últimas, dirigidas a Simone...
Desaparecidas, elas também.

Simone só foi prevenida algumas horas depois do acidente. O seu cunhado terá adormecido ao volante? O carro terá sofrido um incidente mecânico? Questões simultaneamente irrisórias e que ficaram sem resposta. Milou morta. Nada mais. Eis o testemunho de Suzanne Weissmann: «Tínhamos ido, o meu marido e eu, ao lugar onde o nosso filho tinha caído. Acabávamos de chegar a Estugarda quando Simone foi alertada. Passei toda a noite ao seu lado. Uma noite que eu nunca esquecerei.» No dia seguinte de manhã, Simone e Antoine dirigem-se a Meaux. Ela terá tempo de tomar o pequeno Luc nos seus braços e ele morrerá encostado a ela. Cortejo fúnebre de uma família que traz em si a infelicidade, o desespero. De Simone, nada sai. Não abre a boca, não chora, não manifesta nenhuma emoção. «Naquele dia, morreu uma segunda vez. Não, era pior que isso: o desaparecimento de Milou significava que perdia Yvonne mais uma vez. Porque Milou era o último laço que unia carnalmente Simone à mãe», diz Tola Glowinski. Denise confirma: «Nada de pior poderia ter acontecido. Milou representava para Simone bem mais do que uma irmã.» Será que ela ouve Pierre Jampolsky confiar: «Ao recuperar os sentidos, na ambulância, eu peguei na mão de Milou para a aquecer, acreditava que ela estava viva, o seu rosto estava tão calmo, como de costume»? Será que ela nota que o choque se deu no sítio chamado La Bonne-Idée, no dia do aniversário do seu cunhado? Não diz nada. Nada mais do que «é injusto». Testemunho de Michel Boissieu, um dos raros a ter recolhido algumas confidências: «Simone tinha acabado por admitir que a morte dos pais, a do irmão, não eram fortuitas, que os três tinham sido triturados pela História. Mas agora... “Injusto”, repetia ela, inconsolável.» Ao visitar a Madre Marie Isabelle, tão próxima de Milou, Simone confia a inquietude que, desde o dia fatídico, não a abandona: «Será que a Milou alguma vez foi feliz, verdadeiramente feliz?»

143 Quando é preciso voltar para Estugarda, Pierre Jampolsky pede autorização para os acompanhar. «Verdadeiramente eu não sabia o que fazer», admite ele. Antoine, um «amigo formidável», na opinião geral, está de tal modo perdido que, mesmo sem se aperceber, se preocupa mais com ele do que com... Simone... Ela está sentida com ele. Sem recriminação. Está sentida... por ele não ver até que ponto ela está perdida, desesperada. «Era preciso começar tudo de novo. Recomeçar a viver. Aceitar a perda de Milou depois de ter assumido as mortes do

Holocausto era pedir-lhe demasiado. Era incapaz disso», sublinha Laurence Hirsch-Reinach.

A pedido da sua mãe, Pierre Jampolsky – «um Judeu envergonhado» exalta-se Suzanne Weissmann – manda dizer uma missa na igreja Saint-Médard em memória de Milou, um mês depois do acidente. Simone aceita lá ir, «sem dificuldade», precisa ele. «Estava, no entanto, convencida que Jampolsky era responsável, que ele tinha sido imprudente», insinua Laurence Hirsch-Reinach. Mas Milou tinha-o amado e Simone tinha isso em consideração. «No que me diz respeito, ela não mostrava nenhum ressentimento aparente», assegura Pierre Jampolsky.

Menos de um ano depois da tragédia, Jampolsky volta a casar. «Eu próprio o anunciei a Simone. Era uma questão de sobrevivência. Aliás, casei com uma mulher bastante parecida com Milou. Ela acusou o golpe, chorou. Mas compreendeu.» Compreender. Mas o que é que há para compreender? Que está sozinha, para sempre. Um marido, dois filhos, em breve um terceiro. E sozinha. Sozinha para sempre, se separada de Milou. Mas quando é que a morte vai, pois, parar de rondar Simone?

-
1. Vladimir Jankélévitch, *L'Imprescriptible*, Éd. du Seuil, 1976.
 2. Primo Levi, *Si c'est un homme*, Julliard, 1987.
 3. Claudine Vegh, *Je ne lui ai pas dit au revoir*, Gallimard, 1979.

Argelinas

145 Março de 1954: nascimento de um terceiro filho. Um terceiro rapaz, Pierre-François. Ela que tanto desejava uma rapariga... «Felizmente para ele e para mim, fiquei completamente apaixonada assim que o vi.» Episódio natural deste «feliz acontecimento» na França do *baby-boom*? Simone não é parva: com Milou e Luc desaparecidos, não tinha escolha. Dar de novo a vida para desafiar a morte, mais uma vez.

Antoine, esse, é admitido na ENA. Se, por um lado, Jean François-Poncet é promovido a major e opta, por tradição familiar, pelo *Quai d'Orsay*, Antoine, por outro, obtém um notável sexto lugar. Uma posição que lhe permitiria integrar a prestigiada Inspeção das Finanças, o Panteão das nossas elites, a casa onde os altos funcionários elaboram a ferramenta económica e financeira da grandeza nacional. Contudo Antoine hesita. «Na época, nota ele, não havia Judeus na Inspeção mas no Conselho de Estado era coisa corrente. Hesitei entre os dois, para estupefação dos meus pais: eles eram favoráveis ao Conselho, é evidente.» Escolheu... a Inspeção.

Nesta época, Simone não desiste da sua resolução: trabalhar. Há quatro anos que ela se dedica ao marido, aos filhos; mãe radiante, tão próxima dos seus rapazes que Antoine se sentiria quase negligenciado... A Escola envia-o em estágio para Marrocos. Simone fica aborrecida, mas acompanha-o, mesmo assim.

146 A Escola envia-o em estágio para a *préfecture* de Châteauroux. Simone morre de tédio mas segue-lhe as pisadas. «Depois do nascimento de Pierre-François, anunciei a Antoine que tinha a intenção de me inscrever na Ordem dos Advogados.» Simone Veil advogada... Antoine não o consente, este projeto é-lhe intolerável. O advogado não escolhe as suas causas, o advogado contorna incessantemente a lei, ilude-a, interpreta-a, diz-lhe ele. «Ele estava muito infeliz», reconhece Simone. Contudo, Antoine já não pensa em «proibi-la» de trabalhar. Ninguém está em condições de «proibir» o que quer que seja a esta mulher, a «sua» mulher. Inteligente, compreendeu que, para a conservar, é preciso deixar-lhe a sua liberdade. Da sua parte, Simone está pronta para algumas concessões. Quando Antoine lhe sugere que prepare o concurso da magistratura – acessível às

mulheres desde... 1946 –, ela aceita. Refletiu bastante sobre a Justiça, no que pode ser o seu papel na máquina judiciária e repressiva, ela, a sobrevivente de Auschwitz. «Este trabalho, diz ela, era a meu ver um modo de fazer política.» Não imagina a que ponto justiça e política estão emaranhadamente ligadas na França das guerras coloniais. «Nessa época, cruzei-me com ela perto do hotel Lutétia. Não era apenas um acaso, era quase um símbolo. Exprimiu, nesse dia, a vontade de conseguir um cargo de Juiz para crianças. No campo, tinha sentido bem que miúdos, entregues a si mesmos, podem vir a ser o que calhar», recorda Anne-Lise Stern.

Dois anos de estudos, um primeiro estágio num advogado na rue de la Paix – «Era inverno, fazia tanto frio naqueles gabinetes mal aquecidos, eu trabalhava com luvas sem dedos», depois um segundo no Ministério Público num tribunal de Paris. É recebida entre as primeiras. Vinte e nove anos e um estatuto social invejável. Vinte e nove anos e uma profissão, finalmente. Yvonne teria ficado satisfeita, talvez mesmo feliz. A sua “pequena” tinha-a, de algum modo, vingado. Alguns meses mais tarde, no início de 1957, Simone Veil é nomeada «jurista titular na Direção da Administração Penitenciária no Ministério da Justiça». Por outras palavras, aproveita o tratamento de privilégio, porque todo o neo-magistrado, seja do Ministério Público (aquele que ordena as ações judiciais, 147 requer a aplicação da lei e manda executar as decisões dos juízes) ou do Tribunal (aquele que julga), vai parar algum tempo à província. Mas Simone não. Aquando do seu estágio em Châteauroux, Antoine tinha cativado o jovem *sous-préfet* que reinava com autoridade na «cidade mais feia de França», a acreditar nas palavras de Giraudoux. Os dois homens têm uma estima mútua. Confrontados, sem nenhuma experiência ainda, com as grandes greves do outono de 1953 que bloqueiam o *département* de Indre, tornam-se amigos. Em 1956, este *sous-préfet*, André Rousselet, é nomeado chefe de gabinete de François Mitterrand, na altura ministro da Justiça do governo de Guy Mollet. Antoine faz-lhe saber que está fora de questão que Simone se exile, que abandone a família e a vida parisiense. Rousselet resolve a situação e hoje consente, por fim, em reconhecê-lo, malicioso: «Não fiz batota. Limitei-me a esticar – um pouco – o regulamento.» O chefe do gabinete perde o mérito pelo facto de a Direção da Administração Penitenciária não ser muito apreciada. Os magistrados sérios – ambiciosos, sobretudo –

preferem as direções «nobres», as dos assuntos civis ou criminais, ou até mesmo a do pessoal. Simone vai parar a um sótão no número 4 da place Vendôme, um anexo do Ministério da Justiça. A receção é glacial. «Não tinha nada a ver com o facto de ela ter sido nomeada diretamente para a Administração Central. Em compensação, achei perfeitamente anormal que se designasse uma mulher. Havia datilógrafas, é tudo. Por mim, eu teria preferido um homem para ir à prisão», conta André Perdriau, então chefe de gabinete da Administração Penitenciária. Estas palavras não são nem espantosas nem escandalosas. Traduzem, com exatidão, o estado de espírito de um meio nesse instante da sua história. O machismo não é uma regra; é um fundamento, um modo de existência. «Mulheres na nossa profissão? Mas isso aterrorizava os meus colegas, recorda o grande magistrado Pierre Arpaillange, ministro da Justiça no governo de Michel Rocard. Diziam temer o absentismo feminino, mas, na realidade, este meio confinado, tacanho, conservador, continuava a não compreender por que razão de Gaulle tinha concedido o direito de voto às mulheres e tinha-lhes, em seguida, aberto o

148 acesso à magistratura.» Os que lidam com Simone Veil já não vão demorar a compreender. Ela ainda se ri disso. «Almoçávamos duas vezes com um colega e ele começava a imaginar que, pronto, íamos dormir com ele.» Difícil impor-se, na penitenciária, sobretudo. Não era «nobre», «nada apetitosa», a penitenciária que «cheira mal». É o que ela ouve.

Visita as prisões, sem cessar. Põe mais empenho nisso que a maioria dos funcionários. Isto deveria ter sido suficiente para os alertar: Simone não se contenta em exercer uma profissão. Luta porque, tendo regressado de *lá*, é preciso lutar. «Obstinava-se em não falar da sua deportação, testemunha André Perdriau. Mas havia nela uma vocação penitenciária, certamente ligada a Auschwitz. Refletia sobre a privação de liberdade. Não suportava a promiscuidade.» Interroga-se sobre todas estas questões que a angustiam. Aliás, os antigos deportados são tão numerosos na prisão que o mero acaso não basta para explicar a sua presença. Magistrada, Simone Veil defende-se de todo o laxismo, sabe que a repressão é inevitável, útil. Pouco importa... Recusa a armadilha da clivagem total, definitiva, estabelecendo uma rutura radical entre o homem e o delinvente. A fórmula tão confortável e tão reacionária – «Tanto pior para ele se é duro, só tinha que evitar ir para lá» – não a pode satisfazer. «Se eu tivesse de fazer parte de

um tribunal, reconhece ela, nunca teria podido condenar alguém à prisão sem me colocar muitas questões.» A psicanalista Anne-Lise Stern é mais clara ainda: «A ideia de prisão é-lhe insuportável, como a cada uma de nós.» Simone confirma: «Não se tem o direito de negar a dignidade ao ser humano, ainda que seja um prisioneiro. Quando se teve de suportar esta situação, não se tolera que se inflija aos outros.» A gestão «simples», sem emoção, de uma humanidade prisioneira revolta-a. Ela fá-lo saber à sua volta. Os seus colegas notam o seu carisma, respeitam a sua coragem, destacam as suas capacidades, demasiado raros entre os profissionais de justiça: manter-se distante qualquer que seja o acontecimento e as suas implicações. Ao mesmo tempo, a desconfiança que, até ao momento, inspirava ao seu superior hierárquico, desaparece. Uma pessoa formidável, este

149 Perdriau, vindo de uma família resistente. Um dos seus irmãos, advogado em Châlons-sur-Marne, morreu num campo. «Tratávamos Simone como um homem, diz ele, divertido. Ela nunca alegou a sua vida familiar ou as suas atividades mundanas para se escapar, para evitar uma visita a um estabelecimento penitenciário.» Simone Veil, mulher e magistrada, não tem alternativa. Teme-se que lhe falte autoridade? Para ser credível, ela será, pois, perfeita, exemplar. «Era preciso mostrar, constantemente, as nossas capacidades.», afirma Myriam Ezratti, hoje primeira presidente do Tribunal de Segunda Instância de Paris, amiga de infância e depois colaboradora de Simone.

Desde a Libertação, de Gaulle e o governo provisório exigem que a reforma penitenciária figure entre as prioridades. Por razões práticas: 40 000 colaboracionistas juntaram-se a 20 000 prisioneiros em casarões sem higiene, desprovidos do conforto mais rudimentar, aquele que até os prisioneiros têm o direito de reivindicar. Também por razões éticas, resumidas por Paul Amor – um dos raros magistrados que, colocado em Metz, foi deportado pela Gestapo por ter manifestado abertamente a sua hostilidade aos nazis –, responsável por esta atualização carcerária: «Até ao presente, a detenção estava assegurada em França como se apenas se tratasse de punir e de eliminar o culpado. Não é necessário acrescentar à privação de liberdade, rigor legal imposto pelo juiz, sofrimentos suplementares destinados a fazer sentir mais vivamente o cativo, como se tantos elementos diversos, desde o uniforme até aos cabelos rapados, não fossem suficientes¹.» Será preciso, por exemplo, esperar pelo 15 de dezembro... de 1954

para que uma circular dispense das algemas os condenados à morte. Eis o novo universo da magistrada Veil: privação de liberdade, humilhações psicológicas e fisiológicas. «Quis, em seguida, visitar a maior parte das prisões. E descobria-as num estado medonho. Medievais, sobrelotadas, impondo uma tão grande promiscuidade que a dignidade do prisioneiro era ultrajada. Era imundo, vergonhoso. Os deportados regressavam da Guiana. Impúnhamos-lhes um regime de uma intolerável severidade. A prisão é uma privação de liberdade, não um
150 atentado à dignidade do ser humano.» A confirmação, em todo o caso, de que uma sociedade democrática pode revelar-se de uma rara crueldade. «A prisão não era a nossa preocupação nem a nossa prioridade. Os magistrados da penitenciária eram marginalizados. O Ministério dava-lhes poucos meios», reconhece Simone Rozès, a primeira magistrada a atingir o cume da hierarquia.

Na place Vendôme, Simone cruza-se com um médico das prisões, o doutor Georges Fully. Uma pessoa espantosa, simultaneamente ríspido e sedutor, capaz de cóleras atroadoras e de desprezos definitivos, herói da Resistência aos dezassete anos, preso pela Gestapo, deportado para Dachau. Um duplo de Simone no masculino, denunciando continuamente os «aspetos desumanos da máquina penitenciária». «Entre eles reinava uma perfeita harmonia», recorda um dos seus colegas, Ivan Zakine. Simone Veil e Georges Fully constataam, por exemplo, que a tuberculose faz razias entre os detidos. Com o apoio de Perdriau, conseguem, depois de muitas diligências e notas ao gabinete do ministro da Justiça, que um «camião radiológico» faça a ronda dos estabelecimentos. O camião, às vezes, não franqueia o portão estreito das prisões mais vetustas. Os diretores recusam na sua maioria que «os seus» detidos possam sair a fim de serem radiografados. Então, Simone é inflexível. É preciso despistar, insiste ela. Dá provas de uma vontade obstinada.

Com Fully, organiza o conjunto dos serviços de saúde. No exercício das suas funções, apesar da sua rigidez, ela nem sempre consegue dissimular uma emotividade à flor da pele. Com Zakine, acabado de chegar do Norte de África – «Em Tunes, recorda ele, os estudantes de Direito já ouviam falar da magistrada Veil, do seu conhecimento do mundo carcerário, era-nos apresentada como uma referência» –, Simone visita a prisão de Liancourt, na região de Oise. O lugar, um pequeno castelo que a República tinha ido buscar ao escroque Joanovici, acabava

de ser transformado em sanatório penitenciário. «Havia postos de observação nos quatro cantos e o lugar, um planalto pelado, estava cercado de arames farpados, conta o magistrado. Inútil dizer-vos o que ela pôde sentir. Junto de um dos postos
151 de observação, o diretor esperava-nos. Quis fazer humor, apontando um edifício: “Além, é o nosso crematório.” Temi que ela desmaiasse.» É preciso mais do que isto para a atingir, ela não tem tempo para escutar asneiras deste género.

Prisioneiros, cada vez mais numerosos, reclamam livros. Será que têm direito à leitura? Depois de ter obtido o desbloqueamento de uma linha de crédito, o incontornável Perdriau encarrega Simone Veil de recrutar um primeiro bibliotecário. Esta criação de posto fará rugir a casta dos magistrados ultra-reacionários. Eles vão espantar-se, troçar, dizer que «isso, é mesmo à Veil». Por uma vez, ela vai reagir: «Com argumentos destes, faz-se Dachau e Buchenwald.» Eles incluem a réplica na conta de «histeria». Ela está-se nas tintas para estes «velhos botas de elástico, defensores assanhados de uma justiça conservadora», pior ainda, de uma «justiça de classe».

A Administração Penitenciária inventa o conceito de «prisão-escola» para os jovens dos dezoito aos vinte e cinco anos. À magistrada Veil é pedido que assegure o arranque. Os enfermiços representantes da justiça batem o pé de raiva quando ela pedincha um grupo de professores para esta humanidade desqualificada, esta escória. Ela não cede. Concedido.

Passando de uma prisão para outra, constata que os detidos em prisão preventiva sofrem um pavoroso traumatismo psicológico. Ora eles são presumíveis «inocentes» até ao processo e ao julgamento. A magistrada Veil reclama a criação de centros médicos-psicológicos integrados nas casas de detenção. Exige que psiquiatras pratiquem aí consultas de higiene mental. Alguns começam a questionar-se se a louca não é ela. Mas ela não só consegue o exigido como também o consentimento de Matignon para financiar esta medida de salubridade pelo Ministério da Saúde.

A sub-direção da execução das penas – uma dependência da Administração Penitenciária – organiza, entre outras funções, os casos individuais. Por exemplo, será oportuno libertar, depois de anos de prisão, uma ama que assassinou um
152 recém-nascido? Entre a dezena de magistrados que tinham assento naquele dia, são bastantes os que recordam a violência, o encarniçamento com que a

magistrada Veil rejeitou esta libertação. A personalidade de Simone Veil construiu-se na complexidade, na contradição e nas oposições íntimas. «É uma mulher violenta, de uma grande generosidade.» A definição do deputado RPR Étienne Garnier, um dos seus amigos mais próximos, é de considerar. Simone bate o pé. «O seu trabalho correspondia às suas convicções profundas. Mas ela sofria com a ineficácia geral. Era impaciente, constata Pierre Arpaillange. Condoída também com o tratamento particular infligido às prisioneiras colocadas simultaneamente sob o domínio dos «machos de grandes músculos» da penitenciária e do pessoal – feminino – de vigilância, redobrando de severidade, de rigor. Proibição absoluta de se maquilhar. A magistrada interroga-se sobre o porquê desta humilhação. Terá a menor utilidade, a mais pequena virtude pedagógica? Evidentemente que não, replicam-lhe. Senão, precisamente, a de humilhar. «A prisão da Petite-Roquette, em Paris, era ainda dirigida por religiosas, conta Simone. As irmãs eram tão meticolosas... A Madre Superiora, uma irlandesa, forçava as prisioneiras a rezar o terço, indefinidamente.» Ela interveio, sem descanso, reclamando, pelo menos, a igualdade de tratamento entre detidos e detidas. Não havia nenhuma razão para que elas fossem submetidas a um sistema prisional mais repressivo. Obtém uma parcial vitória e os seus superiores confiam-lhe o cuidado de seguir as transferências dos «muito grandes delinquentes» da prisão alsaciana d'Hagenau, esta antecâmara da morte que, outrora, tinha abrigado Violette Nozières e Marie Besnard, para o novo centro penitenciário de Rennes. «Descobri aí um novo universo, uma espécie de pesadelo: uma tinha matado o marido, outra o filho, uma terceira o filho dos vizinhos. Contudo, também elas tinham direito a um tratamento digno, a uma verdadeira reeducação, a um trabalho de readaptação à sociedade. No meu espírito, isso era a prisão. Entrava, constantemente, em conflito com a diretora, uma tal menina Mercier que estava como que possuída por uma ideia fixa: a homossexualidade, fazer tudo para a impedir.» Abafar a sexualidade das mulheres quando se encontram entre mulheres, prisioneiras. Esta psicose das «pessoas normais», esta obsessão das «pessoas de bem», ela conhece-a. Deteta nelas uma maneira insidiosa de a reenviar para as perguntas desconfiadas sobre Auschwitz e a suposta homossexualidade das deportadas; é a pensar nisso que o seu trabalho, na prisão, encontra um sentido. «Acabou por reinar nas prisões de mulheres. Já

ninguém ousava contestar a sua legitimidade. Admitamo-lo: ela era notável», reconhece a doutora Nicole Dreyfus, advogada e militante comunista, amiga de infância das jovens Jacob. Simone Veil é uma combatente. Pela liberdade? É óbvio, mas, antes de tudo, pelos Direitos do Homem – e da Mulher. Mas ela não se ilude: os prisioneiros com quem ela se cruza consideram-na uma «inimiga». Ela aceita a regra do jogo: «Na vida, nunca estamos, ao mesmo tempo, nos dois lados da barricada. Para os detidos, um magistrado é um magistrado, isto é, um inimigo. Contudo, tentei compreender as suas dificuldades.»

Viagens incessantes pela província. Rondas de inspeção. Comboios de segunda classe e hotéis miseráveis. Ninguém a esperá-la na estação. Ninguém para a conduzir ao seu quarto, depois da visita. Os magistrados da burguesia provinciana evitam-na. Simone Veil arrasta uma «má» reputação. «Era um meio tão fechado! As mulheres de magistrado não trabalhavam, ignoravam que isso se pudesse fazer», explica Simone Rozès. Fatalmente, essas pessoas desprezam a mulher Veil. Terão, por esse facto, um preconceito contra a judia Veil? Ela nunca terá a menor prova disso. Pressente-o mas talvez se engane. Ainda que assim seja, estas faltas de boa educação, vindas de pessoas tão civilizadas, humilham-na. Pouco importa. Ela prossegue, persiste. Para fazer obra útil, eficaz, é preciso conhecer as prisões no interior, passar lá algumas horas, falar, escutar. Todas as ocasiões são boas para aperfeiçoar este conhecimento. Jean, o filho mais velho, clarifica: «No caminho das férias para Espanha, parávamos em Nîmes. Ela visitava a prisão enquanto nós andávamos nas arenas e no museu». E Antoine, o que é que ele pensa disto? Ele considera esta paixão penitenciária um bocadinho ridícula. Mas não é por isso que ele respeita menos a determinação da esposa, a sua vontade de perfeição num meio tão pesado, tão confuso, tão penoso. Antoine admira e resmunga.

1 de novembro de 1954. Será que Simone tem dúvidas sobre o começo de uma guerra, menos de dez anos depois da outra, no momento em que os nacionalistas argelinos desencadeiam a insurreição geral? Admira o chefe do governo, Pierre Mendès France, o homem da paz na Indochina e do diálogo com a Tunísia de Bourguiba. Anticolonialista, Mendès declara no entanto que «a Argélia, é a França». No espírito de Simone, é simples: os muçulmanos devem dispor dos mesmos direitos que os Europeus. Acredita piamente na integração, nas virtudes

da República repartidora da igualdade, das liberdades e do progresso, leu sem qualquer dúvida esta curta obra de Raymond Aron, *La Tragédie algérienne*: o grande pensador da direita moderada preconiza, nem mais nem menos, «a independência da Argélia». Simone lê *L'Express*, o semanário progressista de Jean-Jacques Servan-Schreiber. Alguns dias depois dos primeiros motins, ela percorre estas linhas, com o título, «A França ainda pode ganhar na Argélia»: «Há ainda alguma possibilidade de fazer dos povos europeu e muçulmano, na Argélia, uma comunidade francesa.» Não conhece o jornalista que arrisca este diagnóstico: Jean Daniel, um jovem judeu da Argélia, que assina assim os seus primeiros artigos na chamada «grande imprensa». Três anos mais tarde, a magistrada Veil chega inesperadamente à penitenciária. No mesmo momento, nesse mês de janeiro de todas as ignomínias, o general Massu consegue do governo Guy Mollet todos os poderes de polícia. Desencadeia com os seus paraquedistas a batalha de Argel. O horror absoluto. A tortura como «essência da guerra²».

Antes mesmo de mergulhar nos dossiers, ela imagina o calvário dos prisioneiros, as sevícias sexuais infligidas às mulheres. Inicialmente, num reflexo de fé na França, nas suas virtudes, Simone tinha recusado levar a sério a advertência lançada por Claude Bourdet, esse grande resistente antinazi desde a primeira hora, revelando os abusos cometidos pela nossa «Gestapo da Argélia»... E depois, com o decorrer das semanas, há tantos sinais tangíveis a indicar que nós
155 fazemos uma «guerra suja» com «métodos sujos»; tantos relatórios, reportagens, testemunhos, todos resumidos num texto admirável do escritor católico Pierre-Henri Simon: «Nós, que lutámos contra a monstruosidade nazi, estávamos, então, cegos e somos hoje os vencidos por Hitler, se a nossa pátria se servir das suas ideias, dos seus meios e renegar a fé humana que tínhamos acreditado ser imanente à sua essência de nação.» Os métodos dos paraquedistas de Massu – «A condição *sine qua non* da nossa ação na Argélia é que estes métodos sejam admitidos nas nossas almas e consciências, como necessários e normalmente aceitáveis³» – Simone vive-os como uma afronta. Os primeiros documentos que ela consulta deixam-na abatida. Lê, relê, uma vez e outra, o correio de Zahïa Orif Hamdad, dirigido a 7 de abril de 1957 ao procurador da República de Argel, M. Reliquet: «Fui presa na sexta-feira, 8 de março, pelas 11 horas da noite, assim como o meu marido e o meu irmão. Os páras levaram-nos para a vivenda Susini

[Posto de Comando do primeiro regimento estrangeiro de paraquedistas] [...]. Houve um que me tirou brutalmente o véu dizendo-me: “Acabou-se, aqui já é a sério.” Seguidamente, pediu uma cogula e pôs-na na cabeça dando-me bofetadas. Eu já não via nada. Houve um que me disse: “Vá, levamos-te para o poço sem fundo.” [...] levaram-me para a sala de torturas e ouvia os gritos do meu marido pois torturaram-nos ao mesmo tempo. Lançaram-se sobre mim, despiram-me, tiraram-me toda a roupa interior, não me deixaram senão as meias, depois disseram-me: “vamos atirar a granada.” Segundo o som, pareceu-me que era uma caixa que deitaram num bidão. Ataram-me os braços atrás das costas e prenderam-me os tornozelos apertando com muita força. Continuava a ouvir o meu marido que gritava e diziam-lhe: “Fala, c... Não tens vergonha de deixar morrer a tua mulher.” E começaram a sessão de electricidade no baixo-ventre, nos seios, o que me arrancava gritos de dor, dizendo-me:” Oh! Esta não vai aguentar, vai bater as botas”, e continuaram com mais gana ainda. Diziam-me: “Cala o bico”, e falavam entre si: “Deixa-me dar cabo dela”, e uma outra voz dizia: “Não, deixa, eu é que lhe dou uma paulada”, e pancadas choviam na minha cabeça, ao mesmo tempo que os choques eléctricos; quando me torcia de dores, eles endireitavam-me e continuavam. Em seguida, apertaram-me o pescoço com as duas mãos, sentia o polegar na minha garganta até me cortar a respiração, depois disseram-me: “Oh! Já não há água”, ouvi que pegavam num bidão e que o tornavam a pousar.

«Durante esse tempo, o meu marido continuava a ser torturado e gritava e rezava a Deus. Depois, desprenderam-me os tornozelos porque continuava a retorcer-me, afastaram-me as pernas, e, então, eu perguntei: “Mas o que é que me vão fazer?” Disseram-me: “Vamos f...-te” Em seguida, faziam força sobre o estômago com um peso; puseram a electricidade muito mais forte no baixo-ventre; voltaram a atar-me apertando com mais força e passaram-me a corrente eléctrica por todo o lado, sobre os ombros, os braços, as coxas, as costas. [...] Com um pau, flagelaram-me e quando me tinham batido num lado, voltavam-me para o outro. [...]

«Desde o dia 3 de abril, estou na prisão de Barberousse. Ignoro completamente o sítio onde se encontra o meu marido.

«Apresento queixa contra as torturas e sevícias sofridas pelo meu marido e por mim.

«Esperando que faça o impossível para que tais factos não se repitam, peço-vos que receba, Senhor Procurador Geral, a certeza da minha respeitosa consideração.

«Zahia Hamdad, esposa de Orif.»

Examinando em pormenor todos os documentos oficiais postos à sua disposição, Simone toma consciência que as mulheres argelinas são particularmente ativas – e expostas – nesta batalha de Argel. «Até aí, não tínhamos suscitado muito interesse nos responsáveis do FLN (*Front de libération nationale*) e da ALN (*Armée de libération nationale*), constata a advogada Safia Bazi, uma das primeiras militantes capturadas em 1956. Algum tempo antes da batalha de Argel inúmeros estudantes partiram para o *maquis*. Na cidade, algumas mulheres substituíram-nos. Aliás, com eficácia. Nós passávamos mais
157 despercebidas e os páras tinham dificuldade em nos descobrir. Conseguíamos entregar as bombas apesar das barreiras e éramos excelentes agentes de ligação.» As detenções, nem por isso, são menos numerosas e o encerramento nas prisões tanto mais penoso quanto as sessões de tortura deixam dolorosos estigmas. Simone Veil preocupa-se com isso, mas, tendo sido a última a chegar à administração penitenciária, não está em condições de exigir responsabilidades por um dossier argelino que todos os dias toma um relevo desmesurado nas atividades do serviço. O regresso ao governo do General de Gaulle, a 1 de janeiro de 1958, e a nomeação de Edmond Michelet para o Ministério da Justiça, a 8 de janeiro de 1959, vão, contudo, precipitá-la para a primeira linha.

Michelet, personagem magnífica. Católico fervoroso, entrou na Resistência desde o Apelo de 18 de junho. Acolhendo refugiados judeus na sua casa, em Brive, fornecia-lhes documentos falsos graças aos carimbos que tinha surripiado na Câmara. Preso, enviado para Dachau, Michelet afirma uma tripla fidelidade: à religião, a de Gaulle e aos seus camaradas de deportação, aceitando presidir à *Amicale des anciens de Dachau*, para melhor o provar. Mal chegou à place Vendôme, apesar da oposição do Primeiro-Ministro Michel Debré que teme as posições liberais do novo ministro da Justiça sobre a questão da Argélia, Michelet clama o seu repúdio pelas práticas de Massu: «A tortura é uma sequela do método nazi.» Simone Veil sente-se, finalmente, em harmonia com o seu ministro da tutela. Os casos Audin e Alleg perturbaram-nos, a ambos. Não aceitarão jamais

que «a sua» França se comporte assim, com tanta crueldade e tão pouco sentido moral. Maurice Audin, assistente na Faculdade de Ciências de Argel, militante comunista, cai nas mãos dos paraquedistas de Massu, os «leopardos», a 11 de junho de 1957. É torturado, assassinado. As autoridades militares levarão a indecência até informar num comunicado oficial que o jovem matemático «se evadiu aquando de uma deslocação, saltando de um jipe». O corpo de Maurice Audin nunca será encontrado. «Um crime sem cadáver», profere o historiador Pierre Vidal-Naquet, um dos principais animadores do *Comité Audin*. Henri Alleg, 158 também ele comunista, ex-diretor do *Alger républicain*, tinha sido apanhado alguns instantes depois de Audin. «Torturas, suplício da água, maçarico, Pentotal, nada é poupado a Henri Alleg. Mas ele não fala⁴.» Um ano mais tarde, as *Éditions de Minuit* publicam *La Question*, minuciosa descrição, assinada por Alleg, dos métodos que os páras utilizam. Michelet lê-o; Simone lê-o. Custam a recompor-se da leitura destas poucas páginas escritas sem empolamento nem sofrimento. Alleg deseja de todo o coração que a «Argélia fique unida à França na igualdade dos direitos e no respeito pelo direito»; esta atitude cai bem à magistrada. Michelet considera indispensável pôr um fim – e depressa – à guerra, contando para isso com a «força moral» e o «prestígio» do General; Simone, ainda que continue a não sucumbir ao charme gaulliano, ainda que a tomada de poder deste homem lhe pareça, sob certos aspetos, muito contestável e muito pouco democrática, ficaria encantada com tal solução. Michelet afirma rapidamente a sua prioridade: tornar a dar um sentido à justiça, restituir a honra aos profissionais de Justiça, proibir que soldados se infiltrem nas celas das prisões para ajustar contas com os prisioneiros argelinos. Com o apoio determinante de de Gaulle, ele confia este trabalho a dois companheiros de Dachau, dois irmãos de deportação, Joseph Rovin e Gaston Gosselin. Examinando os *curricula vitae* dos magistrados da penitenciária, Rovin e Gosselin prestam muita atenção ao de Simone Veil. Aquela mulher é das suas. Decidem, pois, mandá-la à Argélia para «inspecionar as prisões e fazer um relatório ao ministro da Justiça».

Duas semanas para avaliar a natureza exata do drama e propor soluções. Em Maison-Carrée, a prisão de Argel reservada às mulheres, Simone constata que a reforma penitenciária de 1945 não atravessou o Mediterrâneo. Higiene, horários, salas de trabalho? Palavras desprovidas de sentido no espírito das guardas, corsas

na maior parte e cruelmente repressivas. «Uma prisão tropical é diferente, modera o Doutor Vergès, um dos advogados vedetas deste período. Os nossos clientes recebiam-nos num parlatório estranho, o pátio da prisão. Estávamos sentados em duas cadeiras, ao sol...» A outra prisão de Argel, Barberousse, aterroriza a enviada especial de Edmond Michelet. Os prisioneiros estão amontoados em celas 159 abaixo do nível do mar. Minados pela humidade, nunca avistam o sol. Pelo menos, de Gaulle e Michelet ordenaram a suspensão de todas as execuções capitais. «Isto contribui para descontrair a atmosfera», nota a magistrada antes de ir embora para visitar os outros estabelecimentos penitenciários da Argélia. Os ultras, postos ao corrente desta ronda de inspeção, amaldiçoam-na. Simone não os teme. Lamenta-os. Observando estes pobres brancos enfurecidos, exsudando ódio pelo outro, ela pressente que os prisioneiros estão em perigo de morte na sua cela. Pensa em exigir o seu repatriamento. Ao descobrir, na prisão de Orléansville, o destino infligido a uma garota de dezasseis anos, Yasmina Belkacem, ficou cheia de náuseas. Recorda-se das outras, no campo, a Leste, antes, nas terras malcheirosas e malditas da Silésia. Seria Auschwitz tão diferente desta prisão mortífera de Orléansville? Evidentemente, porque era preciso contar com a exterminação programada. Quanto ao resto...

«Desde a idade de catorze anos, conta Yasmina, eu era ativa na revolução. Ia levar dinheiro aos prisioneiros. Entregava uma carta e pouco depois, como tinham confiança, uma arma. Quando havia uma reunião secreta em Orléansville, eu servia a comida. O meu sonho era partir para o *maquis*. Em 1958, fui para lá. Mas continuava a servir a comida. Já não queria fazer isso, queria lutar. Deixem-me ir pôr uma bomba, dizia-lhes eu, senão roubo uma faca para degolar um militar francês. Em outubro de 1958, os guardas de Orléansville mataram argelinos e os nossos chefes decidiram colocar uma bomba junto do posto de polícia. Confiaram-me a bomba, um despertador colocado numa caixa de tâmaras e a caixa posta numa mala. Desci do *maquis* a cavalo, depois a pé. Um carro estava à minha espera na estrada e deixou-me diante da estação de Orléansville. A bomba estava mal regulada, explodiu antes da hora.» As duas pernas de Yasmina ficam esfrangalhadas. Depois de alguns meses passados no hospital, a «terrorista» volta à prisão de Orléansville. Um horror: sem enfermaria, sem cama, uma velha 160 enxerga diretamente no chão, um penso por semana nuns cotos em carne viva,

mal cicatrizados, e ratos por todo o lado, debaixo de um calor tórrido. É preciso salvar Yasmina. Simone Veil consegue a transferência da jovem para a metrópole, para a tratarem. Yasmina Belkacem será condenada a dez anos de reclusão criminal.

Retorno à place Vendôme, segura de uma convicção definitiva: a independência da Argélia é, não apenas, inevitável mas, mais ainda, desejável. Simone não sabe que Gosselin arquiteta contactos officiosos com os responsáveis do FLN. Ela tem como única urgência redigir o seu relatório. «Abstive-me de o mandar datilografar por uma secretária da penitenciária. Era perigoso porque os funcionários guerrilheiros eram numerosos, enfurecidos com a Argélia francesa. Escrevi-o à mão e eu própria o entreguei a Michelet.» Além de uma série de medidas práticas destinadas a alinhar as prisões argelinas com as normas nacionais, ela recomenda o repatriamento de numerosos detidos do FLN. Senão, repete ela ao ministro da Justiça, serão «liquidados», nomeadamente os 350 condenados à morte que de Gaulle recusa mandar executar. Edmond Michelet rapidamente alinha nesta opinião. Ainda é preciso conduzir – e conseguir – esta operação nas barbas dos militares...

Testemunho da advogada Safia Bazi: «Os militantes foram encarcerados em Pau, em Rennes, na Petite-Roquette. A Petite-Roquette era o horror, a Idade-Média. O pior? Estávamos congeladas, continuamente. Detestávamos as nossas guardas freiras e a sua moral de meio tostão. Contudo, eu tinha conversas filosóficas com a Madre Superiora.» Na metrópole, a sorte das detidas argelinas também não tem nada de invejável: «À chegada, desde a revista das nossas malas, as vigilantes religiosas tinham manifestado um espanto visível e revelador perante a limpeza das nossas coisas; estavam surpreendidas que os “Árabes” fossem asseados. Era impossível fazer-lhes compreender que precisávamos de nos lavar mais do que uma vez por semana, tanto mais que não havia água nas celas. No cruzamento dos corredores, havia uma espécie de gamela arredondada com uma
161 meia dúzia de torneiras onde éramos obrigadas, todas as manhãs, a passar por água a ponta dos dedos e a cara, mas mais nada. Instalámo-nos lá à frente e começámos a despir-nos heroicamente (fazia frio), por partes, para lavarmos, primeiro o peito, depois as pernas. Era tão pudico quanto possível, dadas as circunstâncias, e aliás, numa prisão de mulheres só há mulheres! Mas as freiras

nunca tinham visto isso. Começaram a correr em todos os sentidos, guinchando, alarmadas com a nossa indiferença às suas ordens expressas e às suas ameaças. [...] Negociámos duas sessões semanais de duche, contra o abandono do nosso striptease, ou mais exatamente o compromisso de nos lavarmos todas as manhãs sem pôr a nu um centímetro de pele⁵.»

Estes factos são-lhe relatados e Simone explode de raiva. Uma dessas cóleras que assustam um meio profissional desnordeado por um furor tão repentino. Mas que sabem eles dos tormentos psicológicos e íntimos que o encarceramento provoca? Simone, então, lembra-se de Ivone, sua mãe, que, mesmo em Auschwitz, sobretudo em Auschwitz, exigia das suas filhas a higiene mais perfeita possível. Também já não aceita que os militantes argelinos sejam mil vezes mais bem tratados nas «nossas» prisões do que as suas «irmãs», uma centena de detidas. A solidariedade das «encarceradas». Transferida para Pau, Safia Bazi ouve pela primeira vez pronunciar o nome de uma magistrada que multiplica os esforços para melhorar a sua condição de detidas. «Entre nós, dizíamos Mme Veil.» O que é que Simone exige? Coisas tão simples como uma ração quotidiana de leite, pedaços de sabão, a visita semanal de um médico. Michelet, Rovan, Gosselin e Perdriau, os seus superiores hierárquicos, estão prontos a segui-la. Mas deparam constantemente com as oposições inflamadas do Primeiro-Ministro, Michel Debré, dividido entre o seu fervor gaullista e a certeza de que a Argélia, custe o que custar, tem de continuar francesa, que as pessoas do FLN são e serão, para sempre, terroristas, criminosos de «direito comum». De acordo com isto, os primeiros condenados à morte tinham sido guilhotinados e não fuzilados, última honra concedida aos «políticos».

«Assim, Edmond Michelet era literalmente bombardeado com observações e estava esmagado pelas acusações do chefe do governo que pensava que o ministro da Justiça era demasiado liberal nas facilidades regulamentares concedidas aos membros presos do FLN⁶.» Estes, e muito justamente, reclamam o estatuto de prisioneiros políticos. «Fora de questão», replica Debré. O Primeiro-Ministro consente em submetê-los a um estranho estatuto «A». Já não são exatamente de «direito comum» mas também não chegam a ser «políticos». Os nacionalistas argelinos, homens e mulheres misturados, desencadeiam imediatamente uma greve da fome com um caderno de reivindicações idêntico ao de qualquer outro

estabelecimento penitenciário: reconhecimento em cada prisão de um comité de detenção; aulas de alfabetização – e de higiene – para os iletrados; direito de receber livros e jornais sem passar pela censura, em suma os privilégios habituais dos políticos. Debré teima na sua recusa. Michelet, furioso, ameaça demitir-se. «Em plena greve da fome, Simone regressou desesperada de Rennes. Eram tantos em toda a França a não se alimentarem que ela não tinha conseguido encontrar na Bretanha os suportes metálicos indispensáveis à administração de soro». Censurava-se pela sua «falta de eficácia», conta André Perdriau. «Os colaboradores de Michelet eram formidáveis, constata Jacques Vergès. Havia já muito tempo que, *de facto*, eles tinham concedido o estatuto político aos nacionalistas argelinos.» Homenagem a Simone Veil, aos seus colegas de magistratura, incansáveis defensores não dos «terroristas», mas dos seus direitos. Ela terá, pois, servido de magistrada-bombeiro durante esta guerra de Argélia. Disponível. Atenta. De uma rara humanidade. «Quando as coisas emperravam, quando os militantes FLN já não suportavam as suas condições de vida, afirma a advogada Nicole Dreyfus, eu telefonava-lhe, íamos almoçar juntas, eu explicava-lhe, e ela agia. Achava-a de uma eficácia impressionante.» De férias no Croisic em agosto de 1962, Simone interrompe por quarenta e oito horas as suas férias bretãs. Para desespero de Antoine e dos filhos. Numa prisão de Lyon, três
163 franceses simpatizantes da causa argelina – «transportadores de malas» – são maltratados pelos guardas e alguns detidos OAS. Ela precipita-se para lá, para remediar a situação, acalmar os ânimos. «Apanhei um comboio, uma ligação que ia de Oeste para o Sul, interminável. Lembro-me perfeitamente de ter pago o bilhete do meu bolso.» Contudo, Simone desaprova a causa dos «transportadores de malas». Um Francês, mesmo por uma causa justa, não entrega armas a militantes «estrangeiros» que vão imediatamente usá-las contra soldados franceses. «Magistrada-ama»: os objetores de consciência foram colocados sob a sua proteção e ela evita-lhes muitos dissabores. Magistrada-combatente: quando a França e a República se desonram no caso Djamila Boupacha, ela não deixa a infâmia prosseguir.

A 10 de fevereiro de 1960, as forças da ordem prendem, no domicílio dos pais, Djamila Boupacha, uma muçulmana de vinte e dois anos. Acusam-na de ter colocado a 27 de setembro de 1960, na Cervejaria das Faculdades, em Argel, um

obus de morteiro armadilhado, dissimulado num saco de praia. O engenho pôde, contudo, ser detetado a tempo e desativado sem que houvesse nenhuma vítima a deplorar. Depois de uma série de interrogatórios «musculados», Djamilia é conduzida para o centro de triagem de Hussein Dey, um subúrbio de Argel.

Torturada, ela confessa o seu «crime»... Depois de trinta e três dias de «coabitação» com os páras, o juiz de instrução dá-lhe ordem de prisão e culpa-a «de associação de malfetores, de tentativa de homicídio voluntário». A advogada da jovem, Dra. Gisèle Halimi, exige que a Comissão de Salvaguarda dos Direitos e das Liberdades Públicas «abra um inquérito». Toma a iniciativa de criar um Comité «Em defesa de Djamilia Boupacha». Simone de Beauvoir aceita a sua presidência e encontra-se ao seu lado a romancista Françoise Sagan, um jesuíta, o reverendo padre Riquet, o escritor e resistente Vercors, a poetisa Elsa Triolet, tantos outros. A 2 de junho, a poucos dias do processo que deve abrir em Argel diante do Tribunal permanente das forças armadas, a autora de *O Segundo Sexo* publica um artigo, entrado na lenda, na página 6 de *Le Monde*. O título: «Em
164 defesa de Djamilia Boupacha.» Ela retoma em grande parte o testemunho da supliciada, dirigido ao decano dos juízes de instrução de Argel que, entretanto, tinha chegado à place Vendôme, à secretária de Simone Veil. «O que há de mais escandaloso no escândalo, é habituarmo-nos a ele. Parece, contudo, impossível que a opinião permaneça indiferente à tragédia que está a viver [...] Djamilia Boupacha.

«[...] Nenhuma testemunha a identificou. Não existe contra ela a sombra de uma prova. Para estabelecer a sua culpabilidade eram necessárias confissões: obtiveram-nas. Na queixa por sequestro e torturas que ela acaba de apresentar, Djamilia nega-as e descreve as condições por que passou. [...]

«Na noite de 10 para 11 de fevereiro, cerca de cinquenta guardas, de harkis, de inspetores de polícia, irromperam pelo domicílio em que Djamilia vivia com os seus pais. Bateram-lhe, assim como ao seu pai e ao seu cunhado, e levaram os três suspeitos para El-Biar. Aí, os militares, dos quais um capitão paraquedista, espezinharam Djamilia e partiram-lhe uma costela. Cinco dias mais tarde, ela foi transferida para Hussein Dey, onde três harkis, dois militares e três inspetores à civil lhe administraram o “segundo grau”. Fixaram-lhe elétrodos nos bicos dos peitos com fita-cola, depois aplicaram-lhos nas pernas, nas virilhas, no sexo, no

rosto. Murros e queimaduras de cigarros alternavam com a tortura elétrica. Em seguida, suspenderam Djamilia de um pau por cima de uma banheira e mergulharam-na várias vezes. “Não te vamos violar, ainda eras capaz de ter prazer, disseram-lhe alguns dias mais tarde os homens que a interrogavam. E Djamilia precisa: “Administraram-me o suplício da garrafa; é o mais atroz dos sofrimentos; depois de me terem atado numa determinada posição, enfiaram-me na vagina o gargalo de uma garrafa. Gritei e perdi os sentidos durante, creio eu, dois dias.” [...] Djamilia era virgem. [...]

165 «Argel utilizou tudo para entravar a sua defesa. O processo tendo sido, inicialmente, marcado para o dia 18 de maio, a Doutora Halimi só foi autorizada a permanecer em Argel de 16 a 19 de maio. Para comunicar com a sua cliente, consultar o dossier, preparar a sua alegação, dispunha apenas de trinta horas. O direito à defesa estava tão manifestamente violado que obtive o adiamento do processo, mas a nova data designada, a 17 de junho, é demasiado próxima para que o inquérito reclamado por Djamilia possa ter êxito antes da reunião do tribunal. Será que se permite que os seus juízes utilizem contra a acusada as confissões que os seus torcionários, atrozmente, lhe extorquiram?

«Já não há ninguém que possa apagar as sevícias que lhe foram infligidas nem as sofridas pelo seu pai e cunhado, mas pode-se ainda parar a marcha da injustiça. Pode-se, deve-se adiar o processo até que se tenham elucidado as circunstâncias nas quais Djamilia falou. Se os nossos dirigentes não se decidissem a agir neste sentido, eles admitiriam abertamente que a justiça, na Argélia, não é senão uma paródia sinistra, contrariamente às suas declarações públicas. Eles consentiriam que a tortura fosse sistematicamente utilizada como condição prévia à informação judiciária. [...]

«Não é tudo: até aqui, nunca nenhum torcionário foi inquietado. Será que os homens que interrogaram Djamilia continuarão a conduzir tranquilamente as suas atrozidades? É tempo de lhes provar que nesta Argélia que eles dizem francesa, não podem violar impunemente as leis da França. O velho Abdellaziz Boupacha, extenuado e desvairado, gritou desesperadamente: “De Gaulle proibiu a tortura! – De Gaulle, respondeu o capitão que dirigia as operações, que faça a lei, lá, em França; aqui, somos nós que mandamos!”

«Se o governo hesitasse em castigar duramente, confirmaria estas arrogantes

palavras, confessaria ter definitivamente renunciado a fazer-se obedecer pelos militares de Argel, e abandonaria a Argélia à ilegalidade, à arbitrariedade, aos caprichos selvagens de alguns fanáticos.

166 «Com esta abdicação, é a França inteira que eles trairiam, é cada um de nós, sou eu, são vocês. Porque, quer os tenhamos escolhido quer os suportemos de má vontade, nós estamos, dê lá por onde der, solidários com aqueles que nos governam. Quando os dirigentes de um país aceitam que se cometam crimes em seu nome, todos os cidadãos pertencem a uma nação criminosa. Será que consentimos que seja a nossa? O caso de Djamila Boupacha diz respeito a todos os Franceses. Se o governo adiar, cabe à opinião pública fazer pressão sobre ele, exigir imperiosamente a apresentação em juízo do processo de Djamila, o resultado do inquérito que ela reclama, uma proteção segura para a sua família e os seus amigos e, para os seus carrascos, os rigores da lei⁷.»

Naquele dia, *Le Monde* é apreendido em Argel. Simone Veil interroga-se: como intervir para salvar Djamila? Exprime alto e bom som a sua «repulsa» aos colegas. E ela espera este 17 de junho, primeiro dia do processo. O telex que recebe da Argélia tranquiliza-a: ao pedido do comissário do governo, o Tribunal permanente das forças armadas de Argel, depois de uma audiência de uma hora, reenviou o processo com vista a suplemento de informação para data posterior. No seguimento, o Comité pede audiência a Edmond Michelet. O ministro recebe Simone de Beauvoir, que exige «o afastamento do tribunal de Argel no que respeita à queixa por sequestro e torturas levantada por Gisèle Halimi em nome de Djamila Boupacha» e, antes de qualquer outra iniciativa, a transferência da prisioneira para a metrópole. Porque a sua vida, em Argel, está em perigo. Os assassinos da OAS vigiam-na, procuram-na, querem-na. A extrema-direita de Argel abomina Djamila que ousou rebelar-se. É preciso, pois, abatê-la. O ministro da Justiça reconhece a legitimidade do pedido: a transferência da prisioneira é indispensável. Depois de ter designado um novo magistrado como instrutor no Supremo Tribunal encarregue de retomar o dossier, ele diz a Simone de Beauvoir e a Gisèle Halimi que uma magistrada será responsável pela organização do repatriamento. «Eu tenho toda a confiança nela, precisa ele às suas interlocutoras, para as tranquilizar. Ela chama-se Simone Veil e conhece os horrores da prisão.» O antigo ministro deportado confia em Simone, a antiga deportada, para organizar

o salvamento.

Testemunho de Gisèle Halimi, pouco dada à bajulice: «Djamila era ameaçada de morte na Argélia, o perigo era real. Simone Veil interveio com uma
167 extraordinária rapidez, não prestando nenhuma atenção a uma opinião pública de extrema-direita hostil.»

Simone instala, então, Djamila Boupacha numa cela da prisão central de Rennes. A 22 de abril de 1962, Djamila Boupacha é posta em liberdade. Simone Veil está feliz... por ter sido útil.

Antoine, Jean, Nicolas e Pierre-François abominam esta penitenciária que absorve tanto a esposa, a mãe. Mas eles sabem que Simone não tem escolha, não tem alternativa: deve bater-se sem descanso, sob pena de trair Yvonne, Milou, todos os outros de «lá»...

-
1. Paul Amor, «La réforme pénitentiaire en France», *Revue de science criminelle*, 1947.
 2. Ler sobre este período a notável obra de Hervé Hamon e Patrick Rotman, *Les Porteurs de valise*, Albin Michel, 1979.
 3. Nota do general Massu citada integralmente por Pierre Vidal-Naquet, *Les Crimes de l'armée française*, Maspéro, 1975.
 4. *La Guerre d'Algérie et les Français*, sob a direção de Jean-Pierre Rioux, Fayard, 1990.
 5. Hervé Amont et Patrick Rotman, obra já citada.
 6. Jacqueline Guerroudj, *Des Douars et des prisons*, Éd. Bouchene, 1991.
 7. Pierre Viansson-Ponté, *Histoire de la République gaullienne*, Fayard, 1970.

A fina-flor de Paris

169 Naquela noite de 1964, como todas as noites, os Veil jantam no centro da cidade. Antoine passa pelos gabinetes miseráveis da Administração Penitenciária para apanhar Simone. Naquela noite, com boa disposição, ele diz... meio sério, meio a brincar: «A minha mulher trabalha, evidentemente... Para pagar os seus cigarros.» O sucesso profissional de Antoine Veil é incontestável: o ex-aluno da Escola de Administração-inspetor das Finanças-rato de gabinete – a trilogia habitual – afirma-se, com efeito, como brilhante gestor, nomeado recentemente diretor-geral da prestigiada – e toda-poderosa – Comissão dos Armadores. Os «negócios», depois da alta administração. Na época, uma transferência assim, não é corrente. Mas Antoine Veil, espírito curioso e paradoxal, considera que o fosso negócio-política é artificial. Mesmo que, já há muito tempo, tenha aceite a ideia de que a sua mulher exerce um trabalho verdadeiramente formativo, que adquiriu, em menos de dez anos, uma sólida reputação, Antoine já não suporta o meio em que ela se move. Está farto de que ela não lhe fale senão das prisões; farto de que ela tome como uma obsessão todos estes prisioneiros, que, todos os dias, em último recurso, escrevem à atenção da «Senhora Delegada do Ministério Público Simone Veil». Ele lamenta-se, com alguma razão: «À mesa, estás ainda na prisão.» Os rapazes protestam outro tanto: o destino das férias interrompido por necessidades da causa, já basta... Então ela decide consolidar a harmonia familiar e o seu equilíbrio pessoal. Porque Simone, os fogos da guerra da Argélia ainda

170 acesos (2 360 condenações, 417 penas criminais, 41 condenações à morte, 4 execuções, 1 388 detidos por subversão...), duvida, por sua vez, da sua missão: «Nós tínhamos tão poucos meios materiais, financeiros, e o novo ministro da Justiça era muito repressivo.» Gaullista de direita – ao contrário de Michelet –, católico tradicionalista até mais não – ao contrário de Michelet –, Jean Foyer é, na opinião geral, um jurista tão excepcional como conservador. Nomeado ministro da Justiça pelo novo Primeiro-Ministro, Georges Pompidou, ele vigia com um olhar desconfiado os magistrados da penitenciária, esses «laxistas». Foyer está demasiado informado sobre os assuntos da Justiça para ignorar que Perdriau, Veil, Zakine e todos os outros evitaram catástrofes, verões «quentes» repetidos nas

prisões sobrelotadas, sub-equipadas, politizadas. Mas, vindo de um meio reacionário, ele continua desconfiado. É, pois, sem muita pena que a magistrada Veil pede para deixar a penitenciária. «Tinha chegado à saturação, desgastada por tantos anos de esforços incessantes, vãos, demasiadas vezes. Não suportava mais o clã conservador que degradava a nossa vida», explica Ivan Zakine. Foyer é um legista demasiado esperto para afastar Simone Veil. Nomeia-a para a Direção dos Assuntos Cíveis, onde se elaboram as grandes leis ditas de «sociedade», «um formidável utensílio para mudar o nosso país», estima ela. Eis, pois, Simone Veil, a magistrada «reputada», colocada no coração de uma direção «nobre». Antoine e os rapazes estão encantados. Tudo se encaminha para melhor.

Assim que se libertou da angústia penitenciária, Simone presta-se de boa vontade aos jogos mundanos. Antoine não tem nenhuma necessidade de a incitar. A frequência da grande burguesia respeitável tranquiliza-a; uma certa normalidade é-lhe necessária para estar em condições de constatar que, decididamente, «haverá sempre alguma coisa a separá-la dessas pessoas». Pouco importa... «Os Veil sempre se mostraram muito na capital», constata Françoise Giroud, outra especialista do género. O sistema funciona em círculo: cruzam-se durante o dia, encontram-se à noite num jantar. Diretor da Comissão dos Armadores, Antoine Veil entra em contacto com o encarregado da comissão, responsável em Matignon

171 pelo dossier dos transportes. Dizem-lhe que o recém-chegado, Jacques Chirac, é um protegido do Primeiro-Ministro Georges Pompidou, que conhece Antoine desde... 1947 graças a Michel de Boissieu, que tomou, ele próprio, o lugar de Georges Pompidou na direção do banco Rothschild. Pequeno mundo. «Estive vai-não-vai para ter aulas de pilotagem com Chirac, recorda Antoine... Os aviões fascinavam-nos.» Não concretizam nada disso, mas cruzam-se frequentemente nos jantares. Simone observa com interesse este ambicioso que tem o mérito de não mentir, de exhibir com franqueza a sua febre de poder. Ela descobre, assombrada, que para ele a ação em política é um fim em si. Por agora, não tem nenhuma importância: gosta dele porque engana menos que a maior parte dos outros. Simone Veil e Jacques Chirac não se dão ao trabalho de dissimular a sua cumplicidade. Será que estão em contradição na maior parte dos grandes temas? E então... Isso não interessa neste Paris que se está nas tintas para as «ideias», uma palavra quase obscena inventada para irritar as pessoas de boa educação.

Simone e Antoine incluem-se entre os frequentadores da fina-flor de Paris. Por intermédio do chefe centrista Joseph Fontanet, um próximo, cruzam-se com Marcel Bleustein-Blanchet, personagem mitológica, criador em França da publicidade moderna. Tornam-se íntimos, ao ponto de Antoine e Simone serem convidados todos os verões para a propriedade de Bleustein, nas Issambres, na Côte d'Azur. Aí, joga-se gin-rummy, tagarela-se inteligentemente, encontram personalidades políticas – o ministro gaullista Jacques Murette –, homens de influência com poder financeiro incalculável – Jean Frydman, o dono da sociedade gestora da publicidade da *Europe 1*, futuro confidente de Valéry Giscard d'Estaing. Esta fauna simultaneamente estabelecida, estranha e pouco ortodoxa convém a Simone. Burgueses, certamente, mas que vêm de tão longe; como ela. Pessoas respeitadas, mas que suportarão para sempre os olhares desconfiados e interrogadores da boa burguesia; como ela.

172 A maior parte do tempo ela evita o terceiro círculo de Antoine, o dos caçadores, dos bons atiradores da República. Francis Fabre, proprietário da companhia de aviação UTA e chefe da Comissão dos Armadores, organizou o encontro entre Antoine e Jean-Claude Roussel, o petulante P-DG dos laboratórios com o mesmo nome. O diretor-geral foi, rapidamente, convidado para os Vosges, onde Roussel possui uma coutada. O grupo é impressionante: um chefe de governo, Georges Pompidou; um glorioso ministro da Economia e das Finanças, Valéry Giscard d'Estaing; um todo-poderoso ministro do Interior, Roger Frey, um dos «barões» do gaullismo; a estrela dos tribunais de Paris, o celeberrimo advogado René Floriot. Antoine atira com carabina em companhia de todas estas celebridades. «Eu avisei Simone, brinca Dominique de La Martinière, então diretor-geral dos Impostos. Atenção, Antoine torna-se um snob! Por vezes, vinha de Chambord, lugar destacado das caçadas presidenciais, resmungando que a caça era pouca.» É demasiado para Simone que se contenta em jantar na casa dos Fabre. Silenciosa e magnífica, ela examina os «convidados», Gianni Agnelli, o dono da Fiat, Aristóteles Onassis, o armador grego.

Na burguesia, fora da burguesia: Simone gosta deste vai-e-vem. «Humanamente, não se pode ser melhor do que ela. Para todos estes burgueses, ela é demasiado intransigente. Simone – é evidente que eles não o admitem – é-lhes, no mais profundo de si mesmos, insuportável. Mas não ousam fazer

nada... Por causa “daquilo”, como eles dizem entre eles. Aquilo? Auschwitz, a deportação», explica Étienne Garnier. Sair, falar, observar. Responder aos olhares admirativos dos outros. Simone, lúcida, presta-se de boa vontade a este divertimento. Mas hoje ela empalidece quando lhe lembram que os seus filhos, eles, apesar de tudo, ressentiram-se dessas mundanidades repetidas que os privavam de uma mãe adulada. «Uma verdadeira *mamma*, afirma André Rousselet, enquanto que Antoine me parecia um tanto agastado pelos filhos.» Ausente, ela mantém, no entanto, os seus rapazes ao corrente de tudo. «Discutiam diante de nós. Associavam-nos sempre às suas grandes decisões e nós dávamos a nossa opinião», confirma o mais novo, Nicolas. «Informavam-nos, e nós seguíamos. Pais muito próximos, apesar da distância, acrescenta Jean. Algumas noites, resmungávamos porque eles saíam. Ocupei-me muito mais do mais novo

173 de nós, Pierre-François, um pouco como uma irmã mais velha.» Contrariamente a Antoine, Simone, tão atenta ao equilíbrio dos seus, impõe-se como regra absoluta passar por casa, na rue de Rome, depois na rue Danton, antes de sair; escutar os seus filhos, ouvi-los, beijá-los, zangar-se às vezes. «Ficávamos impressionados com as suas cóleras. Era estrita, nunca severa», indica Jean. Quando Antoine se ausenta, eles adormecem à vez na sua cama; quando Antoine sanciona uma má nota de um dos «seus cábulas», ela levanta, uma vez em duas, o castigo. «Não suportava que o papá nos tratasse como burros, que ele nos comparasse sem cessar com outras crianças sempre “formidáveis, essas”. Isso exasperava-a», continua Pierre-François. «Ela conseguia com um grande esforço estar presente junto deles, mesmo quando estava algures», reconhece Lise Mansion, a sua cunhada. Este esforço, ela cumpre-o graças ao seu instinto, esta capacidade de ir, logo de seguida, ao essencial, de detetar imediatamente a solução que se impõe para resolver a dificuldade. A atitude de Antoine para com os rapazes mergulha-a, por vezes, num abismo de perplexidades e de recordações, as de um tempo antigo em que Simone Jacob censurava tanto o pai por manter as crianças à distância, por impor demasiadas regras. Ela ouve as recriminações de Jean e pensa imediatamente nas suas, rapariguinha persistente, adolescente vingativa, na doçura de Nice.

Jean: «O papá era adorável. E, ao mesmo tempo, chato, maníaco. Proibição de falar à mesa. Proibição de fazer barulho no carro, exceto para recitar, ao passar

por um *département*, os nomes das capitais do cantão.»

Pierre-François: «Ele “chateava-nos” todo o tempo com a exigência do progresso social e a necessidade de pagar impostos. Não suportava que falássemos de dinheiro, não era correto. “Correto”: isso estava sem cessar na sua boca. Descobrimos bem mais tarde que nos tinha inculcado os bons princípios.»

174 Antoine resmunga. Antoine zanga-se. Os seus filhos, que ele adora, são também invasores que, à sua maneira, sequestram «a sua» mulher. Ele explicou isto, uma vez, aquando de uma emissão de televisão: «Simone mantém relações exceccionalmente estreitas com os filhos. De repente, invadem o seu quarto – o nosso quarto –, o seu gabinete. Ela faz parte da sua paisagem quotidiana e eu, às vezes, aborreço-me com isso, quando, sem nenhuma maneira, interrompem a nossa conversa.» Poderíamos acreditar que ouvíamos as recriminações de André Jacob...

Adulada nos salões, aproveitando a rede tecida por Antoine, amada na sua casa, Simone Veil prossegue, imperturbável, a sua ascensão profissional. Sob o impulso de Jean Foyer, o Ministério da Justiça manda reformar o código civil: a tutela dos menores, os regimes matrimoniais e, dossier difícil, a adoção. O professor Jean Carbonnier, grande organizador destes novos textos, adianta pretextos «filosóficos e éticos» para recusar trabalhar este último ponto. Por outras palavras, o velho mestre é hostil ao próprio princípio da adoção. Foyer não está longe de pensar como ele, mas sabe que o Presidente da República e o seu Primeiro-Ministro estão particularmente atentos ao dossier por razões pessoais: a filha do General adotou uma criança à qual de Gaulle está muito ligado; Georges e Claude Pompidou criam, eles também, um filho adotivo, Alain, hoje médico de renome. Seguem um e outro este projeto de lei nos seus menores detalhes. Rude prova para os magistrados encarregados de o redigir. De tal modo que o assunto se transforma em confrontação, no limite do conflito teológico. Dois aspetos do dossier provocam virulentas polémicas: é preciso, no termo do processo, dar à criança adotada os mesmos direitos que à criança legítima? É oportuno deixar subsistir os laços com a família natural, se for conhecida ou se esta se manifestar? No início dos anos 60, estas questões, de futuro caricaturais, desencadeiam paixões. Querendo, custe o que custar, «ver o fim disto», Foyer confia a Simone Veil a direção de uma comissão responsável por finalizar a reforma. «Eu não tinha

senão um princípio de base em mente, diz ela: a adoção é feita para a criança.» A marca de Simone. Pragmática.

175 Crianças. Sós. Abandonadas. Privadas de pais. Regresso a Auschwitz, sempre, ainda, esses milhares de garotos entregues a si próprios, tornados selvagens pelos bárbaros. O ministro não imagina a que ponto este texto é caro a Simone e que, em consequência, ela «trabalhará a fundo, apoiada em convicções, convencida de que um magistrado é um decisor», precisa Simone Rozès. Inova logo na composição do grupo de trabalho, integrando uma psiquiatra para crianças e um pediatra. Ei-la a perturbar a rotina de uma magistratura anquilosada em que a regra é que tudo fique entre eles. Ela leva ainda mais longe a provocação, ouvindo pais adotivos, educadores, quadros da Assistência Social. É assim que ela pretende encontrar uma resposta precisa às mil e uma questões que baralham o dispositivo de adoção. Quem pode adotar que criança? Com que idade? Sob que condições? Sob que modalidades? Com que consequências? Simone soube que o General de Gaulle é intratável num aspeto: opõe-se a que um casal possa adotar se já houver filhos legítimos. Ela inventa, então, uma solução intermédia: um tal pedido exigirá uma dispensa concedida ou recusada apenas pelo... Presidente da República. Jean Foyer saúda a engenhosidade da delegada Veil. Depois da entrega do relatório, o ministro da Justiça confia-lhe a elaboração do ante-projeto de lei. Ela faz, incessantemente, a ligação entre a place Vendôme e o Eliseu, entre o Ministério e Matignon. Ela explica, defende, encarniçada. Será que é indispensável reformar o processo de abandono? O Eliseu e Matignon têm dúvidas quanto a isso. Ela convence os distintos conselheiros de que uma nova lei não teria sentido se, «no fim de um prazo legal em que os pais que, manifestamente, se desinteressam da criança, puderem requerê-la», se o «consentimento para a adoção não se tornasse irreversível». Eles reconhecem que o «bom senso» lhe dá razão. Ela persegue os legisladores com a sua conceção de justiça: será suportável que numa sociedade evoluída, num país moderno, um filho legítimo disponha de todos os direitos, um filho bastardo da metade dos seus direitos e um filho adúlterino de nenhum direito? «O direito não pode ser discriminatório», atira a delegada Veil. Faz estremecer o sistema judiciário. Georges Pompidou ouve dizer muito bem desta magistrada. Quando Jean Foyer apresenta o texto «Veil» ao Parlamento, ela está sentada na bancada do governo

176 para aconselhar o seu ministro. Consta que a maior parte dos deputados da maioria não querem o «texto». «Demasiado liberal», berram eles, decididos a fazer o projeto em pedaços. De Gaulle faz-lhes, então, saber que esta lei pertence ao seu «domínio reservado», que exige a sua ratificação. Os eleitos pelo povo dobram-se à vontade do grande homem. Ela está radiante, apenas observadora, com ironia, da imensa cobardia destes senhores que, alguns anos mais tarde, ficarão todos inchados de orgulho pois a maior parte dos Parlamentos europeus copiarão este texto para modernizar o seu direito. É a primeira marca, nada negligenciável, de Simone Veil na sociedade francesa.

O estado da magistratura desespera-a. O espírito dos magistrados «estabelecidos» consterna-a. Não se contentam em ser arcaicos e conservadores, estão ultrapassados, imóveis, atrasados em relação aos Franceses, incapazes de se interrogarem sobre o seu papel na sociedade. Como colmatar o fosso cada dia maior entre a mecânica judiciária e a necessidade de justiça? Só o evocar este dilema provoca gritos de raiva entre os pequenos marqueses do mundo judiciário. Tanto pior para eles. Alguns magistrados modernistas fundam a Associação Vendôme para «refletir sobre a Justiça» e «contribuir para fazer saltar as estruturas imóveis»; ela junta-se a eles. Expressam a ambição «de adaptar a Justiça ao seu tempo»; Veil, a reformadora, aceita este desafio. «Ela não tinha nada de uma sindicalista desenfreada. Estava-se nas tintas para a reivindicação pura. Apresentava um verdadeiro rigor intelectual e nós víamo-la como uma combatente», resume Jean-Pierre Cochar, um dos iniciadores do grupo. Estão de espírito aberto, sob todos os aspetos, os agitadores de Vendôme. Simone funde-se neste universo que a reflete e lhe convém. Ela é moderada, assume-o e reivindica-o.

Ao mesmo tempo, tem, por vezes, a tentação de ser revolucionária, exaltada, pirómana de um mundo convencional. «Quando o Sindicato da Magistratura foi criado em 1968, ela aderiu sem nenhuma hesitação. O slogan do SM – “Todo o julgamento é um ato político” – provocava nela um intenso júbilo», indica Ivan
177 Zakine. Simone aprova a atitude do Sindicato: interessar-se pela Justiça e já não somente pelos magistrados. O corporativismo e os maus funcionamentos que ele provoca irritam-na.

Este pôr em causa permanente e deliberado da ordem estabelecida, das

hierarquias da espada e da balança enchem-na de satisfação. A personagem Simone Veil, decididamente complexa, humanista e rigorosa, permanecendo ferozmente reformista e deliciosamente conservadora, no sentido da sua ligação às estruturas tradicionais. Como é que não poderia sentir-se de acordo com este grupo de jovens magistrados «muito inteligentes» que, tal como ela, já não querem uma magistratura de calças de riscas e luvas brancas; que, tal como ela, não suportam este mundo formal, este universo passadista. A adesão ao Sindicato da Magistratura é, de certa forma, o seu prelúdio ao maio de 68. Porque, à sua maneira, Simone Veil reivindica-se «*soixante-huitarde*», ao contrário de Antoine, hostil a esta revolta «dos jovens». Mora na rue Danton e, aos primeiros barulhos que vêm da rua, ela desce. «Esta sociedade tinha grande necessidade de se agitar», diz ela. Quando os estudantes ocupam o Odéon, enfia-se num camarote para não perder uma migalha do *happening* permanente e delirante. «Tinha por fim encontrado o meio de exprimir a sua sensibilidade de esquerda. Escolheu viver o Maio de 68 fora do universo judiciário, de viver a rua, a revolução cultural», nota Jean-Pierre Cochard. Acaba, no entanto, por se arrepender. Ou é o seu meio social que a recupera? Ou Antoine, oposto à epopeia? Ela defende-se disso: as violências indispõem-na, as tentativas de recuperação do movimento por François Mitterrand aborrecem-na, o bloqueio da economia inquieta-a, o sectarismo descontrola-a. A festa está acabada. Ela nem sequer recupera o seu cartão no Sindicato da Magistratura. Regresso ao Ministério, entre as pessoas «sérias», com uma convicção definitiva, uma certeza *post-soixante-huitarde*: o verdadeiro golpe faz-se entre reformistas, de direita e de esquerda, e conservadores, de direita e de esquerda.

178 Será que é uma piscadela de olho, também ela *post-soixante-huitarde*? Antoine Veil junta-se, no verão de 1968, ao grupo *Chargeurs Réunis*, um dos mastodontes do capitalismo francês. Bela promoção, belo título: diretor-geral adjunto. Os Veil içam-se na hierarquia oficiosa da fina-flor de Paris. Georges Pompidou é eleito Presidente da República em 1969, o centrista René Pleven é nomeado a seguir ministro da Justiça: ela integra o gabinete do ministro da Justiça com o lugar de conselheira técnica. Uma consagração para um magistrado. «Ela estava encantada porque o gabinete é o poder, e ela gostava deste poder», nota Paul-André Sadon, membro, também ele, da equipa Pleven. Mas, para surpresa

geral, depois de menos de nove meses no santuário, Simone pede para partir. «As horas de trabalho eram horrorosas, explica ela. Eu nunca estava em casa antes das 22 ou 23 horas. Era insuportável para Antoine, insuportável para os filhos.» Explica-se com Pleven que aceita os seus argumentos e, com *fair-play*, interroga-a sobre o posto que ela gostaria de ocupar. Ela responde sem mesmo ter refletido: diretora da Administração Penitenciária, a paixão de uma vida de magistrada. Pleven faz tudo para a contentar. Sem sucesso.

A 14 de março de 1970, Simone Veil é nomeada, por decreto do Conselho de Ministros, secretária-geral do Conselho Superior da Magistratura. *Le Monde* traça um primeiro retrato: «Mme Veil tem quarenta e dois anos. Deportada muito jovem, é licenciada em Direito, diplomada pelo Instituto de Estudos Políticos e fez toda a sua carreira no Ministério da Justiça. Casada com um inspetor das Finanças, mãe de três filhos, já crescidos, é uma mulher pequena, morena e encantadora, reservada e discreta.»

O diário da tarde, em breve, terá a ocasião de completar este esboço.

3.2. Dificuldades específicas da tradução a nível lexical, linguístico, cultural...

Neste trabalho de tradução, foram encontradas algumas dificuldades que serão aqui apresentadas, bem como as respetivas soluções.

Ao traduzir, confirmei que há que ter em conta que as diferenças entre dois textos de línguas diferentes não existem apenas ao nível da língua. Cada obra enquadra-se e entende-se, sobretudo, dentro de um contexto cultural, muitas vezes pouco conhecido pelo destinatário, o leitor das traduções, leitor esse que necessita de “compreender” o enquadramento cultural em que a obra se desenrola (as chamadas marcas ou referências culturais) para a poder partilhar na sua totalidade.

Hoje, mais que nunca, a tradução deve ser usada como um «instrumento para analisar o processo que conduz ao entendimento do que se passa no mundo» (Lima, 2010: 29), sendo «a especificidade do texto que dita os termos adequados que (dentro desse texto) devem ser encontrados para diferentes conceitos.» (Lima, 2010: 30) e é o tradutor aquele que acaba por construir a interpretação do texto de partida e **recria**, à luz da sua leitura, um novo texto.

São estas citações que conduzem aos conceitos de cultura e tradução cultural e às dificuldades que os tradutores encontram ao estabelecerem “pontes” (Nercolini, 2008:3) entre os diferentes mundos. Como já referi, o tradutor trabalha com uma «ferramenta própria de fronteiras, de lugares ou espaços instáveis, aqueles em que há passagem entre culturas, travessia de identidades, desestabilização de referências culturais [...]». Essa ferramenta é a tradução e é ela que vai permitir «colocar povos em contacto, e abordar o outro» (Nercolini, 2008: 2), através de processos que implicam escolhas em que o tradutor é obrigado a recorrer à sua sensibilidade ou intuição. Com isto várias questões

se lhe colocam: parafraseando Paul Ricoeur, deve o tradutor levar o texto até ao leitor ou deve levar o leitor até ao texto, correndo o risco de servir e trair tanto um como o outro? (2004: 9). Este considera que a tradução traz sempre consigo uma «aceitação de perda» e o trabalho do tradutor é o de quem está na situação de mediador. Ora essa perda, no ato translatório, torna-se semelhante, ainda segundo Ricoeur, a um «trabalho do luto», a um «trabalho de recordar» e até a um «trabalho de parto». Referi estas metáforas por achar que, efetivamente, nestes “trabalhos” existe sempre a perda concreta de traços distintivos de cada autor, pessoais e estilísticos, mas tentar transportá-los para o universo da tradução revela uma imensa criatividade e um ponto de vista arguto. Mesmo nas melhores traduções, a perda é inevitável. Então, perante isto, o mais correto talvez seja «renunciar à ideia de tradução perfeita porque não se pode servir dois senhores: o autor e o leitor.» (Ricoeur, 2004: 9). Qualquer tradução, perfeita de preferência, exige que o tradutor possua várias competências, tais como o domínio da língua de partida e o da língua de chegada, a «capacidade de reconhecer referências ou alusões de ordem cultural no texto de partida, e de as resolver satisfatoriamente na língua de chegada [... e a] preparação no âmbito de uma prática de *transfer* linguístico com as suas regras e exigências próprias» (Barrento, 2002: 22).

A tradução é, pois, «um processo único de leitura-escrita em que um texto é lido e reconstituído num outro código, mas em que a reescrita deve deixar transparecer os modos de funcionamento em simultâneo» (Barrento, 2002: 23), cujos aspetos a considerar devem ser o lexical, o morfossintático, o semântico e, simultaneamente, o cultural.

Sabendo que toda a tradução apresenta sempre aspetos linguísticos e extra-linguísticos, o tradutor precisa, pois, não só de recorrer ao seu conhecimento linguístico para adequar o léxico escolhido, mas deve também levar em consideração a

cultura para a qual se destina o seu discurso. E aqui, levanta-se outra questão respeitante à preservação, ou não, da estranheza do texto de partida, tanto mais que os possíveis leitores desta tradução deverão ter os conhecimentos culturais suficientes para reconhecer e identificar os referentes mencionados no texto de partida. A compreensão global da obra original só pode ser realizada completamente pelo tradutor se este se constituir verdadeiramente como leitor ideal, ou seja, aquele que é, em geral, o sonho de todo o escritor.

Tendo em conta estes aspetos, que eu considero serem a porta de entrada para as minhas escolhas e as suas justificações, passo, então, a expor as dificuldades encontradas. Debrucei-me sobre tudo o que diferencia a língua, o vocabulário, a passagem da construção sintática do texto de partida para o texto de chegada, fazendo-o de forma sequencial, ou seja, à medida que vão aparecendo em cada página e nesta, em cada linha.

Mas, como «quand on traduit des textes, les termes linguistiques sont comparables, et les éventuelles ambiguïtés peuvent être résolues à la lumière des contextes et en se référant au monde dont *ce texte donné* parle» (Eco, 2003: 59) e nenhuma língua pode existir a menos que esteja num contexto cultural, nem nenhuma cultura pode existir sem que tenha no seu núcleo a estrutura da sua própria língua, procurei ter sempre em conta os sentidos e o contexto em que surgem as palavras do texto de partida porque, apesar de tantas dúvidas, tenho a consciência de que «qualquer palavra, antes de ter uma significação, passa pelo sentido» (Agra, 2008: 10) e chega, ou não, ao referente, ou seja, ao significado.

Logo na segunda linha da página 101, aparece a expressão [...] *Milou Jacob écrit à Tola Glowinski, l'amie du camp*. Sendo a primeira referência aos campos de concentração/extermínio, pareceu-me que deveria fazer uma expansão da frase e

acrescentei **de concentração**, com a intenção de tornar o contexto mais perceptível ao leitor, fazendo pois uma «expansão acompanhada de uma explicação do sentido» (Wecksteen, 2008: 118).

O título do oitavo capítulo, **Revenir**, colocou-me algumas dúvidas, hesitando entre o recurso ao infinitivo “Regressar”, à nominalização do verbo “O regresso” ou até a um infinitivo substantivado “O regressar”. Optei por **Regressar**, dado o elevado número de ocorrências do vocábulo que surgem ao longo do texto, como por exemplo, **Revenir a-t-il d’ailleurs encore un sens?**; **Revenir sans Yvonne que ses filles ont laissée dans la puanteur de Bergen-Belsen?**; **Revenir sans Yvonne pour laquelle Simone s’était tant battue contre le système destructeur, ses rouages, ses pièges tendus pour tuer, éliminer.** (p.103); «*Qu’il nous ait fallu une volonté surhumaine pour tenir et revenir, cela tout le monde le comprend. [...]*» (p.107), o qual foi sempre traduzido por **regressar**.

Na página 103, na frase *le retour n’a pas été sans tristesse*, não só transformei a frase, tornando-a afirmativa, como alterei o verbo para **foi feito**, ou seja, traduzi-a pelo equivalente *o regresso foi feito com tristeza*, para o aproximar da estrutura mais usual da língua de chegada pois, de acordo com Conceição Lima, «a tradução pode ser definida como a substituição de material textual numa língua por material textual equivalente numa outra língua» (2010: 19) e, voltando a uma citação já utilizada, «a tradução de um texto literário é sempre uma reescrita, uma “re-visão” criativa do texto original (Lima, 2010: 22).

Do mesmo modo, e pelas razões acabadas de apontar, alterei a estrutura da última frase, seguindo as normas sintáticas da língua de chegada (SVO), traduzindo *il faut empêcher les hommes d’oublier* (101) por *é preciso impedir que os homens esqueçam um certo número de coisas*, acrescentando um complemento direto, pedido pelo verbo “esquecer”.

No início da página 104, encontramos a expressão *Plus rien n'est pareil, plus rien n'a de sens puisque j'ai laissé le personnage le plus important de ma vie: maman*. Aqui, adicionei o advérbio *là* e substituí *personnage* por *pessoa*. A expressão acabou por ser traduzida por *Já nada é igual, já nada tem sentido porque deixei lá a pessoa mais importante da minha vida: a minha mãe*. Segundo Eco (2003: 119): «La règle sera donc de ne jamais enrichir le lexique de l'auteur [...] [mais] le traducteur est parfois obligé de varier». Foi o que eu fiz, pensando sempre na aproximação à língua de chegada: intuía que a inclusão do advérbio clarificava o sentido da frase e, entre nós, *personnage* não tem a mesma força que *pessoa*, sobretudo se nos referirmos à figura da mãe.

Ainda na mesma página, temos *Yvonne n'étant pas revenue et d'autres, une poignée, en ayant réchappé ?*, utilizei o equivalente *poucas* por considerar que o lexema «punhado» não é agradável ao ouvido, ainda que o sentido dos dois termos seja próximo, sendo opção final de tradução *por Yvonne não ter regressado e outras, poucas, terem escapado*. Tratou-se, como afirma Conceição Lima (2010: 30), de uma «escolha estratégica de vocábulos» com a intenção de tornar o texto de chegada mais leve, sem retirar sentido ao de partida.

Quase no final da página 104, temos *Les déportés dits «politiques» / Simone, déportée dite «raciale»*, traduzido por *Os deportados, ditos «políticos»/ Simone, deportada dita «racial»*. Optei por colocar entre vírgulas a expressão *dits «politiques»*, transformando-a, assim, em modificador apositivo de *déportés*. Por outro lado, na referência a Simone, já nos aparece esse aposto. Tratou-se, pois, de acentuar a distinção entre os deportados mas também de manter a mesma coerência discursiva, com o uso das vírgulas, porque, como diz João Barrento (2002: 50), «a atenção deve ir para algo que transcende a imediatez e a aparente simplicidade de nível material da linguagem.»

Já na página 105, referindo-se aos atos banais e quotidianos da vida de qualquer

peessoa, Simone diz: *Marcher, parler, répondre, dire où l'ont veut aller, y aller. J'avais oublié.* Ao transpor para a língua de chegada, recorri a uma anáfora como cadeia de referência, presente no pronome pessoal **os** que resume toda a enumeração dos atos antes referidos, traduzindo por *Eu tinha-os esquecido.* Pareceu-me que, e seguindo Conceição Lima (2010: 54), «[a] tradução partilha apenas alguns (pode ser mesmo a maioria) dos elementos explícitos e implícitos do texto original, não todos, visto que a situação de comunicação é sempre diferente para os receptores do texto de partida e para os receptores do texto de chegada.». Com esta substituição, procurei tornar mais clara e menos fastidiosa a interpretação pretendida do texto de partida.

Ainda nesta página, a tradução dos hipónimos utilizados por Szafran, numa longa enumeração, para mostrar a preocupação e o desespero daqueles que procuravam a sua família «*brandissant les photos d'un fils, d'une fille, d'un frère, d'une sœur, d'un père, d'une mère, d'un oncle, d'une tante, d'un neveu, d'une nièce*», não foi uma dificuldade translatória, mas sim uma tentativa de pôr em evidência a preocupação do autor em demonstrar, com este depoimento da tia de Simone, como eram aflitivos os momentos vividos naquela época.../erguendo as fotografias de um filho, de uma filha, de um irmão, de uma irmã, de um pai, de uma mãe, de um tio, de uma tia, de um sobrinho, de uma sobrinha.

Relativamente ao termo *maquis*, optei por mantê-lo por não haver equivalente na língua de chegada. Se o traduzisse perderia todo o seu valor cultural, pelo que decidi explicitá-lo apenas no glossário. Utilizei a mesma estratégia para o topónimo *arrondissement*, pelas razões já apontadas. Segundo Conceição Lima (2010: 88), «são fenómenos extra-linguísticos» que não trazem nenhum «grau de eficiência» à tradução, pois são desconhecidos na cultura da língua de chegada.

Já na página 106, a propósito da morte do primo de Simone, na frente alemã,

temos a expressão *il faut que vous venez le voir* que eu traduzi por *têm que vir reconhecê-lo*, porque “reconhecer / fazer o reconhecimento de um corpo” é uma marca da nossa cultura. Trata-se, pois, de um equivalente cultural.

Logo a seguir, na frase *Milou est à bout de force, [...] creusée par les furoncles.*, traduzi *creusée* por “minada de furúnculos”. O verbo *creuser* tem o sentido de cavar, escavar. Compreende-se que ela deveria ter a cabeça assinalada com as marcas dos furúnculos mas, achando que haveria alguma violência ao dizer que teria a cabeça “esburacada” por causa dos mesmos, optei por **minada de furúnculos**, substituindo a diferença linguística do texto de partida por um termo inteligível para o leitor do texto de chegada e que atenuasse a tal violência que a frase poderia, eventualmente, apresentar. Fiz, pois, uma substituição semântica já que o indicador linguístico do texto de partida desaparece, mas mantém-se toda a carga conotativa que ele veiculava, tendo traduzido por *Milou está sem forças, [...] e minada de furúnculos*.

Ainda na página 106, temos *Suzanne s’y oppose: «J’étais persuadée qu’elle en mourrait. (...)»*. Aqui, joguei com o sentido dos pronomes *y* e *en*. Poderia ter traduzido por *Suzanne opõe-se a isso: «Estava convencida que ela morreria disso»*. Para evitar a repetição sonora “nisso/disso”, omiti o pronome *y*, e traduzi o segundo por *lá* que, linguisticamente, não tem qualquer equivalência, mas que, na língua de chegada, tem todo o sentido. Para além da omissão, e citando Conceição Lima (2010: 85) fiz, pois, uma «manipulação do texto para um propósito específico» pelo que o resultado final foi *Suzanne opõe-se: «Estava convencida que ela morreria lá»*.

Na linha seguinte, temos a referência geográfica à região de **Oise**, que, no texto de partida, surge apenas como *dans l’Oise*. Aqui, expandi a informação, acrescentando o referente **região de Oise** por considerar que se trata de uma zona menos conhecida e que, mais uma vez, todo o segmento frásico se tornaria mais claro para o possível leitor

desta tradução. Penso que, ao optar por esta via, e de acordo com Conceição Lima (2010: 30) «dotei [a tradução] de uma componente criativa, baseada numa escolha estratégica dos vocábulos».

Ainda na mesma linha, surge a frase [...] *chaque jour, un **fermier** voisin amène du lait et des œufs pour elle*. Não encontrando um equivalente cultural para o termo *fermier*, fiz uma aclimatação pois substituí-o por um indicador da língua de chegada, *agricultor*, considerando-o um «equivalente do ponto de vista conotativo» (Wecksteen, 2008: 131), pelo que o resultado final foi *tinha conseguido que um **agricultor** vizinho lhe levasse leite e ovos todos os dias*.

Logo a seguir, para descrever Milou, temos *Lors de ses premières sorties dans la rue, elle était si maigre, si **décharnée** que les gens se retournaient sur son passage* em que alterei o indicador *descarnada* para *esquelética*, recorrendo a uma substituição semântica, porque me parece que o primeiro termo não teria a mesma força que o da língua de partida (*décharnée*), resultando, por outro lado, menos violento para o leitor, sem perder, no entanto, nenhum sentido: *As primeiras vezes que saíu à rua, estava tão magra, tão **esquelética** que as pessoas se voltavam, ao passar por ela*.

*C'est si difficile de la **remettre en selle** [...]*. Nesta frase, encontramos uma expressão idiomática, *mettre en selle*, que, por não ter equivalente na língua de chegada, substituí por outra expressão, *ajudá-la a recompor-se*, sem perda da sua força conotativa: *É tão difícil **ajudá-la a recompor-se***.

Uma outra referência cultural, presente ainda nesta página, é a de **Lutétia**. Sendo a primeira vez que aparece neste capítulo, fiz uma adição, ao acrescentar **Hotel**, expandindo, assim, a informação sobre o local aonde as pessoas se dirigiam para saber do paradeiro de familiares, se teriam sobrevivido, ou não, a Auschwitz.

Ainda na mesma página, surge o referente *Travail de deuil* na frase «*Travail de*

deuil» impossible, et pourtant, «seul le *deuil* [...] permet d'accepter la mort et, par là, de cesser d'espérer» / «Um *luto*» impossível e, no entanto, «só o *luto* permite aceitar a morte e, desse modo, deixar de ter esperança». Não havendo equivalência na língua de chegada para este referente, optei por recorrer a uma aclimatação (Wecksteen, 2008: 131) já que, em português, se utiliza a expressão **fazer o luto**. Assim, omiti o termo *trabalho* e selecionei um indicador cultural da língua de chegada, equivalente do ponto de vista conotativo e adequado ao contexto.

O mesmo se passa com o indicador *en la circonstance* na frase *Qu'importe, en la circonstance, la réalité des faits [...]*. Dado o contexto, e por ser mais usual para o leitor do texto de chegada, optei pelo equivalente *para o caso*. Fiz, pois, uma substituição semântica, traduzindo por *Que importa, para o caso, a realidade dos factos [...]*.

No final deste parágrafo, na página 107, temos a expressão *Pendant des mois, voire des années, /Durante meses, anos* da qual retirei a conjunção *voire* por considerar que a sua omissão reforça a enumeração e que, incluída na frase, poderia suscitar a dúvida ao leitor do texto de chegada. Seriam meses ou seriam anos?

No parágrafo seguinte, em *De la déportation, d'Auschwitz, de la mort, Simone Jacob parle tout de suite juste, précis. Sans fioritures ni pathos. / Simone Jacob fala da deportação, de Auschwitz, da morte, com certeza e precisão. Sem floreios nem pathos*, preservei a estranheza do texto de partida na palavra *pathos*, fazendo uma transferência simples, pois remete para um referente que é conhecido dos leitores, logo as suas conotações são imediatamente perceptíveis ao recetor do texto de chegada. (Wecksteen, 2008: 116).

Do mesmo modo, e ainda no mesmo parágrafo, *Simone non; elle ne se laisse jamais aller à l'invention. Elle manifeste, jusque dans le style, une folie de la vérité,*

procedi à substituição semântica dos termos *aller* por *cair* e *folie* por *obsessão* pois tornam mais claro o sentido da frase visto estarem mais de acordo com o que é habitual na língua de chegada. O resultado final foi *Simone não; nunca se deixa cair na invenção. Manifesta mesmo no estilo, uma obsessão pela verdade.*

No parágrafo seguinte encontra-se *La «vérité», à la Libération [...]*. Tradução : A «verdade» **na altura da Libertação [...]** Aqui, adicionei o indicador *altura da* porque, apesar de se tratar de um referente cultural conhecido de todos os leitores do texto de chegada, considereei que deveria tornar mais claro que a Libertação não aconteceu num momento pontual, mas que se prolongou por um determinado período.

No início da página 108, aparece a expressão *volte-face* integrada em *Qu'ils dérangent dans le tableau univoque d'une France tout entière glorieuse, résistante, gaulliste, d'une France capable de toutes les volte-face. / Que incomodavam no quadro unívoco de uma França inteiramente gloriosa, resistente, gaullista, de uma França capaz de todos os volte-face.* Propositadamente, não substituí esta expressão por um outro referente da língua de chegada, porque está completamente integrada na nossa língua, sob a forma de um galicismo.

Veamos o termo *culotte* em *Une voisine m'a donné une culotte, une robe. /Uma vizinha deu-me umas cuecas, um vestido.* Trata-se de um hipónimo do hiperónimo “peças de vestuário” e que pode ter diferentes sentidos. No entanto, atendendo a que *culottes* eram uma espécie de calções justos que apertavam no joelho, torna-se evidente que, dados a época e o contexto, não podiam ser senão *cuecas*, com o sentido de roupa interior. Fiz, pois, uma aclimação do significante já que este indicador cultural tem conotações bem conhecidas do leitor da língua de chegada, por causa dos *sans-culottes*, aquando da Revolução Francesa, fixando, apesar de tudo, o texto na sua cultura de origem. (Wecksteen, 2008: 125).

Logo a seguir, no mesmo parágrafo, surge o termo *ensevelissement* na frase *Ensemble, avec Milou, elles subissent ce nouvel **ensevelissement** / Juntas, ela e Milou, sofrem este novo **isolamento***. Fiz uma substituição semântica, traduzindo por *isolamento*, pois considereei que toda a carga conotativa e o contexto eram mais apropriados que os termos *enterramento* ou *ocultação*.

No último parágrafo, existem dois referentes culturais na alusão a documentos de identificação em *D’où venez-vous? Pourquoi? Comment? – afin d’obtenir la délivrance d’un **acte de naissance**, d’une banale **fiche d’état civil***. No primeiro caso, trata-se de um referente que tem equivalente na língua de chegada, *certidão de nascimento*; no segundo, após várias pesquisas, concluí que a *fiche d’état civil* é um documento que já não existe em França desde finais de 2000. Assim, fiz um decalque, logo uma equivalência formal, pois substituí uma língua por outra, traduzindo por *ficha de estado civil* (Wecksteen, 2008:118).

No início da página 109, integrada na frase *Au même instant, dans les mêmes lieux, les résistants, eux, bénéficient de tous les **passe-droits***, há uma palavra justaposta que, se traduzida à letra, significa *passa-direitos*. Porém, o equivalente cultural correspondente, e mais uma vez de acordo com o contexto, só pode ser *favores*, ainda que não deixe de estar subjacente a ideia de que as resistentes tinham todos os direitos. Fiz, pois, uma transferência para um referente cultural mais apropriado – *No mesmo instante, nos mesmos lugares, os resistentes, esses, beneficiam de todos os **favores***.

Logo a seguir, surge a frase *Simone, à l’inverse, **encaisse mal***. Aqui, adicionei um complemento direto pedido pelo verbo, para melhor clarificar a ideia dada no texto de partida, para além de ter alterado a ordem sintática da frase que ficou *Ao contrário, Simone **aceita mal essa situação***.

Vejamos, agora, no final da página 109, a frase *Et si la France ne leur vient pas en*

*aide, eux qui n'ont ni parents ni passé, pas d'argent, si peu de relations et tant de mal à vivre, qui d'autre alors ?" / E se a França não os ajudar, eles que não têm nem pais, nem passado, nem dinheiro, e tão poucas relações e tantas **dificuldades** para viver, quem os ajudará então?* Também aqui dei prioridade ao sentido e ao contexto, recorrendo à substituição semântica da expressão sublinhada, omitindo vários termos para os reduzir a um único: *dificuldades*. (Wecksteen, 2008:118).

Ainda no mesmo parágrafo encontramos o referente cultural *résistantialiste*. Não havendo um equivalente na língua de chegada, por se tratar de um termo derivado do referente *résistant/résistance*, pertencente inteiramente à cultura francesa, decidi criar um neologismo *resistencialista* à semelhança do que acontece com outros como *gaullista*, *giscardianos*, ... Trata-se, pois, de um conceito cultural, perceptível no contexto de uma determinada época da História de França.

Outro referente cultural é o termo *baraque*, um pouco mais abaixo no mesmo parágrafo em *elle s'était égarée dans une **baraque** «communiste» / se tinha perdido num barracão «comunista»*. Mais uma vez, atendendo ao contexto em que se encontra, optei pelo equivalente *barracão*, dada a pluralidade de sentidos que o termo pode ter. Num campo de concentração, os prisioneiros estavam alojados em pavilhões, tipo **barracões**..., daí a minha opção.

No parágrafo seguinte, iniciado por *A la Libération, la prégnance idéologique et culturelle est **sous emprise** «communiste» / Na hora da Libertação, a força ideológica e cultural é «comunista»*, recorri a uma adição e a uma omissão. Por considerar que se tornaria mais perceptível para o leitor do texto de chegada, acrescentei *Na hora da Libertação* e omiti *sous emprise*, tornando a frase mais próxima da nossa construção e do nosso equivalente cultural. Fiz aquilo que, segundo Conceição Lima (2010: 57) é «a omissão (de um determinado termo), de forma responsável, depois de ter evitado todas

as estratégias alternativas». Suprimi *sous emprise* por não acrescentar nada ao sentido do texto de chegada.

Já na página 110, surge o referente cultural *Amicale d'Auschwitz* que, por não ter equivalente na nossa língua, não foi traduzido, remetendo a sua explicação para o Glossário.

Logo a seguir, a frase *Simone assiste à quelques réunions, puis elle s'enfuit* / *Simone assiste a algumas reuniões, depois afasta-se* é bem o exemplo de que, dados o contexto e a época histórica, esta forma verbal não poderia ser traduzida por *foge*, mas, utilizando um equivalente e por se tratar de uma situação de assistência a reuniões cuja ideologia não interessava a Simone, ela opta, antes, por *afastar-se*.

Em *Les communistes ont donné de la vie du camp l'image qui leur convenait, avec des arrières-pensées politiques [...]* / *Os comunistas deram da vida do campo a imagem que lhes convinha, com segundas intenções políticas [...]* a expressão sublinhada tem como sentido os pensamentos que estão escondidos. Ora os *pensamentos escondidos* encobrem segundas intenções pelo que procedi a uma equivalência, remetendo para um referente cujo sentido se torna mais adequado ao contexto e ao leitor do texto de chegada.

Na página 111, no parágrafo iniciado por *Elle a survécu, soit. Mais comment, puisque nul ne devait échapper à la mort, là-bas*, a locução adverbial refere-se ao campo de concentração de Auschwitz. Trata-se de uma locução que aparece com alguma frequência ao longo desta biografia, sempre com o mesmo referente, dando a sensação que há, por parte do autor, uma intenção propositada de não nomear o espaço que foi palco de tanto sofrimento. Assim, procedi à substituição da locução pelo equivalente *no campo*, para que não subsistam dúvidas do seu referente no leitor do texto de chegada pois, citando Umberto Eco (2006: 14), «les points critiques [peuvent]

engendrer une ambiguïté». Acabei por traduzir a sequência por *É certo que sobreviveu. Mas como, uma vez que, **no campo**, ninguém devia escapar à morte [...]*.

Je ne suis pas là parce que je me suis prostituée avec les SS, va-t-elle jusqu'à préciser / Não estou aqui por me ter prostituído com os SS, chega ao ponto de sublinhar. Transcrevi esta frase porque o verbo *préciser* foi surgindo, ao longo de toda a obra, com uma multiplicidade de sentidos, consoante o contexto. Neste caso, o equivalente mais adequado também foi selecionado em função do contexto: as suspeitas sobre as sobreviventes do campo de concentração eram de tal modo intensas que Simone se viu obrigada “a sublinhar” isso, para que não restassem dúvidas, porque as palavras podem adquirir diferentes sentidos conforme o contexto em que estão inseridas.

No mesmo parágrafo, na frase *Simone s'est permise de rétorquer, si tard, après avoir tant de fois serré les dents / Simone atreveu-se a retorquir, já tarde, depois de tantas vezes se ter contido*, adotei o equivalente *se ter contido*, mais adequado ao contexto e ao sentido da expressão no texto de partida. “Cerrar os dentes” é “conter-se” para não gritar, chorar ou responder mal...

Mais abaixo, surge a referência *brave dame* incluída nas frases *En Suisse, dès 1945, se souvient-elle, une brave dame m'a demandé [...] Oh! Elle ne pensait pas à mal, la «brave dame» / Na Suíça, depois de 1945, recorda ela, uma senhora, boa pessoa, perguntou-me [...] Oh! Ela não pensava aquilo por mal, a «gentil senhora».* Foi interessante ver como, em duas situações tão próximas, o mesmo indicador me levou a escolher dois referentes diferentes, dado o contexto em que são proferidos. Assim, para o primeiro depoimento da própria Simone recorri ao sentido de “boa pessoa”; no segundo, comentário do autor, é nítida a ironia que utiliza e reforça com o uso das aspas. Outro referente, marcadamente francês, é *La cruauté bonhomme / A*

crudelidade das boas pessoas, com o sentido de “boas pessoas”, havendo, pois, um processo de simples equivalência semântica.

Na página 112, «*Oh! Elle joue de la mandoline, la Simone, avec ça. [...]*» / «*Oh! E ,ainda por cima, a Simone, essa sabe-a toda. [...]*» é a expressão que surge no início do parágrafo seguinte, como fazendo parte de uma observação do cineasta Claude Autan-Lara. Segundo Umberto Eco (2006: 138), «Traduire signifie parfois se rebeller contre sa propre langue, quand elle introduit des effets de sens qui n'étaient pas entendus dans la langue originale.» Penso que foi o que aconteceu com a frase transcrita. Esta expressão foi, sem dúvida, a que mais tempo me ocupou para encontrar um equivalente que não se afastasse do seu sentido e da sua intenção comunicativa. Foi uma verdadeira dificuldade cultural porque, inicialmente, nem sequer a compreendia. Depois, pouco a pouco, tentei não só apreender a totalidade do seu contexto como encontrar um equivalente adequado na língua de chegada (Wecksteen, 2008: 118) com a mesma carga conotativa, tendo, ainda, alterado a ordem sintática e a pontuação da frase para conseguir um sentido mais próximo daquela, duvidando, no entanto, que o tenha conseguido na totalidade...Sabendo, agora, que *jouer de la mandoline* se reporta à masturbação feminina e que, segundo o autor de um dos artigos pesquisados, Dr. Gérard Leleu, isso «é o símbolo da autonomia da mulher e da sua capacidade de ter prazer sozinha», pode, pois, ser objeto de temor para alguns homens e, nós leitores, só ironicamente, podemos compreender o que motiva a observação do indivíduo. Recorri a uma aclimatação, substituindo o indicador cultural do texto de partida por um indicador cultural da língua de chegada (Wecksteen, 2008: 131) que, dado o contexto em que é proferido, tem a mesma carga conotativa, tendo, ainda, alterado a ordem sintática e a pontuação da frase para conseguir um sentido mais próximo daquele indicador.

Logo a seguir, ainda no mesmo depoimento, diz-se «*[...] en tout cas, ils ont raté*

la mère Simone.» / «[...] *seja como for, não apanharam a comadre Simone*». Aqui, dado o contexto, recorri a um equivalente cultural, traduzindo *la mère* por *comadre*, lexema que, por vezes, é utilizado em tom depreciativo.

No final do parágrafo, expandi a informação pois acrescentei *Por causa de* à expressão *Sa beauté, sans doute...*, sendo o resultado final *Por causa da sua beleza, sem dúvida...*

Todas as expressões transcritas fazem parte da observação feita por um homem, ideia partilhada por muitas pessoas que defendiam que as prisioneiras regressadas de Auschwitz o conseguiram graças aos favores sexuais concedidos aos/às guardas do campo, o que “justifica” o tom irónico e depreciativo que ele utiliza quando se refere a Simone que, além do mais, era muito bonita.

No parágrafo iniciado por *Revivre ou s'étioler*, na página 113, aparece a expressão *le train-train* em *Retrouver le goût, même altéré, des choses de la vie, le train-train* [...]. Trata-se de um referente em que se joga com o som da palavra, ou seja, é uma onomatopeia indicadora da repetição, da regularidade da vida que, na língua de chegada, poderia ter substituído por “ramerrão” mas, ainda que com o mesmo sentido, tem um significante completamente diferente na língua de partida. Assim, optei por traduzir por *o quotidiano: Reencontrar o gosto, ainda que alterado, pelas coisas da vida, o quotidiano* [...].

Na página 114, temos o referente *baccalauréat* na frase *l'Éducation nationale annonce qu'elle a été «reçue» aux épreuves du baccalauréat*. É um referente cultural da área do Sistema Educativo Francês, reportando-se a um exame a que os alunos se submetem no final dos Estudos Secundários e que lhes dá acesso ao ensino Superior. Não tendo equivalente nominal no nosso Sistema de Ensino, optei por substituí-lo por *provas finais do Ensino Secundário*, para não estabelecer confusão com o termo

“bacharelato”.

Foram estas provas que permitiram a Simone inscrever-se na Universidade: *Elle cavale aussitôt rue Saint-Guillaume, s’inscrire à **Sciences-Po.** / Corre de imediato para a rua Saint-Guillaume, inscrever-se em **Sciences-Po.*** Depois de 1945, esta Escola de Ciências Políticas ficou ligada à Universidade de Paris com o nome de Instituto de Estudos Políticos, normalmente designada por *Sciences-Po.* Trata-se, pois, de um referente cultural que, por não ter equivalente na língua de chegada, designarei por *Sciences-Po*, mantendo a estranheza do texto de partida. Este referente encontra-se mais explicitado no Glossário.

Na página 116, temos uma outra referência cultural a assinalar na frase [...] *un normalien de haute volée que l’enseignement ennue [...]*. Não havendo correspondência na língua de chegada, optei por fazer uma «transferência acompanhada de uma explicação do sentido», integrando uma nota no texto de chegada, ao lado do indicador, mantendo, assim, a «estranheza» do texto. (Wecksteen, 2008:115), [...] *un normalien (aluno da Escola Normal Superior) de alto gabarito a quem o ensino aborrece [...]*. Este referente é igualmente explicitado no Glossário.

No início do capítulo 9, na página 119, a propósito da expressão *Simone jouant sans jouer de ses multiples facettes* que traduzi por *Simone Jacob tirando partido, a sério, das suas múltiplas facetas*, cito Umberto Eco (2003: 53) que diz que «Le traducteur [...] traduit toujours des *textes*, c’est-à-dire des énoncés présentés dans un contexte linguistique ou proférés dans des situations spécifiques». Parece-me que, nesta situação, o vocábulo *jouer*, que pode ter múltiplos sentidos, apresenta uma construção antitética (*jouant/sans jouer*) em que eu, «dando prioridade ao sentido, rompi com o que está implícito no texto de partida» (Wecksteen, 2008: 112) para tornar mais claro o texto de chegada.

Na página 121, na expressão *Elle a du mal à comprendre, l'effrontée d'Auschwitz, comment...*, procedi a uma leve alteração da ordem das palavras, por considerar que o texto original poderia levantar dúvidas quanto ao seu entendimento completo. Quem era a atrevida? Marceline ou Simone? No que se refere a Marceline, o facto de a expressão aparecer entre vírgulas, funciona como um aposto mas, por outro lado, no início da obra Milou refere-se a Simone como “a mais atrevida” que, no campo, tudo arriscava para melhorar a situação da irmã e da mãe. Esta é uma das situações em que a pontuação do texto de partida gera alguma ambiguidade... Conceição Lima (2010: 64) considera que «o tradutor é, antes de mais, um leitor e nessa qualidade vê aquilo que quer ou pode num texto literário.» Como leitora, será que não respeitei o texto, na tentativa de descobrir o ponto “de fusão” (Lima, 2012: 64) do autor? Então, pensando na teoria do fingimento poético em Fernando Pessoa, quando o possível leitor desta tradução a assimilar, irá encontrar ainda outra “dor”, outra interpretação, que não será nem a do autor, (a real), nem a do tradutor, (a fingida), mas uma outra, a sua, que vai sempre variando consoante os leitores... O excerto referido *Elle a du mal à comprendre, l'effrontée d'Auschwitz, comment [...]* foi traduzido por *Ela tem dificuldade em compreender como a atrevida de Auschwitz [...]*. No seguimento desta frase surge: *Comment son amie a pu continuer à vivre, travailler bien à l'école...*, o que confirma a ideia de que, pelo contexto e pelo sentido, o vocábulo *effrontée* tem como referente Simone, a qual continua a tudo fazer para alcançar os seus objetivos, mostrando-se, assim, *atrevida*.

Ainda na mesma página, Marceline Loridan afirma que *[...] Quelques verrous, chez elle, ont sauté. / [...] Libertou-se de alguns preconceitos*. Recorri a este equivalente porque o sentido literal do referente do texto de partida é “ferrolho, fecho”. Ora, metaforicamente, um preconceito é como um ferrolho que não deixa que as mentes

se abram. Parafraseando Wecksteen (2008: 185) fiz uma aclimatação, ao substituir o indicador do texto de partida por um outro da língua de chegada, considerando-o um equivalente do ponto de vista conotativo.

No final deste parágrafo, na expressão *Elle a été reprise en main par un milieu qui, très vite, lui a été d'une grande utilité* que traduzi por *Foi absorvida por um meio que, depressa, lhe foi de grande utilidade*, segui o “conselho” de Conceição Lima (2010: 57) quando refere que «o ideal será que, aos leitores do texto de chegada, sejam proporcionadas traduções que funcionem, ou seja, traduções que forneçam aos leitores o material necessário para participação efetiva no processo comunicativo». Ora, *reprendre en main* significa “voltar a ocupar-se” pelo que recorri, mais uma vez, a uma aclimatação pois voltei a substituir o referente do texto de partida por um da língua de chegada, considerando-o “equivalente” do ponto de vista conotativo (Wecksteen. 2008: 125).

Já na página 123, encontram-se vários referentes pertencentes ao campo semântico da alimentação. Assim, são apontadas as *cartes d'alimentation* / *senhas de racionamento*, equivalente cultural de uma época pós-guerra.

Logo a seguir, aparece-nos a expressão *garnir les buffets de sa noce* em que decidi manter o referente *buffet* por já fazer parte do nosso universo cultural, no que se reporta a festas ou situações onde as pessoas se servem, ainda que Umberto Eco (2003: 120) defenda que «dans une traduction du français, il faut éviter les gallicismes».

Ainda nesta página, deparei-me com uma marca cultural interessante quando dizem de Simone que *Elle exerçait sur sa belle-famille un ascendant naturel*, que eu traduzi por *família do marido* por não haver, na nossa cultura, um referente que lhe corresponda. *Belle-famille* acaba por ser o hiperónimo de *beau-père*, *belle-mère*, *belle-sœur* que, estes sim, têm equivalentes na língua de chegada. E na expressão

transcrita não há a ironia tão presente no poema de Prévert quando nos apresenta *les belles-familles...*

No final da página 123, aparece-nos um depoimento de Simone em que ela diz: *Antoine aimait sortir, il était à l'aise dans les salons. Moi, j'étais gauche, pas à ma place. Pas habillée. Pas coiffée. Pas comme il faut. Ne disant pas non plus ce qu'il faut.* e que eu traduzi por *Antoine gostava de sair, estava à vontade nos salões. Eu, eu estava acanhada, não era ali o meu lugar. Mal vestida. Mal penteada. Mal integrada. Também não dizendo o conveniente.* Neste excerto, fiz a substituição da partícula *pas* pelo advérbio *mal* para que a frase continuasse a ter um sentido negativo apesar de, na língua de chegada, a frase sofrer perdas, não só sonoras como até de veemência do enunciado. Como diria Eco (2010: 121), «je suis conscient[e] d'avoir trahi le style» de Zafran, ao fazer estas substituições. Recorri a esta forma “contornada da tradução” (Lima, 2010: 95) porque a língua de chegada não me apresentou as devidas correspondências, do ponto de vista lexical.

Mesmo no final da página 124, ainda outro depoimento de Simone a propósito da relutância de Antoine em deixar que ela trabalhasse: *Or, Antoine ne comprenait rien à cette exigence d'épanouissement professionnel. Il y percevait, chez moi, une tentative d'éloignement du couple. / Ora, Antoine não compreendia nada desta exigência de realização profissional. Ele via nisso uma tentativa de afastamento da vida de casal.* Aqui, procedi à omissão de *chez moi* e expandi a frase com o complemento *da vida* por considerar que, como afirma Conceição Lima (2010: 85), «para colmatar a lacuna entre o texto de partida e o de chegada [...]» há que recorrer à chamada «recodificação linguística, caracterizada pela transposição criativa, visando satisfazer as expectativas do leitor de chegada».

Na última linha da página 124, temos *C'est sur le terrain de la politique qu'il va*

chercher à l'entraîner, sûr de sa supériorité / É para o terreno da política que vai procurar arrastá-la, seguro da sua própria superioridade. Fiz a adição do termo *própria* para clarificar que “a superioridade” era de Antoine e não de Simone. Parece-me uma frase ambígua para o leitor do texto de chegada pelo que, seguindo Umberto Eco (2003: 139), tentei «clarifier le sens à la lumière du contexte» tanto mais que em páginas precedentes ficámos a saber que Antoine nem sequer consentia na intervenção de Simone, em reuniões de amigos, quando o assunto era política.

Logo no início do capítulo 10, página 125, todo o primeiro período foi objeto de grande reflexão. Considero que pode originar grandes ambiguidades porque Zafran começa por se referir a Michel de Boissieu, criando no leitor a expectativa de mais informações sobre esta figura. Porém, ao recorrer a vários apostos de outras individualidades, acaba por tornar o enunciado muito pouco claro, sobretudo, a última frase: [...] *ayant lui aussi hérité du même titre / tendo este herdado também o mesmo título.*

Parece-me que esta dificuldade, que só após intensas pesquisas foi resolvida, é bem o resultado do meu desconhecimento cultural e político de uma determinada época, em França e, por si só, vem dar razão a todos os autores que li e que, unanimemente, consideram que o tradutor, para poder traduzir, tem de possuir várias competências, entre elas a cultural.

Para João Barrento (2009: 92), «Falar da linguagem é falar da ambiguidade (...)» e esta pode ter várias origens, seja pela homonímia, pela homofonia, pelo trocadilho, pelo aspeto fonológico, ortográfico, sintático e até pela pontuação. É o que sucede neste excerto: a própria pontuação a separar os vários apostos cria ambiguidade, que eu tentei clarificar porque «[...] uma boa parte das palavras e expressões são desambiguizadas por outros mecanismos da própria linguagem [...]» (Barrento, 2002: 93) fazendo, pois,

as referidas substituições.

Pensando no leitor provável desta tradução tentei tornar a frase mais clara, pelo que substituí o pronome pessoal **lui** (que poderia ter vários referentes) pelo demonstrativo **este**.

Na página 127, surge a expressão *Beaucoup de gens ont pris des risques, ouvert leur maison sans rien demander [...]* que eu expandi ao acrescentar «**em troca**», para acentuar o altruísmo daquelas pessoas, ficando *Muitas pessoas correram riscos, abriram a sua casa sem pedir nada em troca*.

Na página 128, está presente a frase *Elle était intransigente, violente, et Antoine la confinait avec des moderés* que eu traduzi por *Ela era intransigente, violenta, e Antoine obrigava-a a conviver com moderados*, tendo substituído a forma verbal por uma perífrase porque, dado o contexto, torna-se mais explícita a “pressão” que Antoine exercia sobre Simone, esperando que «a frase seja aceite, na medida em que um ouvinte/leitor possa ir além do significado literal e construir o significado do falante/escritor» (Lima, 2010: 72).

Já na página 129, no parágrafo iniciado por *Elle a tout de suite accepté d'être prisonnière de son milieu, lui reproche Marceline Loridan. Elle a adopté une allure convenable, ce chignon noué serre [...]* / *Logo de seguida, aceitou ser prisioneira do seu meio, reprovava-lhe Marceline Loridan. Adotou uma aparência conveniente, o chignon apertado [...]*. Relativamente ao referente **chignon**, optámos por manter o da língua de partida, apesar de haver o equivalente **carrapito** na língua de chegada. Porém, parece-me que este é um termo demasiado popular que não se enquadra na imagem elegante de Simone, já que “carrapito” é, por vezes, utilizado em tom depreciativo e de troça, conotado com pessoas de classes sociais mais baixas. Ninguém diz que uma mulher de etnia cigana, por exemplo, usa um “chignon”..., sendo que este é o vocábulo

utilizado no universo da moda e sinónimo de elegância.

Segundo João Barrento (2002: 98), «a tradução [...] não pode ser um mero processo acumulativo de soluções parciais, mas tem de ser um trabalho que exige a orquestração de uma “totalidade” [...]». Ora, depois de tanto dar a conhecer a beleza e o refinamento de Simone, não “podia” dizer que ela usava um carrapito bem apertado. Perderia a tal totalidade...

No início da página 135, capítulo 11, surge a frase *Antoine rejoint le cabinet d'un autre hiérarque MRP, Alain Poher [...]* em que traduzi o referente sublinhado por *barão*, já que este termo faz parte do discurso político quando são referidas personagens que tiveram grande influência num partido, continuando a ser consideradas e registadas as suas opiniões, mesmo se afastadas da vida política. Mais uma vez, na tentativa de tornar o mais clara possível esta tradução, recorri a um referente cultural da língua de chegada, encarando-o «como um instrumento [...] que conduz ao entendimento do que se passa no mundo» (Lima, 2010: 29).

Duas culturas, duas marcas culturais diferentes a atestar que a «competência cultural é mais vasta que a (meramente) linguística e, portanto, hierarquicamente superior a esta» (Lima, 2010: 47).

Na última linha da página 137 e primeira da 138 encontrei o enunciado *Mais elle n'en accepte pas moins le dialogue, le contact quotidien, celui de la petite vie des simples gens, avec l'Allemand «coupable», avec l'Allemand «impardonnable»*. Trata-se de uma frase que me fez refletir bastante sobre a maneira mais clara de a fazer chegar à língua de chegada, sem lhe retirar nada do seu sentido. Traduzi-a por *Mas nem por isso ela deixa de aceitar o contacto quotidiano, o da vida das pessoas simples, o diálogo com o Alemão “culpado”, com o Alemão “imperdoável”*. Alterei, pois, toda a ordem das palavras do texto de partida, por considerar que o vocábulo *diálogo* apenas fazia

sentido junto à preposição *com* e, só assim, conseguiria um enunciado coeso, coerente e, sobretudo, com significado para o leitor do texto de chegada. Utilizei o que Conceição Lima (2010: 48) chama «equivalência textual ou pragmática» pois este conceito «pressupõe um âmbito de aplicação mais vasto do que o da equivalência semântica».

Ainda na página 138, deparei-me com a frase *Lorsqu'elle sent la haine monter en elle, par bouffées, elle s'en défend* que traduzi por *De vez em quando, quando sente o ódio a chegar, ela evita-o*. Também aqui, para além da substituição do referente *par bouffées* por *De vez em quando*, procedi à alteração da ordem das palavras pelas razões apontadas na justificação anterior.

No início da página 142, encontram-se as frases interrogativas *Son beau-frère s'est-il endormi au volant? La voiture a-t-elle subi un incident mécanique?* nas quais eu mudei as formas verbais para o futuro composto, para dar mais ênfase às hipóteses postas por Simone, ao tentar compreender as causas do acidente que vitimou a irmã: *O seu cunhado terá adormecido ao volante? O carro terá sofrido um incidente mecânico?* Tal como afirma João Barrento (2002: 17), «Na tradução do texto literário, a “fidelidade” refere-se ao respeito de instâncias instáveis e ocultas. [...] O importante não será tanto a equivalência dos ingredientes, mas mais as correspondências no plano dos efeitos e dos envolvimentos». E é atendendo a estas últimas palavras que o uso do futuro provocará mais impacto no possível leitor do texto de chegada.

No final do primeiro parágrafo da página 143, está escrito *Il lui fallait à nouveau tout recommencer. Recommencer à vivre. Accepter la perte de Milou après avoir assumé les morts de l' Holocauste / Era preciso começar tudo de novo. Recomeçar a viver. Aceitar a perda de Milou depois de ter assumido as mortes do Holocausto*.

Surgiram-me dúvidas sobre se seriam “as mortes” ou “os mortos” uma vez que, na

língua de partida são palavras homónimas e o contexto em que surgem não nos esclarece. Optei pelo referente *mortes* por ter um carácter mais geral, mais globalizante.

Entrando, agora, no capítulo doze, capítulo em que Simone já está embrenhada no mundo judiciário, encontram-se vários equivalentes funcionais. Assim, ao longo das primeiras páginas do capítulo, quando Szafran nos dá conta do percurso profissional de Simone Veil, aparecem vários termos ligados à sua área de trabalho: *parquet du Tribunal de Paris* (pp. 146-147), *siège* (p. 147), *cour d'appel* (p. 149), *avoué* (p. 149), que têm como equivalentes funcionais, respetivamente: *Tribunal de Paris*, *Tribunal*, *Tribunal de Segunda Instância*, *advogado*.

Relativamente a este último referente, devo dizer que, fruto de algumas pesquisas, detetei diferenças no desempenho das funções exercidas por um *avoué* e por um *avocat*: tradicionalmente, o advogado (*avoué*) não podia defender causas no Supremo Tribunal de Justiça, fazendo-o, apenas, nas chamadas *cours d'appel*, cabendo esse papel aos advogados (*avocats*). Em dezembro de 2010 foi votado no Parlamento um projeto de lei que prevê a fusão dos *avoués* e *avocats*, tendo entrado em vigor a 1 de janeiro deste ano e suprimindo, assim, a profissão dos primeiros.

Ainda na página 150, mesmo no final, temos *Il y avait des miradors aux quatre coins et l'endroit, un plateau pelé [...]* que traduzi por *Havia postos de observação nos quatro cantos e o lugar, um planalto pelado [...]*. Procedi à substituição do referente *miradors* por **postos de observação** por achar que, neste contexto, este último termo seria mais adequado. Um miradouro serve para se observar uma paisagem e nunca está rodeado de arames farpados. Ora, tratando-se de uma prisão é mais aceitável a existência de postos de observação, de vigia. A este propósito, o da tradução do léxico, cito João Barrento (2002: 29): «A escolha lexical adequada é determinante, e não será a mais feliz se não levar em conta o género literário, [...] os contextos e a situação de

comunicação», o que poderá justificar a minha opção.

Na segunda linha da página 151, está presente a expressão *Il lui en faut plus [...] / É preciso mais do que isto para a atingir*. Também aqui, e pelos motivos já apontados anteriormente, fiz uma adição, parecendo-me que, só assim, a frase retomaria todo o sentido do texto de partida.

Já na página 152, na pergunta *Pourquoi cette humiliation, interroge la magistrate, a-t-elle la moindre utilité, la plus petite vertu pédagogique?*, alterei não só a ordem das palavras na frase, como a reduzi a segmentos frásicos mais curtos, sob a forma de frases interrogativas, por me parecer que o texto ficaria dotado de mais ênfase. Assim, no texto de chegada poderá ler-se *A magistrada interroga-se sobre o porquê desta humilhação. Terá a menor utilidade, a mais pequena virtude pedagógica?*.

Mesmo no final da página 152, Simone diz *Je me heurtais sans cesse à la directrice, une demoiselle Mercier. Elle était comme possédée par une hantise : l'homosexualité, tout faire pour l'empêcher* que eu traduzi por *Entrava, constantemente, em conflito com a diretora, uma tal menina Mercier que estava como que possuída por uma ideia fixa: a homossexualidade, fazer tudo para a impedir*. Nesta frase, adicionei o referente *uma tal* para acentuar a pouca importância da personagem que fazia questão de utilizar o seu cargo para exercer uma autoridade imbecil que irritava Simone.

Na página 154, no parágrafo começado por *1er novembre 1954. A l'instant où les nationalistes algériens déclenchent l'insurrection générale, Simone se doute-t-elle qu'une guerre, moins de dix ans après l'autre, commence ?* procedi à inversão das palavras na frase para enfatizar as dúvidas que pairavam no espírito de Simone, traduzindo por *1 de novembro de 1954. Será que Simone tem dúvidas sobre o começo de uma guerra, menos de dez anos depois da outra, no momento em que os nacionalistas*

argelinos desencadeiam a insurreição geral?

Ainda no final desta página, no parágrafo iniciado por *Avant même de plonger dans les dossiers, elle se doute. Le calvaire des prisonniers. Les sévices sexuelles infligés aux femmes*, em que alterei a pontuação do texto de partida para completar o sentido do verbo transitivo «imaginar» e retirei as frases nominalizadas, integrando-as como complementos diretos do verbo: *Antes mesmo de mergulhar nos dossiers, ela imagina o calvário dos prisioneiros, as sevícias sexuais infligidas às mulheres*.

Por curiosidade, refiro que no início da página 155 encontramos uma das poucas marcas do autor/narrador, quando diz [...] *il y a tant de signes tangibles établissant que nous conduisons une “sale guerre” avec de “sales méthodes [...]*.

Sendo minha preocupação fazer uma tradução o mais clara possível para o seu hipotético leitor, nesta página 155, fiz o que Conceição Lima chama uma «omissão (de um determinado termo), de forma responsável» (2010: 57) ao não traduzir o referente *voilette*, na frase *Il y en a un qui m’a tiré brutalement mon voile et ma voilette / Houve um que me tirou brutalmente o véu [...]*. Após várias pesquisas, cheguei à conclusão que é um véu mais pequeno, mas não consegui encontrar um equivalente que não retirasse sentido ao original, talvez por não fazer mesmo parte da nossa cultura. Daí a minha opção em omiti-lo, visto que considero que não rompi com a opinião de Conceição Lima, quando diz que o «ideal será que, aos leitores do texto de chegada, sejam proporcionadas traduções que funcionem, ou seja, traduções que forneçam aos leitores o material necessário para participação efectiva no processo comunicativo» (Lima, 2010: 57).

Logo a seguir, surge o enunciado de sentido antitético *c’est fini, ici c’est plus du cinéma* que traduzi por *Acabou-se, aqui já é a sério*, por me parecer que daria mais ênfase ao que é proferido.

Na primeira linha da página 156, temos *Oh! celle-là ne tiendra pas le coup, elle va y passer, et ils continuèrent de plus belle*, em que procedi à substituição das palavras sublinhadas por equivalentes culturais da língua de chegada, ficando *Oh! Esta não vai aguentar, vai bater as botas e continuaram com mais gana ainda*, o mesmo sucedendo para *Ils me disaient: Ferme-là / Laisse-moi l'assomer* que traduzi por *Eles diziam-me: Cala o bico / Deixa-me dar cabo dela*, respetivamente.

No terceiro parágrafo da página 160, primeira linha, surge a expressão *maître Safia Bazi*, recorrendo a um equivalente funcional, e traduzida por *advogada Safia Bazi*.

Logo a seguir, na frase *Nous détestions nos gardiennes bonnes soeurs et leur morale à quatre sous* utilizei um equivalente cultural da língua de chegada. Tradução: *Detestávamos as nossas guardas freiras e a sua moral de meio-tostão*.

Já na página 166, na expressão *exiger impérieusement le renvoi du procès de Djamila* voltei a recorrer ao equivalente funcional *exigir imperiosamente a apresentação em juízo do processo de Djamila [...]*, o mesmo sucedendo, mais abaixo no segundo parágrafo, segunda linha, quando nos surge *Elle exprime haut et fort son «dégout» à ses collègues*. Aqui, usei um equivalente cultural da língua de chegada e a frase acabou por ficar *Exprime alto e bom som a sua «repulsa» aos colegas*.

Ainda no mesmo parágrafo, torna-se evidente o recurso ao equivalente funcional *Supremo Tribunal* na expressão *Après avoir désigné un nouveau magistrat instructeur au tribunal de grande instance*.

No último capítulo, começo por tecer algumas considerações sobre o título *Le Tout-Paris*. É habitual designar-se as personalidades de uma dada época que, habitualmente, se veem nas manifestações mundanas da capital parisiense ou que frequentam os lugares da moda por “*Le Tout-Paris*” ou “*Le Gotha*”. A este propósito, lembro o quadro de Édouard Manet, *Courses au Bois de Boulogne* em que ele retrata,

durante a chamada *Belle Époque*, o “*Tout-Paris*”.

Dado o conteúdo de todo o capítulo, em que são referenciadas as ligações sociais de Simone e do marido com personalidades consideradas muito importantes, quer económica, quer politicamente e com quem eles conviviam assiduamente, pareceu-me que seria adequado intitular o capítulo de “*A fina-flor*” de *Paris*, recorrendo, pois, a um equivalente cultural da língua de chegada, mais conhecido dos possíveis leitores desta tradução e tendo em conta, mais uma vez, o contexto em que surge a expressão.

No início do capítulo, também refleti bastante sobre a frase *Ce soir-là, d’humeur charmante, il plaisante... à moitié*. Várias hipóteses se levantaram, tendo chegado a pensar se Antoine não estaria a chamar a Simone... “a sua cara-metade”. Acabei por traduzir *Naquela noite, com boa disposição, ele diz... meio sério, meio a brincar*, fazendo, pois, uma substituição mais adequada ao contexto, à posição social do casal e até ao tom algo depreciativo e ressentido com que Antoine ainda fala do facto de Simone trabalhar: *Ma femme travaille, bien sûr... Pour payer ses cigarettes*.

Um pouco mais abaixo temos *Mais Antoine Veil, esprit curieux et paradoxal, pressent que la coupure business-politique est artificielle / Mas Antoine Veil, espírito curioso e paradoxal, considera que o fosso negócio-política é artificial*. Aqui, procedi à substituição semântica do referente *coupure* por *fosso*, não deixando, no entanto, que a carga conotativa que ele veiculava, desaparecesse.

Logo a seguir, já no final da página 169, voltei a recorrer a um equivalente funcional ao traduzir *Mme le substitut Simone Veil* por *Senhora Delegada do Ministério Público*.

Na página 174, na expressão *Voulant coûte que coûte «en sortir» / querendo, custe o que custar, «ver o fim disto»*, optei pela substituição semântica com uma ligeira alteração por me parecer que, esteticamente, é mais agradável do que a tradução literal

«sair disto».

Não posso deixar de referir que, ao longo da página 175, aparece o pronome pessoal *Elle*, repetido inúmeras vezes, mas que eu mantive por considerar que se trata de uma repetição anafórica com que o autor quis evidenciar, por um lado, que todo o processo recaía na pessoa de Simone e, por outro, para relevar todo o seu empenho na resolução do assunto adoção.

Finalmente, na página 177, surge a expressão *pour ne pas perdre une miette du **happening** permanent et délirant*. Mantive o referente sublinhado por considerar que se trata de um referente transversal a várias culturas e que, por isso, não deveria substituí-lo pelo equivalente “acontecimento”, até porque um acontecimento é algo de pontual, não se prolonga no tempo, bem ao contrário do maio de 68, que durou bastante.

Tradução: *para não perder uma migalha do happening permanente e delirante*.

3.3. Glossário

Citando João Barrento (2002: 29) há que ter em conta «os elementos lexicais “intraduzíveis”, devido às cargas denotativas, experienciais e culturais que as palavras transportam consigo». Por isto, na elaboração deste Glossário, foi propositada a intenção de não o fazer segundo uma linha temática, mas, colocando-me na posição do possível leitor desta tradução, optar por escolher e clarificar o sentido de todos os vocábulos passíveis de estranheza pois muitos são marcas próprias da cultura do texto de partida, o que torna mais difícil a sua compreensão se se desconhecer essa cultura.

. **Alleg** (Henri) – Antigo diretor do jornal *Alger Républicain*, apanhado numa armadilha montada em casa da família Audin. Foi preso e torturado pelos paraquedistas argelinos.

. **ALN** (*Armée de Libération Nationale*) – Exército de Libertação Nacional, criado em 1954, constituiu o braço armado da FLN (Front de Libération National) em guerra até 1962 contra a presença colonial francesa, na Argélia.

. **Amicale d’Auschwitz** – Nome dado ao *Cercle d’Etude de la Déportation et de la Shoah*. É uma associação de professores convictos de que o estudo da Deportação e do Holocausto tem um interesse universal, que pode dar a todos, hoje e amanhã, os meios de refletir e de resistir às tentações racistas, xenófobas e totalitárias.

. **Aron** (Raymond) – (1905-1983), filósofo, sociólogo e politólogo cujas ideias liberais e análises de matéria internacional marcaram profundamente a vida intelectual francesa do pós-guerra.

. **Arrondissement** – Divisão administrativa de Paris que decompõe a cidade em vinte *arrondissements* municipais, atribuindo-se um número a cada um. Os números mais baixos são atribuídos aos mais centrais e os mais elevados aos mais distantes. Cada *arrondissement* está subdividido administrativamente em quatro bairros (*les quartiers*) que correspondem aos quartos noroeste, nordeste, sudoeste e sudeste de cada um.

. **Audin** (Maurice) – Assistente francês de Matemática na Universidade de Argélia, membro do Partido Comunista Argelino e militante da causa anticolonialista, foi torturado e morto pelos serviços franceses por defender a independência argelina.

. **Axe** – A Segunda Guerra Mundial foi feita principalmente por duas alianças: o Eixo e os Aliados. A Alemanha, a Itália e o Japão tornaram-se conhecidos como “as potências” do Eixo. Os estados Aliados eram a China, a França, a Grã-Bretanha, a União Soviética e o Japão.

. **Chargeurs Réunis** – Companhia de Navegação fundada em 1872, no Havre, pelo banqueiro parisiense Jules Vignal.

. **Comité de la Libération nationale** – Organismo governamental pelo qual se efetuou, em junho de 1943, a fusão das duas autoridades francesas participantes na guerra com os Aliados: o Comité nacional francês de Londres, dirigido pelo General de Gaulle, chefe da França livre, e o Comandante civil e militar de Argélia, dirigido pelo General Giraud, a fim de unificar o esforço de guerra francês e preparar a Libertação.

. **Département** – Divisão administrativa de França. Estas divisões formam o segundo nível de divisão territorial da República Francesa, logo a seguir às regiões administrativas que são agrupamentos de departamentos.

. **ENA** (*École Nationale d'Administration*) – Fundada pelo General de Gaulle em outubro de 1945, a Escola Nacional de Administração é um prestigiado estabelecimento de ensino superior (*Grandes Écoles*) de onde têm saído grandes vultos da política

francesa. Aquando da sua criação, visava renovar a alta função pública, democratizando-a. A escolaridade na ENA compõe-se de estágios nas administrações francesas e de ensinamentos teóricos.

. **FLN** – Frente de Libertação Nacional, de Argélia.

. **Harkis** – Argelinos partidários da manutenção francesa durante a guerra da Argélia com a França.

. **Hôtel Matignon** – Residência oficial do Primeiro-Ministro de França.

. **Joanovici** (Joseph) – Sucateiro francês de origem romena e de confissão israelita, fornecedor de metal para as autoridades alemãs durante a Ocupação, mas também fornecedor da Resistência, e possível agente do Komintern soviético (termo com que se designa a Internacional Comunista). As suas atividades torná-lo-ão milionário, mas em 1949 é condenado a cinco anos de prisão por colaboração. Libertado sob condições, tenta, em vão, instalar-se em Israel antes de ser preso, novamente. É libertado em 1962 por razões de saúde e morre arruinado a 7 de fevereiro de 1965.

. *Le chemin des Dames* – Planalto calcário, transformado em fortaleza pelos Alemães aquando da 1ª Grande Guerra, travando-se aqui uma batalha conhecida por “*batalha do Chemin des Dames*”. Tratou-se de uma ofensiva francesa, sob as ordens do General Nivelles, na tentativa de romper a frente alemã em que morreram quase duzentos mil franceses, a 16 de abril de 1917.

. **Levi** (Primo) – Químico e escritor italiano. Escreveu memórias, contos, poemas e novelas. É mais conhecido pelo seu trabalho sobre o Holocausto, em particular, por ter sido um prisioneiro em Auschwitz-Birkenau. O seu livro *Si c'est un homme (Se isto é um homem)* é considerado um dos mais importantes trabalhos memorialísticos de século vinte.

. **Libération** (Libertação) – Período que corresponde, no final da Segunda Guerra

Mundial, à tomada progressiva pelos Aliados das regiões de França sob o domínio alemão. Traduz, pois, o fim da ocupação militar alemã, o fim do regime de Vichy e o estabelecimento do Governo Provisório da República.

. **M.R.P.** – Movimento Republicano Popular, constituído por elementos social e politicamente heterogéneos, quase todos católicos, favoráveis a reformas sociais, preconizando uma política de temporização com os comunistas colaborando, por isso, com estes no Parlamento e no Governo. Era, no entanto, considerado um partido anti-comunista.

. **Maquis** – Terrenos altos no sudeste da França com grandes matagais onde grupos da Resistência armada se esconderam, chamando-se *maquisards* aos membros desses grupos resistentes.

. **Normalien** – Aluno da École Normale Supérieure de Paris, escola de grande prestígio cujas origens remontam a 1794.

. **Odéon** – Um dos seis teatros nacionais de França, localizado no 6º *arrondissement* de Paris, na margem esquerda do Sena.

. **Pétain** (Philippe) – Chefe militar ao qual foi atribuído o título de Maréchal de France (a mais alta distinção militar francesa), em 1918, pelos seus feitos aquando da Primeira Guerra Mundial, nomeadamente durante a batalha de Verdun. Em 1940, já com 84 anos, tornou-se presidente do Conselho e opôs-se a uma guerra que dizia perdida. Foi, então, que, a 17 de junho, proferiu um discurso em que apelava ao fim do combate. Nesse mesmo ano, a 22 de junho, assinou o armistício e deu início à colaboração com a Alemanha nazi, sendo Chefe do Estado Francês durante os quatro anos de ocupação alemã. Em 1945, após a Libertação, perdeu o título de marechal e foi acusado de indignidade nacional e condenado a prisão perpétua.

. **Préfecture** – Região ou departamento administrado por um *préfet*.

. **Préfet** – Alto funcionário representante do poder central num departamento ou numa região.

. **Quai d’Orsay** – nome de um cais na margem esquerda do rio Sena, onde fica a Assembleia Nacional Francesa e o Ministério das Relações Exteriores. É também aqui que se situa o Quartel da Polícia Judiciária.

. **RPR** (*Rassemblement Pour la République*) – Partido político de direita, com uma ideologia inspirada em de Gaulle e na Resistência. Foi criado em 1976 por Jacques Chirac.

. **Sciences-Po** – *École libre des sciences-politiques*, mais frequentemente designada por *Sciences-Po*, criada em 1870, com o fim de formar as elites francesas. Depois de 1945, ficou ligada à Universidade de Paris sob o nome de *Institut d’études politiques*.

. **Soixante-huitards** – Revoltosos de maio de 68.

. **Vichy** – Cidade termal onde o governo se instalou após o armistício. Os parlamentares deram, em julho, plenos poderes constituintes ao marechal Pétain e atribuíram-lhe o título de Chefe de Estado. Por isto, durante mais de quatro anos, Vichy foi a sede do governo francês. A partir de 1940, o regime de Vichy praticou uma política repressiva em nome da ordem e da luta contra a anti-França.

CONCLUSÃO

Tecendo, agora, algumas considerações finais, retomarei as transcrições utilizadas como fio condutor deste trabalho.

Ao entrarmos numa livraria, deparamo-nos com uma enorme quantidade e variedade de textos biográficos, uns romanceados, outros mais rigorosos, pelo que será talvez legítimo afirmar que se trata de um tipo de texto em expansão.

De qualquer modo, há que ter em conta que a elaboração de uma biografia não é, certamente, tarefa fácil nem pode ser tomada de ânimo leve, porque, desde a escolha do biografado, até às fontes, passando pelo processo de tratamento das informações, tudo tem de ser rigoroso para ser credível. Aceitar-se e encontrar um lugar próprio na tipologia textual para este tipo de discurso ainda não aconteceu plenamente, dado que o discurso memorialista não engloba apenas a biografia mas também outros géneros de texto que, tendo igualmente a memória na sua essência, não deixam de ter outras características. Porém, dada a participação do número cada vez maior de jornalistas a fazerem o chamado “jornalismo biográfico” e a utilizarem os recursos próprios da literatura, talvez se chegue àquilo a que se poderá chamar “jornalismo literário”.

O ato de traduzir, e citando Steiner, (98: 17) «est, formellement et pragmatiquement, implicite dans tout acte de communication, dans l'émission et la réception de tous les modes de sens, que ce soit dans le sens sémiotique le plus large ou dans des échanges plus spécifiquement verbaux. Comprendre, c'est déchiffrer. Entendre une signification, c'est traduire.»

Para além dos aspetos implícitos na citação, há que atender sempre, para além da relação que se estabelece dentro da trindade – escritor, tradutor e leitor –, ao contexto em que a frase ou o texto se integram de modo a não ser apenas uma cópia do texto de

partida. «Le traducteur doit avant tout reformuler la phrase source sur la base d'une conjecture qu'il émet quant au monde possible qu'elle décrit, et c'est seulement après qu'il pourra décider de traduire» (Eco, 2003: 309). O tradutor tem, então, de possuir não só uma competência linguística mas também cultural porque são estas que lhe permitirão tomar decisões interpretativas do texto em que trabalha.

Se, por um lado, me pareceu ter sido um intérprete mais ou menos fiel ao texto de partida, por outro, é indubitável que estamos em presença de um texto recriado. Ainda que, perante tantas dúvidas, tantas decisões a tomar, tantas escolhas a efetuar, seja talvez um abuso da minha parte fazer uma tal afirmação, é dessa recriação que o título do meu projeto pretende dar conta: **Recriar na tradução – Simone Veil: Destin.**

Porque no ato de traduzir existe o encontro, e por vezes mesmo o confronto de duas línguas diferentes, logo de duas culturas também diferentes, houve vários momentos em que o aspeto cultural me fez sentir mais fragilizada. Se algumas dificuldades linguísticas foram resolvidas de forma pacífica, o mesmo não aconteceu com as marcas culturais, pois tive de proceder a pesquisas mais variadas e aprofundadas para perceber o que diferenciava o texto de partida da nossa cultura, o que só confirma o que disse atrás: todo o tradutor deve ter os conhecimentos linguísticos e culturais que o levem à escolha mais acertada porque não pode deixar de ter também em conta as expectativas do possível público-alvo da sua tradução o qual “espera” uma compreensão total do que lhe é oferecido.

De qualquer modo, e apropriando-me de uma expressão de Vermeer, citado por Conceição Lima (2010: 39), espero ter conseguido *destronar o texto de partida*.

Finalmente, mas não menos importante: Simone Veil, a mulher *peau de pêche* /

peau de vache, «*la magistrate-pompier*» durante a guerra de Argélia, «*la magistrate-nounou*» quando os objetores de consciência foram colocados sob a sua proteção ou a «*magistrate-combattante*» quando a França se desonra no caso de Djamilia Boupacha e ela não deixa que a infâmia prossiga... (Szafran: 163).

Atravessou o século vinte, conhecendo todos os tormentos e todas as esperanças desta época. Categórica e rigorosa, nunca se deixou deslumbrar pelas honrarias, pelas amabilidades excessivas ou pela fraqueza de algumas bajulações. Continuando a ter a sua feliz infância como ponto de referência, sempre conseguiu falar de Auschwitz sem ódio e com algum retraimento, quase pudor, dir-se-ia. Porém, o seu génio também se manifestava em variados momentos, nomeadamente, quando alguém tomava a sua tatuagem de deportada por uma senha do vestiário que teria ficado colada ao seu braço.

Ministra, presidente do Parlamento Europeu, membro do Conselho Constitucional, desde o General de Gaulle até Valéry Giscard d'Estaing, desde Mitterrand a Sarkozy, viveu quarenta anos da sua vida embrenhada na vida política francesa.

Terá criado amizades e ódios, terá tido entusiasmos e desgostos, umas vezes ternurenta e engraçada, outras, embirante e teimosa, foi esta a vida de Simone Veil, a mulher que tem um percurso certamente sonhado por muitas mulheres que gostariam de ver o seu trabalho reconhecido como um bem para todo um povo, um bem para a Humanidade.

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia ativa

SZAFRAN, Maurice. (1994). *Simone Veil: Destin*. Éditions Flammarion. Paris.

2. Bibliografia passiva

BARRENTO, João. (2002). *O Poço de Babel*. Relógio d'água. Lisboa.

CEIA, Carlos. (2010). *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. Editorial Presença. Lisboa.

ECO, Umberto. (2006). *Dire presque la même chose*. Tradução de Myrien Bouzaher. Grasset. Paris.

http://fr.wikipedia/wiki/Maurice_Thorez, acedido em setembro de 2011.

<http://bibliobs.nouvelobs.com/essais/20071025-BIBO226/entretien-avec-simone-veil-html>, acedido em outubro de 2011.

http://fr.wikipedia.org/wiki/Joseph_Joanovici, acedido em setembro de 2011.

http://www.education.gouv.fr/cid_215/le-lycée.html, acedido em junho de 2011.

<http://www.linternaute.com/biographie/Simone-Veil-1/biographie>, acedido em 30 de maio de 2011.

LAMONTAGNE, Marie André. (2005). *Simone Veil – Le coeur et la raison*. Contact.

L'Encyclopédie de la Création.

http://www.contacttv.net/i-dossier_recherche.php.id_rubrique=127, acedido em setembro de 2011.

LELEU, G. «Les rêves secrets du clitoris».

<Doctissimo.fr/html/sexualité/anatomie/8648-clitoris-reves-secrets.Htm>,
acedido em junho de 2011.

LIMA, Conceição. (2010). *Manual de Teoria da Tradução*. Edições Colibri. Lisboa.

NERCOLINI, M. «A questão da tradução cultural». Portal Literal 1.0, Rio de Janeiro
(AJ) 1/8/2008 (<http://www.literal.com.br/artigos/a-questão-da-tradução-cultural>),
acedido em maio de 2011.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. (2008). «A Biografia no Âmbito do jornalismo
Literário». *Revista Eletrônica TEMÁTICA*. <http://www.insite.pro.br/index2.html>,
acedido em maio de 2011.

RICOEUR, Paul. (2004). *Sur la traduction*. Bayard. Paris.

SARAIVA, António José. (1993). *Cultura*. Difusão Cultural. Lisboa.

STEINER, George. (1998). *Après Babel. Une poétique du dire et de la traduction*.
Tradução de Lucienne Lotringer e Pierre-Emmanuel Dauzat. Éditions Albin
Michel. Paris.

VEIL, Simone. (2007). *Discours 2002-2007*. Éditions Le Manuscrit. Paris.

VEIL, Simone. (2008). *Uma vida*. Tradução de Sara Canelhas. Livros de Seda. Lisboa.

WECKSTEEN, Corinne. (2008). «La traduction des connotations culturelles: entre
préservation de l'Étranger et acclimatation». *Archive of Sid*, Université Lille
Nord, acedido em março de 2011, em
http://www.sid.ir/en/VEWSSID/J_pdf/110120070407.pdf.

3. Dicionários

Dicionário da Língua Portuguesa. (2010). Porto Editora. Porto.

Dicionário Francês-Português / Português-Francês. (2007). Texto Editores. Lisboa.

Francês-Português Dicionário do Tradutor. (2003). Editor Noémio Ramos. Faro.

Le Petit Robert. (1984). Le Robert. Paris.

Dictionnaire des Expressions et Locutions figurées. (1979). Le Robert. Paris.

Dictionnaire du Français Non Conventionnel. (1980). Hachette. Paris.

Grammaire Larousse du Français Contemporain. (1977). Librairie Larousse. Paris.